



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



PROFLETRAS



RAQUEL LONGUINHO LOPES DE ALMEIDA

O SEMINÁRIO NA SALA DE AULA: TEORIA, ANÁLISE E INTERVENÇÃO

**UBERLÂNDIA
2017**

RAQUEL LONGUINHO LOPES DE ALMEIDA

O SEMINÁRIO NA SALA DE AULA: TEORIA, ANÁLISE E INTERVENÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e letramentos

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Orientadora: Profa. Dra. Elisete Maria Carvalho de Mesquita

**UBERLÂNDIA
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A447s Almeida, Raquel Longuinho Lopes de, 1987-
2017 O seminário na sala de aula: teoria, análise e intervenção / Raquel Longuinho Lopes de Almeida. - 2017.
137 f. : il.

Orientadora: Elisete Maria Carvalho de Mesquita.
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.11>
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Teses. 3. Seminários (Estudo) - Teses. 4. Linguagem e línguas - Teses. I. Mesquita, Elisete Maria Carvalho de. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).III. Título.

CDU: 801

RAQUEL LONGUINHO LOPES DE ALMEIDA

O SEMINÁRIO NA SALA DE AULA: Teoria, análise e intervenção

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Letras.

Uberlândia - MG, 07 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Profa Dra Elisete Maria Carvalho de Mesquita (Presidente)
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Profa. Dra. Cláudia Moraes Goulart
Escola de Educação Básica (ESEBA)



Profa. Dra Marlúcia Maria Alves
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar comigo e ser a inspiração da minha vida.

Agradeço à minha família pela dedicação, pela compreensão e pelo apoio, em especial minha mãe, esposo, filho, avó e prima Tereza.

Aos meus pastores Samuel e Jomara e discípulos, pelo apoio e oração.

Aos amigos do PROFLETRAS, que me ajudaram de diferentes formas a tornar possível meu sonho.

A minha orientadora, Profa. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita, pela dedicação, paciência e motivação.

À escola participante da pesquisa: alunos, professores, diretora, equipe de serviços gerais, administrativa e pedagógica, por me permitir realizar este estudo.

À coordenação, secretários e professores do PROFLETRAS da Universidade Federal de Uberlândia, pelo excelente ensino, incentivo e colaboração em minhas pesquisas.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

A todos que, de forma direta ou indireta, por meio de orações e ações fizeram de tudo para que este trabalho fosse realizado.

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...

Rubem Alves

RESUMO

Atualmente, a presença dos gêneros na sala de aula é muito importante, pois o trabalho com base nos diferentes aspectos dessas entidades sócio-discursivas contribui para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos. Nesse contexto, os gêneros orais são muito importantes, uma vez que por meio deles o aluno tem a oportunidade de explorar a oralidade formal e informal, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Dentre os gêneros orais, destacamos o seminário, gênero muito utilizado em diversas esferas da atividade humana. Considerando a relevância desse gênero para a vida acadêmica e social do aluno, esta pesquisa buscou oportunizar aos alunos de 9º ano do Ensino Fundamental o desenvolvimento de habilidades específicas para a apropriação, o domínio e o efetivo uso social do gênero oral seminário. Para tanto, foi realizada uma pesquisa-ação com o desenvolvimento de uma proposta didática, que foi aplicada nas aulas de Língua Portuguesa. Nessa proposta, os alunos foram os protagonistas da produção de conhecimento, pois tiveram a oportunidade de mostrar a outras turmas do 9º ano da escola como produzir um seminário. O professor, por sua vez, foi o mediador dessa produção de conhecimento, realizando um trabalho prévio com dois outros gêneros orais: o debate e a entrevista. Os resultados obtidos com a aplicação da proposta didática permitem afirmar que a pesquisa alcançou seu objetivo de que os alunos de maneira geral aprendessem como preparar e produzir oralmente um seminário e que o professor tivesse mais uma opção de como ensinar esse gênero oral no Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Gêneros orais. Seminário. Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

Currently, the presence of genders in the classroom is very important, since work based on the different aspects of these socio-discursive entities contributes to the development of students' discursive competence. In this context, oral genres are very important, since through them the student has the opportunity to explore formal and informal orality both inside and outside the classroom. Among the oral genres, we highlight the seminar, a genre widely used in various spheres of human activity. Considering the relevance of this genre to the academic and social life of the student, this research sought to provide the students of the 9th year of primary education with the development of specific skills for the appropriation, mastery and effective social use of the oral genre seminar. For that, an action research was carried out with the development of a didactic proposal, which was applied in Portuguese Language classes. In this proposal, the students were the protagonists of the production of knowledge, because they had the opportunity to show other classes of the 9th grade of the school how to produce a seminar. The teacher, in turn, was the mediator of this production of knowledge, performing a previous work with two other oral genres: the debate and the interview. The results obtained with the application of the didactic proposal allow to affirm that the research reached its objective that the students in general learned how to prepare and produce orally a seminar and that the teacher had another option of how to teach this oral genre in Elementary School.

Keywords: Oral genres. Seminar. Teaching and learning of Portuguese Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	Proposta provisória de agrupamento de gêneros	23
FIGURA 1	Esquema da sequência didática	26
FIGURA 2	Fluxo das ações.....	29
QUADRO 2	O gênero seminário no Ensino Fundamental	52
QUADRO 3	Instrumento de registro e análise	57
QUADRO 4	Gênero oral seminário	67
QUADRO 5	Perguntas sobre a constituição do seminário.....	69
QUADRO 6	Perguntas para o debate sobre a oralidade nos vídeos	71
QUADRO 7	Perguntas de reflexão sobre as apresentações do seminário dos colegas.....	74
QUADRO 8	Etapas da proposta didática	77
QUADRO 9	Respostas dos alunos sobre o gênero seminário (conhecimentos prévios).....	78
QUADRO 10	Diário de campo do seminário diagnóstico “O uso de drogas ilícitas e seus efeitos no corpo”	81
QUADRO 11	Diário de campo do seminário diagnóstico “O uso de drogas ilícitas na adolescência”	82
QUADRO 12	Diário de campo do seminário diagnóstico “O impacto das drogas ilícitas na família”	83
QUADRO 13	Diário de campo do seminário diagnóstico “O uso de drogas ilícitas e a violência”	84
QUADRO 14	Transcrição do diálogo entre os alunos e a professora sobre a apresentação do Seminário Diagnóstico	85
FIGURA 3	Roteiro de entrevista do primeiro grupo (Efeito das drogas no corpo)	90
QUADRO 15	Transcrição do roteiro de entrevista do primeiro grupo (Efeito das drogas no corpo) ..	91
FIGURA 4	Roteiro de entrevista do segundo grupo (Uso de drogas na adolescência)	91
QUADRO 16	Transcrição de parte do roteiro de entrevista do segundo grupo (Drogas ilícitas na adolescência)	92
FIGURA 5	Alunos realizando entrevista com um colega da escola	92
FIGURA 6	Alunos lendo e debatendo suas pesquisas sobre o tema do seminário	94
FIGURA 7	Parte da pesquisa dos alunos sobre O efeito das drogas no corpo.....	94
QUADRO 17	Transcrição de parte da pesquisa dos alunos (Efeito das drogas no corpo)....	95
FIGURA 8	Parte da pesquisa dos alunos sobre O impacto das drogas na família	95

QUADRO 18	Transcrição de parte da pesquisa dos alunos (O impacto das drogas na família)	96
FIGURA 9	Alunos realizando o debate sobre o tema do seminário	97
FIGURA 10	Roteiro de apresentação do seminário sobre o uso de drogas na adolescência	97
QUADRO 19	Transcrição de parte do roteiro de apresentação do seminário O uso de drogas ilícitas na adolescência	98
FIGURA 11	Roteiro de apresentação do seminário sobre o impacto das drogas na família	98
QUADRO 20	Transcrição de parte do roteiro de apresentação do seminário O impacto das drogas na família	99
QUADRO 21	Discussão entre a professora e os alunos sobre a estrutura composicional do gênero (com base no vídeo assistido)	101
QUADRO 22	Análise do estilo dos seminários dos vídeos assistidos, com adaptações da professora	102
QUADRO 23	Diário de campo Seminário Final sobre o tema O impacto das drogas ilícitas na família.....	104
QUADRO 24	Diário campo do Seminário Final sobre o tema O uso de drogas ilícitas na adolescência	105
QUADRO 25	Diário de campo do Seminário Final sobre o tema O uso de drogas ilícitas e o efeito no corpo.....	106
QUADRO 26	Diário de campo do Seminário Final sobre o tema O uso de drogas ilícitas e a violência	108
QUADRO 27	Transcrição de parte das falas dos alunos (<i>feedback</i> entre alunos-ouvintes e alunos-participantes com a intermediação da professora).....	109
QUADRO 28	Resultados da discussão com os alunos sobre as apresentações dos seminários finais	111
QUADRO 29	Trecho das falas dos participantes do grupo “O uso de drogas ilícitas e a violência”: Seminário Diagnóstico	113
QUADRO 30	Trecho das falas dos participantes do grupo “O uso de drogas ilícitas na adolescência”: Seminário Final.....	114
QUADRO 31	Trecho das falas dos participantes do grupo “O uso de drogas ilícitas na adolescência”: Seminário Diagnóstico.....	115
QUADRO 32	Trecho das falas dos participantes do grupo “O impacto das drogas na família”: Seminário Final	116
QUADRO 33	Trecho das falas dos participantes do grupo “O uso de drogas e a violência”: Seminário Diagnóstico	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E GÊNEROS	17
1.1 O ponto de vista de Bakhtin	17
1.2 O ponto de vista de Dolz e Schneuwly	21
1.3 O ponto de vista de Marcuschi	27
1.4 As orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o ensino dos gêneros	30
2 A ORALIDADE E OS GÊNEROS ORAIS.....	35
2.1 Gêneros orais e o ensino da língua portuguesa.....	41
2.2 O gênero seminário: ensino e aprendizagem	47
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.1 Passos trilhados, instrumentos de coleta de dados e participantes	53
4 UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O GÊNERO SEMINÁRIO	58
4.1 Primeira etapa – Apresentação da situação.....	59
4.2 Segunda etapa – Seminário diagnóstico.....	60
4.3 Terceira etapa – Módulos	62
4.3.1 Módulo I – Trabalho com os gêneros orais debate e entrevista	62
4.3.2 Módulo II – Características do gênero seminário.....	67
4.3.3 Módulo III – Planejamento do seminário.....	72
4.4 Quarta etapa – Produção final.....	73
5 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA	76
5.1 Descrição e análise da aplicação da proposta didática	76
5.2 Primeira etapa: Apresentação da situação	77
5.3 Segunda etapa: Seminário diagnóstico	80
5.4 Terceira etapa: A aplicação dos Módulos.....	88
5.4.1 Módulo I: Trabalho com os gêneros orais debate e entrevista	88
5.4.2 Módulo II: Características do gênero seminário.....	99
5.4.3 Módulo III: Preparação do seminário final	103
5.5 Algumas considerações sobre a apresentação do seminário final dos alunos aos colegas de outras turmas.....	108
5.6 Considerações sobre a interação professor-alunos após as apresentações	111
5.7 Considerações sobre os seminários produzidos.....	112
5.7.1 Conteúdo temático.....	117
5.7.2 Estilo.....	118
5.7.3 Estrutura composicional	119

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE A – Projeto “Colégio contra as drogas”	129
APÊNDICE B – Declaração da Instituição Coparticipante	134
APÊNDICE C – Termo de Compromisso da Equipe Executora.....	135
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o/a responsável pelo/a menor participante da pesquisa	136
ANEXO B – Termo de Assentimento para o Menor	137

INTRODUÇÃO

De acordo com Soares (2002), o ensino de Língua Portuguesa tornou-se obrigatório nas escolas do Brasil a partir da Reforma Pombalina, na metade do século XVIII. Antes disso, o ensino de Língua Portuguesa era determinado por fatores externos, como condições sociais e econômicas das famílias, por exemplo. Bem mais tarde, já no início do século XX, o ensino da língua passou a ser organizado como objeto e como meio para o conhecimento, embora a Língua Portuguesa ainda não fosse ensinada de maneira contextualizada, pois não se considerava o uso da linguagem em consonância com a(s) função(ões) comunicativa(s).

Essa situação começou a mudar a partir do momento em que estudiosos como Geraldi (1984), por exemplo, começaram a discutir três concepções de práticas de ensino para a linguagem: linguagem como expressão do pensamento; linguagem como instrumento de comunicação; linguagem como interação. Essa discussão contribuiu para que o ensino de Língua Portuguesa começasse a ser concebido como uma totalidade da qual fazem parte a leitura, a produção de textos e a análise linguística.

Posteriormente, a partir do final da década de 1990, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, 1998) pelo Governo Federal. Esses documentos, direcionados à Educação Básica, enfatizam as práticas sociais (interação) de linguagem no ensino da Língua Portuguesa. De acordo com esta perspectiva, o discurso se manifesta por meio de textos, e todo texto é organizado dentro de um determinado gênero¹.

Conforme postulam esses documentos, a linguagem é o instrumento pelo qual o ser humano se comunica, tem acesso à informação, expressa seu pensamento, articula ideias e produz cultura. E para tanto, faz-se necessário o domínio de uma língua.

Aprender uma língua significa, portanto, muito mais do que simplesmente conhecer e compreender os signos linguísticos e seus significados. Significa, também, refletir sobre a

¹ Rojo (2005) mostra a diferença entre gêneros textuais e gêneros discursivos, ressaltando a importância de se estudar a língua na perspectiva de gêneros discursivos, porque essa permite ao falante trabalhar suas competências discursivas. A autora diz que, ao trabalhar com o gênero, deve-se abordar primeiramente as instâncias sociais, ou seja, “os aspectos sócio-históricos da situação enunciativa” (ROJO, 2005, p.196). A competência discursiva só pode ser adquirida na interação verbal por meio dos gêneros, dentro das práticas sociais. Os gêneros discursivos possibilitam ao usuário da língua transitar de uma instituição a outra, de uma esfera a outra, participar ativamente das práticas sociais específicas de cada instituição e pensar em possibilidades de mudanças nessas práticas. Desse modo, é fundamental que o ensino da língua se dê por meio dos gêneros discursivos. Só assim conseguiremos desenvolver a competência discursiva dos alunos. Nesta pesquisa, usaremos, simplesmente, a expressão **gêneros**, por entendermos que essa indistinção não compromete a nossa proposta de trabalho.

natureza da comunicação, suas intenções nas diversas situações de interação sociais que exigem modos diversos de expressão da linguagem.

Partindo de uma visão interacionista da linguagem, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) (BRASIL, 1997b, 1998b) preconizam o ensino da Língua Portuguesa centrado em práticas significativas e contextualizadas, em que o uso das modalidades oral e escrita da língua e a análise e reflexão linguísticas sejam trabalhos essenciais no processo de aprendizagem, a fim de que o aluno desenvolva as quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. Assim, trabalhar com gêneros é uma boa proposta para contextualizar o aluno sobre o uso da língua, seja como prática de letramento, seja como prática de oralidade².

Pensando no uso dos gêneros, especialmente o que diz respeito aos gêneros orais, pode-se dizer que é extremamente importante que a oralidade seja trabalhada na sala de aula, pois o ser humano possui a necessidade de se expressar, sobretudo, oralmente. Sabemos que o aluno chega à escola falando e já traz consigo marcas de sua cultura que devem ser preservadas e respeitadas.

Assim, a prática da oralidade permite a interação com o outro e a expressão da cultura de uma comunidade. Em muitos casos, nem todos os alunos sabem usar a fala formalmente e, portanto, não sabem produzir gêneros orais formais, que são a materialização dessa fala formal. Desse modo, acreditamos que seja papel da escola fazer com que o aluno pratique a oralidade e produza gêneros orais formais e especialmente que ele desenvolva sua competência discursiva nas aulas de língua portuguesa.

Defendemos a necessidade de ensinar o aluno a se expressar oralmente, tanto na escola quanto fora dela, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio e posteriormente no Ensino Superior. E confiando na proposta do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Uberlândia, que nos apresenta uma ótima oportunidade de refletir sobre nossa prática docente, para que, em seguida, tenhamos condições de descrever/analisar o fenômeno escolhido para estudo e apresentar uma proposta interventiva, é que decidimos nos debruçar sobre o gênero seminário. De acordo com Bezerra (2003), o seminário é

² Consideramos, tal qual Marcuschi (2001), a fala como modalidade do uso da língua, a oralidade como prática social do uso da língua e letramento segundo Bortoni-Ricardo (2004, 2005), como toda prática social que tem apoio no texto escrito. Segundo a autora, o letramento estabelece uma relação com a oralidade em um continuum entre eventos de oralidade e eventos de letramento, que podem ser mais ou menos monitorados estilisticamente pelo locutor pela observação do nível de formalidade e informalidade, devendo-se adequar ao ambiente de comunicação (aspectos importantes a serem trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa).

[...] mais um gênero discursivo, pois sua composição (discussão oral, apoiada em textos escritos, estruturada em apresentação do tema, discussão e avaliação final, ou seja, envolvendo sequências textuais expositivas, descritivas, argumentativas e/ou narrativas), estrutura-se de acordo com necessidades comunicativas dos membros de um grupo social (no caso, alunos e professores), usando estruturas linguísticas semiformais, com o objetivo de estudar e refletir sobre certo tema. (BEZERRA, 2003, p. 4).

O seminário em nossa concepção é um gênero oral, formal, expositivo, que pode ser realizado individualmente ou em grupo, com o objetivo de expor conhecimentos sobre determinado assunto. Também é extremamente importante para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos e sua produção é muito solicitada pelos professores na Educação Básica e no Ensino Superior.

Para desenvolver o seminário, os alunos, em grupos ou individualmente e sob a orientação do professor, trabalham com o objetivo de estudar, investigar, debater um ou mais temas e expor oralmente os conhecimentos adquiridos.

Esse gênero é muito utilizado em contextos escolares, quando um professor de qualquer disciplina quer avaliar o nível de conhecimento dos alunos sobre determinado assunto. No entanto, como muitas vezes o seminário não é tomado como um gênero oral a ser aprendido durante as aulas de língua portuguesa, o resultado das apresentações dos alunos nem sempre satisfaz a si mesmos e ao professor.

Desta forma, é comum, em situações de apresentação de seminários, os alunos irem para a frente da sala de aula, ficarem parados diante dos colegas, sem saberem como falar, o que fazer com as mãos, como se posicionar, como olhar para as pessoas, por exemplo. Além de, na maioria das vezes, usarem um texto escrito que leem durante a apresentação como uma espécie de “cola” ou decorar o que pesquisaram, sem ter a compreensão do que estão dizendo. É também comum os alunos apresentarem dificuldades para organizar previamente a apresentação, o conteúdo e a discussão dos textos sugeridos pelo professor. Com isso, costumam ficar envergonhados por não mostrarem domínio do tema proposto.

Dessa forma, as apresentações de seminários têm causado frustração tanto aos alunos quanto aos professores da Educação Básica e até do Ensino Superior. Para o professor, o trabalho com o seminário, em muitos casos, se configura como uma tentativa malsucedida de inovar e substituir a aula expositiva. Ademais, o seminário não é visto como a produção de um gênero discursivo.

A aprendizagem do gênero seminário é, portanto, relevante, pois sua apresentação acontecerá frequentemente, em diferentes ambientes, acadêmicos ou profissionais, em que o

expositor deverá demonstrar domínio do tema apresentado. Por isso, o aluno precisa se preparar para situações formais de uso da língua falada e também perceber que, embora o gênero seminário tenha uma estrutura composicional, tema e estilo, não basta que ele tenha algo escrito no papel sobre um determinado tema, como muitos alunos costumam fazer quando lhes é proposta a apresentação de um seminário ou de outros gêneros orais. Muito mais do que isso, a apresentação de um seminário exige o domínio de várias habilidades e, principalmente, o desenvolvimento de competências discursivas orais.

Pensando nesses aspectos sobre o uso da oralidade, sobre a produção de gêneros orais e, especificamente, sobre o gênero oral seminário, objetivamos produzir e aplicar uma proposta didática com alunos de 9º ano para se trabalhá-la a partir de um seminário diagnóstico avaliado pelo professor, com o ensino detalhado do gênero, sua estrutura composicional e suas funções comunicativas, a partir de outros gêneros orais: o debate e a entrevista.

Além disso, alunos de outras turmas do 9º ano terão a oportunidade de participar desse momento de produção de conhecimento, por meio de entrevistas após assistirem ao seminário dos colegas que desenvolveram a pesquisa e que serão neste momento os protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, tornando-se multiplicadores dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero seminário.

Acreditando que este trabalho possa contribuir para a diminuição das dificuldades enfrentadas pelos alunos ao lidarem com o seminário, e considerando a relação existente entre o ensino de língua portuguesa e de gêneros na sala de aula, levantamos as seguintes hipóteses:

- Muitos alunos apresentam dificuldades tanto para produzir o gênero seminário quanto para compreender o seu uso;
- A proposta didática pode ser uma boa estratégia para se trabalhar as características formais-discursivas do gênero seminário;
- Os alunos poderão ter a aprendizagem facilitada, se os demais colegas participarem do processo de produção do seminário;
- O professor poderá ensinar aos alunos como preparar e produzir um seminário, recorrendo a outros gêneros orais, tais como o debate e a entrevista.

Desse modo, a pesquisa tem o objetivo geral de oportunizar aos alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, de um colégio estadual de Aparecida de Goiânia-GO, o desenvolvimento de habilidades específicas para a apropriação, o domínio do gênero e o efetivo uso social do gênero oral seminário. E como objetivos específicos:

- Verificar, de forma diagnóstica, a capacidade dos alunos de compreender e produzir um seminário; trabalhar diferentes atividades, por meio de uma proposta didática, para que o aluno consiga compreender e produzir o seminário;
- Oportunizar um espaço de discussão sobre o gênero seminário, para que os alunos de uma turma de 9º ano ensinem aos colegas de outras turmas do mesmo ano como produzir esse gênero;
- Apresentar uma proposta didática aos professores sobre como ensinar aos alunos a preparar e apresentar um seminário por meio do uso de dois outros gêneros orais: o debate e a entrevista.

Para cumprir os objetivos de pesquisa e responder às questões suscitadas, esta dissertação está organizada em cinco capítulos, além desta Introdução. No primeiro capítulo, fazemos a revisão de alguns estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa e os gêneros, de acordo com o ponto de vista de vários autores importantes para a temática apresentada. No segundo, tratamos da prática da oralidade e o uso dos gêneros orais, de forma geral, e de maneira específica do gênero seminário. O terceiro capítulo refere-se aos procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. O quarto capítulo destina-se à apresentação da proposta didática aplicada aos alunos de 9º ano para a produção de um seminário. E o quinto capítulo apresenta a aplicação de nossa proposta didática e os resultados da pesquisa. Por último, as Considerações finais.

1 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E GÊNEROS

Atualmente, tanto no Brasil quanto no exterior, em diversos campos de estudo e mais especificamente na Linguística, há várias discussões a respeito dos gêneros. Essas pesquisas são importantes dentro e fora do contexto escolar, pois abordam o uso da linguagem, essencial para o cotidiano das pessoas, e tratam dos gêneros como entidades, como categoria do discurso e como prática social. Segundo Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005),

[...] ao tomar o conceito de gênero como categoria do discurso, a linguística aplicada amplia o horizonte de explicações para a linguagem. Verifica-se uma certa competição saudável em que diferentes abordagens buscam a melhor maneira de explicar o uso da linguagem em termos de contextos e práticas sociais específicos. (MEURER, BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 7-8).

Considerando a afirmação destes autores, neste capítulo apresentaremos e discutiremos os posicionamentos de outros autores a respeito dos gêneros. Começamos falando da concepção de Bakhtin (1997, 2011), um autor relevante para o estudo da linguagem e dos gêneros; na sequência, apresentamos a visão de Dolz e Schneuwly (1996, 2004), que abordam a importância do ensino por meio de gêneros e trazem uma estratégia de ensino que adotamos em nossa pesquisa, e, por fim, a de Marcuschi (2001, 2003, 2005, 2008), autor que discute como atrelar os gêneros ao ensino de Língua Portuguesa.

Além disso, para justificarmos o uso dos gêneros como objetos de ensino faremos algumas considerações a respeito das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCNLP (BRASIL, 1997b, 1998b). Entendemos que todos os posicionamentos são relevantes para o embasamento de nossa pesquisa sobre gêneros.

Em seguida, mostraremos a relação dessas referências com o ensino de Língua Portuguesa, além de falar sobre o ensino de gêneros orais, especificamente do seminário, gênero oral escolhido para este estudo.

1.1 O ponto de vista de Bakhtin

Os textos de Bakhtin (1997, 2011) são básicos para o estudo da linguagem e dos gêneros. Grande parte dos estudos sobre os gêneros foram escritos a partir de suas teorias; o autor nos mostra que eles são a materialização da linguagem e instrumentos extremamente importantes nas práticas sociais. E afirma que a linguagem pode ocorrer por meio de diversas

manifestações linguísticas, como escrita, fala, sons, gestos e expressões faciais.

De acordo com Bakhtin (1997), essas manifestações são bastante diversificadas, pois estão relacionadas às muitas esferas da atividade humana. Essas esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas ao uso da língua. E a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que são produzidos pelos integrantes de alguma esfera da atividade humana. O enunciado, por sua vez, reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. A partir dessa relação entre as esferas da atividade humana e os enunciados, surgem os gêneros.

Segundo Bakhtin (1997), cada esfera comunicativa apresenta seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. As funções (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana), específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Em outras palavras, os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera comunicativa, não apenas seu **conteúdo temático**, seu **estilo verbal**, ou seja, a seleção de recursos da língua, recursos gramaticais, fraseológicos e lexicais, mas há também uma **estrutura composicional** que deve ser considerada.

Nesse sentido, segundo Bakhtin (1997), há três aspectos que constituem os gêneros e que não podem ser desconsiderados se desejamos compreender determinado gênero em sua totalidade. Tendo em conta esse ponto de vista do autor é que ensinaremos o gênero seminário aos alunos em nossa proposta didática. Para tanto, estabelecemos um diálogo entre a teoria bakhtiniana no que diz respeito aos aspectos constitutivos dos gêneros e as características específicas do gênero seminário para facilitar a compreensão do professor ao ensinar esse gênero:

- **Conteúdo temático:** corresponde ao conjunto de temáticas que podem ser abordadas por um determinado gênero, ou seja, uma variedade de temas que podem ser tratados em um dado gênero. Em se tratando desta pesquisa, especificamente, o conteúdo corresponde ao assunto tratado por meio do gênero, no caso o tema proposto para o seminário.
- **Estilo verbal:** corresponde aos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais utilizados pelo enunciador. Deve-se observar o que é lexical, fraseológico, gramatical, na estrutura do gênero da linguagem oral ou escrita. É importante que o professor mostre diferentes exemplares de seminário por meio de vídeos, para que o aluno perceba/reflita que alguns detalhes podem mudar de acordo com a situação

comunicativa do uso do gênero. No seminário é o uso da língua oral formal e o respeito ao momento da apresentação de cada participante, além do uso de conectivos para ligar a fala de um participante a outro.

- **Estrutura composicional:** diz respeito à estruturação geral interna do enunciado, ou seja, é o esqueleto do gênero que envolve o uso da linguagem verbal e não verbal (estrutura básica de gêneros diferentes). Como o seminário é um gênero oral, há necessidade de interação com o público por meio de palavras, gestos e postura corporal. Além de uma organização na ordem de apresentação do participante ou dos participantes (saudação, apresentação do grupo e do tema, introdução, desenvolvimento, conclusão, espaço para perguntas e encerramento), segundo Schneuwly e Dolz (2004).

Rojó e Moura (2012) afirmam que é a partir dos elementos da teoria bakhtiniana dos gêneros que as práticas sociais são sempre realizadas de forma situada, numa determinada circunstância de comunicação. Essa situação de comunicação é determinada pela esfera de circulação, que é sempre contextualizada histórica e socialmente situada. A esfera de comunicação define, portanto, quem são os participantes e quais relações sociais podem ter entre eles. Além de determinar quais são as mídias e tecnologias que serão possíveis de serem usadas e também mostrar o conteúdo temático passível de ser abordado, pois não se pode falar de qualquer coisa em qualquer lugar. Os gêneros são definidos pela situação de interação, não são tratados como apenas um formato, mas definem formas de composição do enunciado em função de um tema para causar efeitos de sentido.

Bakhtin (1997) afirma, ainda, que os três conceitos – língua, enunciado e gêneros – estão intimamente relacionados ao bom funcionamento da comunicação e são determinados sócio-historicamente. Falamos e escrevemos por meio de gêneros. Os gêneros estão no cotidiano das pessoas, que usam um grande repertório deles, muitas vezes sem que elas tenham consciência disso. Até nas conversas mais informais, por exemplo, o discurso é moldado por um gênero.

Nesta abordagem, portanto, vemos que cada campo da comunicação produz os gêneros dos quais precisamos para nos comunicar. Tanto que, de acordo com nossa intenção, saberemos como empregá-los com êxito, sem, necessariamente, ter de conhecer a teoria que os envolve.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que a noção de gênero é respaldada pelas práticas sociais. Todo gênero tem um estilo e ele não é instrumento rígido e estanque, não se define pela forma, por sua função; assim propõe Bakhtin (1997):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Com o intuito de alcançar determinados objetivos nas várias esferas de comunicação, é necessário que o homem se aproveite de diferentes formas da língua em gêneros orais ou escritos. Por isso há uma infinidade heterogênea de gêneros que se materializam nas mais diversas situações de uso da linguagem. A esse respeito diz Bakhtin (2011):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Bakhtin (1997) associa a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas da atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Esta imensa heterogeneidade de esferas comunicativas resultou em uma grande “classificação”, dividindo os gêneros em dois grupos: primários e secundários. Os gêneros primários relacionam-se às situações comunicativas cotidianas, espontâneas, informais e imediatas, como a carta, o bilhete e o diálogo cotidiano. Os gêneros secundários, por sua vez, são geralmente mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como o teatro, o romance e as teses científicas. O que os diferencia, dentre outros aspectos, é o nível de complexidade em que se apresentam. Os gêneros secundários são criados a partir dos gêneros primários, que têm um enunciado com formas-padrão, conteúdo e possuem uma estrutura, mudando de acordo com as relações estabelecidas entre os interlocutores que os utilizam.

A partir disso, notamos que os gêneros estão presentes em nosso dia a dia, pela diversidade de textos verbais ou não verbais a que temos acesso, e que estes textos são resultados do uso efetivo da língua.

Desse modo, pensar os gêneros nas aulas de Língua Portuguesa, por exemplo, é escolher textos que fazem ou não fazem parte da situação comunicativa dos alunos e que são indispensáveis para seu conhecimento escolar ou de mundo, pensando sempre na estrutura e na função social que desempenham.

O papel do professor, no trabalho com os gêneros na sala de aula, é ser o mediador nesse processo de ensino-aprendizagem da relação do aluno com os diversos gêneros orais ou escritos, ensinando o aluno a ler e a escrever, formando-o como sujeito-autor-leitor de suas próprias palavras e ações.

A sala de aula é, portanto, um lugar de interação, diálogos entre sujeitos (alunos e professores) que se apropriam de conhecimentos produzidos pela humanidade, em uma concepção interacionista do uso da linguagem. Neste sentido, o texto direciona o trabalho com a linguagem em sala de aula, com atividades pedagógicas de falar, ouvir, escrever, escutar textos de Língua Portuguesa, como nos mostra Porto (2009).

1.2 O ponto de vista de Dolz e Schneuwly

Há hoje no Brasil e no exterior uma considerável bibliografia a respeito da contribuição de Dolz e Schneuwly para o estudo dos gêneros, tanto orais quanto escritos, em contexto didático, principalmente. Segundo os autores (1996, 2004), os gêneros são formas de funcionamento da língua, criados de acordo com as diferentes esferas da sociedade em que o indivíduo se insere, ou seja, são produtos da comunicação.

Dolz e Schneuwly (1996) concordam que o gênero é direcionado pela prática social da atividade da linguagem, portanto é uma grande produção da atividade humana. Considerando que uma ação de linguagem consiste em produzir, compreender, interpretar e/ou memorizar um conjunto de enunciados orais ou escritos, os autores entendem que a escola deve ser vista como lugar de comunicação e as situações escolares devem se constituir como oportunidades de produção/recepção de textos.

A escola pode ser um ambiente propício para que as ocasiões de produção de textos se multipliquem: na sala, entre alunos; entre turmas de uma mesma escola; entre escolas, que, por sua vez, podem produzir gêneros novos. O papel do professor, nesse contexto, é ensinar como os gêneros funcionam nas práticas de linguagem a que fazem referência. Schneuwly e Dolz (2004) evidenciam que

[...] é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes. [...] Os gêneros constituem um ponto de comparação que situa as práticas de linguagem. Eles abrem uma porta de entrada, para estas últimas, que evita que delas se tenha uma imagem fragmentária no momento de sua apresentação (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 74).

Segundo Schneuwly e Dolz (2004), há três maneiras de se conduzir o ensino na escola por meio da produção de gêneros:

- a) Usar o gênero como ferramenta de comunicação, objeto de ensino/aprendizagem;
- b) Perceber que a escola é um lugar de comunicação ou o autêntico lugar para produção/recepção de diversos textos;
- c) Refletir sobre quais ferramentas usar para produzir práticas de linguagem.

Toda introdução de um gênero na escola é resultado, portanto, de uma escolha didática que apresenta dois objetivos: o domínio de um gênero e a exposição/imersão do aluno em situações comunicativas para o uso desse gênero. Essa escolha se justifica pelo fato de os gêneros escritos/orais existirem em uma grande diversidade e por sua abrangência de acordo com os eventos sociais, tais como o diálogo, o relato pessoal, a carta, o bilhete, o e-mail, as mensagens eletrônicas, a receita de bolo e os textos publicitários.

Além disso, os gêneros podem ainda formar outros gêneros. Essa constatação nos leva a valorizar outro assunto importante, apresentado pelos autores: o trabalho com gêneros do mesmo agrupamento, uma vez que a introdução de outro gênero, pertencente ao mesmo agrupamento, possibilita a familiarização com a atividade discursiva e com elementos linguísticos semelhantes.

A proposta de agrupamento tem objetivos educativos, segundo Schneuwly e Dolz (2004), podendo funcionar como unidade organizadora do ensino e da aprendizagem da língua. No caso de nossa pesquisa, usaremos os gêneros orais debate e entrevista para preparar e praticar a produção de outro gênero oral, o seminário.

Na verdade, os autores optam por “agrupamentos de gêneros como instrumentos para construir a progressão por meio de tipologias do discurso e para favorecer uma maior sistematização do ponto de vista didático-pedagógico” (SCHNEUWLY; DOLZ 2004, p. 48).

O agrupamento de gêneros considera, além dos aspectos anteriormente mencionados, as transposições linguísticas de variados gêneros, um currículo flexível às diversas situações reais e cotidianas do aluno. Desta forma possibilita ao professor maior noção dos problemas a serem enfrentados no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, o professor precisa ter cuidado ao adaptar as características diferentes de cada um dos gêneros a ser estudado.

Schneuwly e Dolz (2004, p. 50) ressaltam, ainda, que, para que esses agrupamentos sejam realizados de maneira eficiente na escola, eles precisam obedecer a alguns critérios:

- i) Corresponder aos objetivos sociais da comunicação oral e escrita, relacionadas ao ensino;
- ii) Mostrar diferenças tipológicas;
- iii) Apresentar relativa homogeneidade no que se refere à capacidade de linguagem dentro de cada agrupamento dos gêneros.

A partir desses critérios, Schneuwly e Dolz (2004) apresentam uma proposta provisória de agrupamentos de gêneros, que reproduzimos a seguir.

QUADRO 1 – Proposta provisória de agrupamento de gêneros

Domínios sociais de comunicação Aspectos tipológicos Capacidades de linguagem dominantes	Exemplos de gêneros orais e escritos
Cultura literária ficcional Narrar Mimeses da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil	conto maravilhoso conto de fadas fábula lenda narrativa de aventura narrativa de ficção científica narrativa de enigma narrativa mítica sketch ou história engraçada biografia romanesca romance romance histórico novela fantástica conto crônica literária adivinha piada
Documentação e memorização de ações humanas Relatar Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	relato de experiência vivida relato de viagem diário íntimo testemunho anedota ou caso autobiografia curriculum vitae ... notícia reportagem crônica social crônica esportiva ...

	<p>Histórico</p> <p>relato histórico</p> <p>ensaio ou perfil biográfico</p> <p>biografia</p> <p>...</p>
<p>Discussão de problemas sociais</p> <p>controversos</p> <p>Argumentar</p> <p>Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição</p>	<p>texto de opinião</p> <p>diálogo argumentativo</p> <p>carta do leitor</p> <p>carta de reclamação</p> <p>carta de solicitação</p> <p>deliberação informal</p> <p>debate regrado</p> <p>assembleia</p> <p>discurso de defesa (advocacia)</p> <p>discurso de acusação (advocacia)</p> <p>resenha crítica</p> <p>artigos de opinião ou assinados</p> <p>editorial</p> <p>ensaio</p> <p>...</p>
<p>Transmissão e construção de saberes</p> <p>Expor</p> <p>Apresentação textual de diferentes formas dos saberes</p>	<p>texto expositivo (em livro didático)</p> <p>exposição oral</p> <p>seminário</p> <p>conferência</p> <p>comunicação oral</p> <p>palestra</p> <p>entrevista de especialista</p> <p>verbete</p> <p>artigo enciclopédico</p> <p>texto explicativo</p> <p>tomada de notas</p> <p>resumo de textos expositivos e explicativos</p> <p>resenha</p> <p>relatório científico</p> <p>relatório oral de experiência</p> <p>...</p>
<p>Instruções e prescrições</p> <p>Descrever Ações</p> <p>Regulação mútua de comportamentos</p>	<p>instruções de montagem</p> <p>receita</p> <p>regulamento</p> <p>regras de jogo</p> <p>instruções de uso</p> <p>comandos diversos</p> <p>textos prescritivos</p> <p>...</p>

Outra significativa contribuição de Schneuwly e Considerando a contribuição do agrupamento de gêneros proposto por Schneuwly e Dolz (2004) é que propomos, nesta pesquisa, a relação do seminário com dois outros gêneros orais – o debate e a entrevista –, que apresentam características que podem auxiliar na prática da oralidade e na preparação do gênero seminário no que diz respeito: i) ao trabalho do professor; ii) ao fato de o aluno aprender a lidar com mais facilidade com o seminário, tanto na escola quanto fora dela.

Dolz (2004) para o trabalho com diferentes gêneros, como ponto de partida e de chegada para o ensino de Língua Portuguesa, diz respeito à proposição do “modelo” conhecido como Sequência Didática (SD).

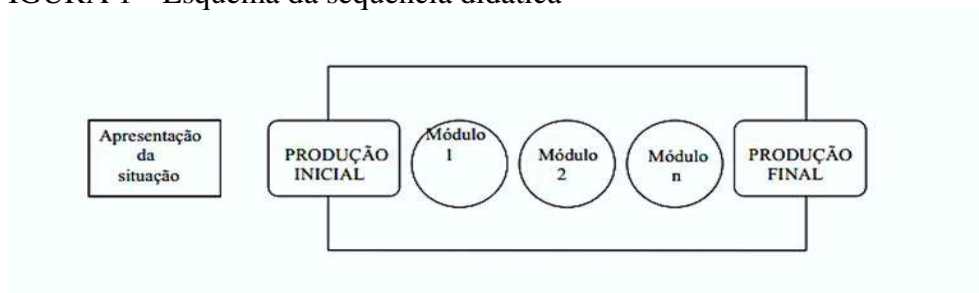
Essa ideia configura-se como uma estratégia de ensino que tem como objetivo uma boa seleção dos objetivos, os quais são definidos em etapas e módulos, para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos e apropriação de gêneros com funções sociais diferentes. A SD possibilita aos alunos colocar em prática os aspectos da linguagem já internalizados e aprender novos gêneros, afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004):

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. [...] As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83).

Segundo os autores, a SD é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito. Para realizar estes procedimentos, é importante discutir alguns princípios teóricos, o caráter modular, a diferença entre os trabalhos orais e escritos e a articulação entre os domínios de ensino da língua. As sequências não devem ser consideradas manuais, pois são excelentes sugestões de práticas de ensino. Portanto, cada professor deverá escolher gêneros orais e escritos, bem como as diferentes atividades de estruturação da língua, para melhor orientar seu trabalho.

A SD é representada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83) na seguinte estrutura básica:

FIGURA 1-- Esquema da sequência didática



Fonte: DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY (2004, p. 83)

De acordo com os autores, uma SD deve apresentar as seguintes etapas:

- a) **Apresentação da situação:** define-se pela construção de uma representação da situação de comunicação e do gênero proposto, na qual é descrita a tarefa a ser realizada a partir de dois pontos importantes: a “apresentação de um problema de comunicação bem definido” e a “preparação dos conteúdos dos textos que serão produzidos” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83-84). Os autores dizem que é neste momento que o professor motiva a turma pelo desejo de praticar suas competências discursivas.
- b) **Produção inicial:** é uma espécie de diagnóstico para alunos e professores sobre o conhecimento de determinado gênero, deve possibilitar a avaliação do conhecimento que os alunos já possuem e definir quais habilidades devem ser desenvolvidas até a produção final. É a produção inicial que irá mostrar ao professor a chave para a intervenção, a fim de solucionar os problemas mostrados.
- c) **Módulos:** são atividades sistematizadas a partir das quais serão trabalhadas as dificuldades dos alunos demonstradas na produção inicial. Cabe ao professor mostrar aos alunos os instrumentos necessários para a superação das dificuldades encontradas de início para chegar ao domínio do gênero. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 87) propõem a decomposição da atividade de produção “para abordar um a um, separadamente, seus diversos elementos”, a partir de três perguntas:

1. Quais as dificuldades dos alunos?
2. Como construir um módulo detalhando um problema?
3. De que forma registraremos os conhecimentos adquiridos durante os módulos?

O ensino por meio de módulos poderá permitir ao professor observar as dificuldades e as descobertas dos alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem com o gênero, pois, neste caso, o aluno constrói o conhecimento e interage socialmente com os colegas por meio das atividades propostas pelo professor.

- d) **Produção final:** é a atividade a partir da qual serão colocados em prática os conhecimentos adquiridos nos diferentes módulos, a fim de melhorar a produção inicial. Além de aprender o aluno poderá ser avaliado, considerando os critérios avaliativos do professor. Neste momento, o professor verificará se o aluno progrediu, construiu o conhecimento do gênero estudado e se adquiriu e aperfeiçoou competências discursivas.

A SD, tal qual concebida por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), configura-se, portanto, como boa estratégia para o processo de ensino-aprendizagem da língua, pois ela permite um direcionamento do trabalho do professor, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades linguísticas dos alunos. Desta forma, o objetivo principal em utilizar uma SD no ensino de um gênero, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é possibilitar aos alunos utilizar a língua com competência em várias situações comunicativas cotidianas.

Os autores defendem a necessidade de que o professor construa com seus alunos estratégias para o desenvolvimento de sua competência discursiva, mostrando de forma prática como ensinar gêneros por meio de estratégias de averiguação do nível de conhecimento prévio e, posteriormente, com as observações do professor a respeito das dificuldades encontradas.

Por isso, acreditamos que a sequência didática apresenta características e fases importantes para a composição de nossa proposta didática. A sequência didática pode trazer conhecimentos novos sobre determinado gênero³. O aporte teórico-prático fornecido por esses autores nos permite ter uma noção melhor de como realizar o ensino de uma língua por meio de gêneros.

1.3 O ponto de vista de Marscusi

Marscusi (2008) apresenta relevantes considerações a respeito do estudo dos gêneros para o ensino de Língua Portuguesa. Ele afirma que o estudo dos gêneros não é novo no Ocidente, pois já eram vistos desde Platão e Aristóteles – autor que sistematizou os elementos que compõem o discurso: os três tipos de ouvintes e, a partir deles, os três gêneros de discurso retórico.

De acordo com Marcuschi, o estudo dos gêneros é complexo, pois essas entidades são ao mesmo tempo: uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social;

³ Visando a ter mais liberdade para lidarmos com o gênero selecionado para esta pesquisa, optamos por uma adaptação da SD. Desse modo, a proposta a ser desenvolvida nesta pesquisa não corresponde, de forma absoluta, à SD tal como concebida por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

uma estrutura textual; uma forma de organização social; uma ação retórica. Desse modo, analisar um gênero significa considerar o texto e o discurso; descrever a língua de acordo com a sociedade e tentar responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral (MARCUSCHI, 2008).

Portanto, o trabalho com os gêneros tem a ver com o trato da língua nas suas mais diversas formas. Assim, o estudo dos gêneros é extremamente relevante também para outras áreas do conhecimento, principalmente para o estudo da linguagem.

Segundo o ponto de vista desse autor, é importante ter em mente as diferenças entre gênero textual, tipo textual e domínio discursivo, uma vez que esses conceitos, embora distintos, apresentam traços em comum e por isso costumam ser confundidos por professores de Língua Portuguesa quando estão preparando a aula e no momento de ministrá-la. Vejamos a diferença conceitual destes termos:

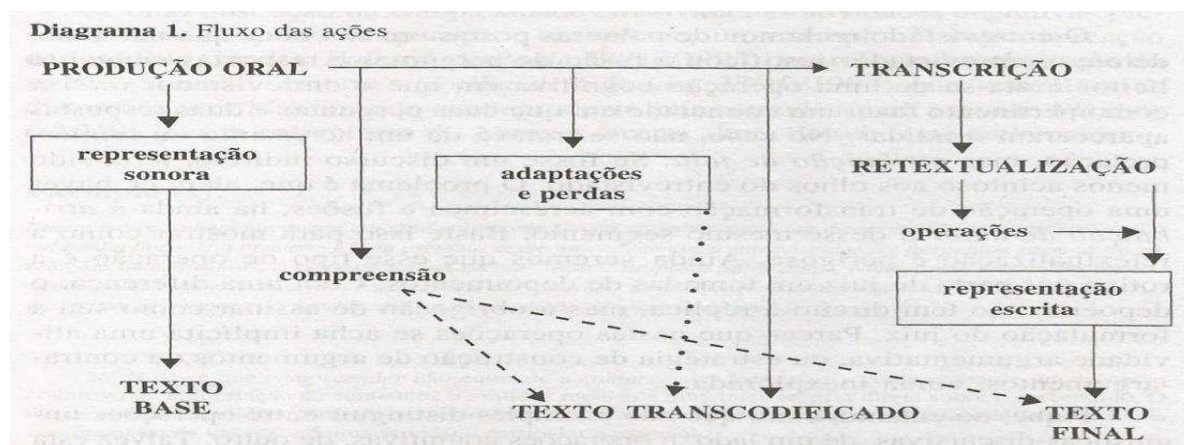
a) Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo. b) Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. [...]. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155).

Além desses conceitos, o autor nos mostra que os diferentes gêneros devem ser considerados em consonância com as modalidades oral e escrita de língua. Por exemplo, se temos um seminário, o gênero pertence à modalidade falada da Língua Portuguesa, o tipo textual utilizado na constituição é a exposição, e o domínio discursivo a que ele pertence é escolar ou acadêmico. Notamos que os gêneros (textos que encontramos em nossa vida diária) têm diversas designações; não possuem estruturas rígidas e, embora tenham uma identidade,

não podem ser concebidos como modelos estanques; não se opõem a tipos textuais; não são entidades formais, mas entidades comunicativas. Por isso, são dinâmicos, variáveis, históricos, situados, sociais; são textos sociointerativos produzidos na interação comunicativa. Os falantes dispõem de um conhecimento específico sobre sua estrutura, pois os gêneros são orientados para fins específicos, ligados a determinadas comunidades discursivas e domínios discursivos, recorrentes, estabilizados em formatos mais ou menos claros (MARCUSCHI, 2005).

Outra importante discussão presente na obra desse autor é a que diz respeito à retextualização, processo de mudança da modalidade do gênero oral para o escrito. Marcuschi (2001, p. 48) afirma que “[...] na retextualização também não se trata de uma tradução, mas [da mudança] de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua”. O autor demonstra que existem formas de mudar a modalidade de um mesmo texto, da fala para a escrita, ou da escrita para a fala, por meio de ações que geram um novo texto a partir do texto-base, conforme se vê na figura abaixo:

FIGURA 2 – Fluxo das ações



Fonte: MARCUSCHI (2001, p. 72)

No caso do presente estudo, os gêneros escritos pesquisados sobre determinado tema escolhido foram transformados em um gênero oral por meio da retextualização. Desse modo, os alunos transformaram o conteúdo da modalidade escrita, fazendo as devidas adaptações para o gênero oral seminário, que será a explicação do conteúdo pesquisado. Para que isso ocorresse foi necessário que o aluno se apropriasse dos conteúdos pesquisados, para saber como usar a oralidade no seminário. Além do gênero seminário, temos os gêneros entrevista e debate em nossa proposta didática, que também lançam mão da retextualização, pois as

perguntas da entrevista, a princípio, foram feitas por escrito; e para o debate, os alunos tiveram que pesquisar sobre o tema para pensar nas perguntas e respostas que fossem apresentadas. Embora Marcuschi (2001) não nos apresente um processo de retextualização da escrita para fala entendemos que no universo da sala de aula o processo de retextualização acontece de ambas as formas, ou seja, da fala para a escrita e da escrita para a fala.

Considerando as contribuições de Marcuschi (2001, 2003, 2005, 2008) e dos demais autores mencionados nesta parte da pesquisa, constatamos o quanto é importante trabalhar com os gêneros na sala de aula e que as aulas de Língua Portuguesa são as mais adequadas para o seu ensino, uma vez que o professor de Língua Portuguesa tem condições de mostrar, por meio de diversos gêneros, as funções sociocomunicativas, os suportes, tipologias textuais, domínios discursivos, as modalidades da língua, como a língua se materializa por meio de diversos textos, e levar o aluno a produzir textos de acordo com situações comunicativas específicas. Esse trabalho pode levar tanto os alunos quanto os professores a conceberem a fala e a escrita como modalidades complementares, como defende Marcuschi (2001).

1.4 As orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCNLP – para o ensino dos gêneros

Quando falamos do ensino dos gêneros, do ponto de vista dos documentos oficiais, um dos principais documentos que orientam e valorizam o uso dos gêneros como objeto de ensino são os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCNLP – (BRASIL, 1997b, 1998 b), que propõem a utilização dos gêneros como objeto de ensino para a prática de leitura e produção de textos, e sugerem o uso de gêneros orais e escritos. E, por isso, colocam os gêneros como foco no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, fornecendo apoio teórico ao trabalho do professor, com o objetivo de reduzir as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem e ampliar a possibilidade do exercício da cidadania, buscando ressaltar as competências e habilidades discursivas dos alunos.

Esses documentos trazem uma fundamentação baseada no estudo do gênero na perspectiva de Bakhtin, pois consideram que a produção da linguagem gera discursos que, por sua vez, manifestam-se linguisticamente por meio de textos. Assim, de acordo com os *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*,

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto

histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes –, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. Quer dizer, quando se interage verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. Isso tudo pode determinar as escolhas que serão feitas com relação ao gênero no qual o discurso se realizará, à seleção de procedimentos de estruturação e, também, à seleção de recursos linguísticos (BRASIL, 1997b, p. 22).

Tal é a importância desses documentos que foi a partir deles (BRASIL, 1997b, 1998 b) que o contexto de uso e a esfera de circulação dos gêneros foram considerados importantes no ensino da língua, pois oficialmente prevalecia o estudo dos aspectos gramaticais por meio de enunciados de conteúdos descontextualizados. Assim, fica claro que o ensino de Língua Portuguesa tem como objetivo ampliar as possibilidades do uso da linguagem:

[...] Quando se afirma, portanto, que a finalidade do ensino de Língua Portuguesa é a expansão das possibilidades do uso da linguagem, assume-se que as capacidades a serem desenvolvidas estão relacionadas às quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. (BRASIL, 1997b, p. 35).

Com base nas orientações dos PCN, a educação deve ser compromissada com a formação do cidadão, com condições favoráveis para o desenvolvimento de sua capacidade de uso social da linguagem. Dessa forma, a escola tem o papel de possibilitar ao aluno o acesso à diversidade de textos que circulam na sociedade, ensinando-o a produzi-los e interpretá-los, em diferentes situações comunicativas do dia a dia no universo escolar e social (BRASIL, 1997b). E sobre a seleção desses textos, os PCNLP (BRASIL, 1998b) afirmam que:

Os gêneros existem em número quase ilimitado, variando em função da época (epopeia, *cartoon*), das culturas (haikai, cordel), e das finalidades sociais (entreter, informar), de modo que, mesmo que a escola se impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível. Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada. Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizem os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1998b, p. 24).

Vimos, então, que é papel da escola trabalhar diversos gêneros orais e escritos em seus contextos comunicativo, social e escolar. A partir desta sugestão dos documentos oficiais, elegemos o gênero seminário como protagonista deste trabalho.

Rojo (2009) ressalta a importância dos PCNLP, pois os documentos propõem o uso de diferentes gêneros, permitindo que o aluno não apenas aprenda o código e o sistema de normas abstratas que uma língua apresenta, mas saiba usá-la de forma eficiente para se tornar cidadão. Concordamos com a autora e acrescentamos que essas orientações possibilitam ao aluno perceber que os gêneros são resultados de situações comunicativas diferentes e que ele pode, inclusive, aprender como produzir esses gêneros nas diversas situações comunicativas e, assim, ter acesso àquilo que fora da escola não poderia ter.

De acordo com os PCNLP, os gêneros contribuem, em nosso dia a dia, para a organização de qualquer atividade comunicativa. No processo de ensino-aprendizagem, os gêneros colaboram para o desenvolvimento da linguagem do aluno e funcionam como objeto e instrumento de trabalho para professores; por isso, não se pode negar a importância dos gêneros na sala de aula.

Reafirmamos o quanto os gêneros podem colaborar para o uso da linguagem, para a apropriação de textos em diferentes contextos sociais e de aspectos linguísticos próprios, e principalmente para o ensino de Língua Portuguesa em suas diferentes realizações: leitura, escrita, escuta, oralidade, análise e reflexão da língua. Ler e refletir sobre os PCNLP pode ser uma ótima oportunidade para se pensar em atividades práticas adequadas às situações comunicativas que cada ano escolar e cada aluno requerem.

Os PCNLP também sugerem outro ponto importante para nossa pesquisa a respeito do gênero: a sua relação com o uso das tecnologias que podem auxiliar na produção de diversos gêneros, tendo em vista as inovações nos contextos sociais referentes à tecnologia da informação, às novas práticas comunicativas e à rapidez que tais práticas envolvem. Assim, torna-se necessário, por parte do professor, o domínio dos mais variados gêneros para a socialização com os alunos e sua relação com os meios eletrônicos, como afirmam Rojo (2009); Schneuwly e Dolz (2004) e Brasil (1998a). Como se lê nos *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*,

Os meios eletrônicos de comunicação oferecem amplas possibilidades para ficarem restritos apenas à transmissão e memorização de informações. Permitem a interação com diferentes formas de representação simbólica gráficos, textos, notas musicais, movimentos, ícones, imagens, e podem ser

importantes fontes de informação, da mesma forma que textos [...], softwares, CD-ROM, BBS e Internet são apenas alguns exemplos de formatos diferentes de comunicação e informação possíveis utilizando-se esses meios. Na escola, podem ser usados para obter, comparar e analisar informações, de diferentes naturezas, sobre períodos da História, fenômenos naturais, acontecimentos mundiais, usos da linguagem oral e escrita etc., por meio de uma apropriação ativa da informação, que gere novos conhecimentos. (BRASIL, 1998a, p. 141).

A apropriação de um gênero sob a perspectiva de novas tecnologias poderá inserir os alunos em diversas atividades de comunicação. É importante que a escola, por meio do professor, busque constante aprimoramento para ser capaz de apresentar ao aluno o maior número de gêneros e de ambientes comunicativos, procurando proporcionar a ele uma participação ativa na comunidade discursiva à qual pertence. No caso do seminário, o aluno poderá usar o computador e o projetor para produzir *slides* com textos verbais e não verbais, de forma a colaborar com sua apresentação.

Marschuschi (2008) entende que as orientações dos PCNLP são extremamente relevantes, inovadoras e claras, principalmente se considerarmos que a língua falada e a língua escrita não se opõem de forma dicotômica, nem são produções polares. Essas modalidades têm relação direta com o formato dos gêneros com diferenças graduais de registros, que variam do mais formal ao mais informal deles.

Sobre os aspectos negativos desses documentos oficiais, Marcuschi (2008) destaca a forma como os gêneros são tratados no ensino: a qualidade das relações mostradas entre as modalidades de fala e escrita são vagas e imprecisas para o efetivo uso em sala de aula, falta uma noção de gradação entre oralidade e escrita, não há critérios para a distinção entre ambas. Para esse autor, os PCNLP (BRASIL, 1997; 1998) têm dificuldade em apontar gêneros para leitura e gêneros para a escrita, pois há mais sugestões de gêneros para serem lidos do que para serem escritos, o que nos leva a concluir que se privilegia mais a leitura do que a escrita. Observamos também que há pouca ênfase nos gêneros orais e não há sugestões de como trabalhá-los em toda a sua complexidade.

As críticas do autor nos mostram que devemos olhar com cautela para os documentos e fazer reflexões ao utilizá-los, adequando-o suas propostas a nossa realidade escolar. Isso significa, dentre outras possibilidades, trazer outros exemplos de gêneros, não privilegiar apenas a leitura deles e planejar atividades com gêneros escritos e orais de igual modo.

Ao considerarmos os pontos de vista apresentados nesses documentos oficiais para orientação do ensino de Língua Portuguesa, observamos a importância do uso dos gêneros nessas aulas, pois, a partir dessas entidades, é possível trabalhar as competências discursivas

do aluno por meio de textos formais e informais, e assim facilitar a interação social desse aluno dentro e fora da sala de aula. E também é necessário adaptar e melhorar os recursos apresentados nos documentos para a realidade de cada sala de aula e pensar em uma prática docente que equilibre o ensino de gêneros orais e escritos.

2 A ORALIDADE E OS GÊNEROS ORAIS

A oralidade é extremamente importante, uma vez que ela é uma prática social do cotidiano das pessoas. Na definição de Marcuschi (2008, p. 25), a oralidade é “uma prática social interativa para fins comunicativos, que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. Como explica o autor, na oralidade há interação entre interlocutores, um tópico discursivo é desenvolvido (assunto) para uma determinada prática social.

É com a linguagem oral que as pessoas fazem negociações, aprendem conteúdos, manifestam suas crenças, procuram convencer outros dessas crenças, transmitem sua própria cultura, entre muitos outros usos, além de ser usada para nos mostrarmos uns aos outros e para construirmos uma imagem de nós mesmos (FREITAS, 2016).

Desta forma, a fala é uma modalidade aprendida antes da escrita e fora da escola, sempre utilizada em diferentes práticas sociais, que faz grande diferença para a inserção social de um indivíduo e que deve ser aperfeiçoada em sala de aula. Para definir fala, recorremos a Marcuschi (2008), que assim a conceitua:

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos; não há a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Ou seja, o uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos e série de recursos expressivos de outras ordens, tais como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. (MARCUSCHI, 2008, p. 25).

Nessa mesma linha de raciocínio, Dolz, Schneuwly e Haller (2004) afirmam que há dois tipos de fala: o oral “espontâneo” (fala improvisada), em situação de comunicação, e a escrita “oralizada” (produções orais com base em textos escritos). Ao tratarem dessa diferença, os autores chamam a atenção para o fato de que

[...] a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos de sistemas semióticos não linguísticos, desde que codificados, isto é, convencionalmente reconhecidos como significantes ou sinais de atitude. (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p. 134).

A posição desses e de outros autores que tratam da fala em contexto escolar ou não (Dolz, Schneuwly e Haller, 2004; Marcuschi, 2008) contribui para a constatação de que o uso

da modalidade falada de língua é indispensável para a sala de aula, não apenas o uso informal dessa modalidade, uma vez que os alunos já chegam à escola dominando seu uso: sabem contar histórias, conversar com os pais e os amigos e sabem até convencer outros, com recursos da língua falada.

Pensando nisso, a sala de aula deve ser o lugar do uso da fala nos registros formal e informal a serviço da oralidade, mostrando ao aluno as variedades de uso da fala em diferentes níveis de formalidade, do mais formal ao menos formal (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2011). E a oralidade pode materializar-se por meio de textos, aos quais nomeamos de gêneros orais, que são extremamente importantes para o ensino de língua materna. No caso do seminário, trata-se de um gênero oral formal público.

É importante termos em mente que oralidade é diferente de fala: oralidade é uma prática social que usa a fala como apoio. Esta diferença é importante para não confundir o trabalho do professor na sala de aula. Muitas vezes, o professor trabalha apenas a fala e não a oralidade. A oralidade acontece efetivamente quando o aluno percebe que produziu gêneros orais ou usou a fala a serviço de uma prática social, como ocorre no seminário, por exemplo.

Considerando o valor e a necessidade de se trabalhar a oralidade na sala de aula, neste capítulo trataremos de algumas questões relativas à oralidade e, em seguida, dos gêneros orais, dando destaque ao seminário, gênero que é o foco de nossa pesquisa.

Qual seria o papel da escola no ensino da oralidade? Como contribuir para que os alunos aperfeiçoem sua capacidade de expressão na língua falada, usando a oralidade? Essas são perguntas importantes, que já mereceram a atenção de diferentes pesquisadores. Segundo Cavalcante e Melo (2006, p.183), um dos papéis da escola é fazer com que os alunos sejam expostos a diversas atividades sociais e de cidadania. Nesse sentido, o ensino da oralidade deve fazer parte das atividades programadas pela escola, pois isso poderá ajudar o aluno a se apropriar de diversas práticas sociais. No que diz respeito ao trabalho com a oralidade em sala de aula, Dolz, Schneuwly e Haller (2004) esclarecem:

[...] um trabalho consistente com a oralidade em sala de aula não diz respeito a ensinar o aluno a falar, nem simplesmente propor apenas que o aluno “converse com o outro” a respeito de um assunto qualquer. Trata-se de identificar, refletir e utilizar a riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral. (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004).

No entanto, o que ocorre na prática é bem diferente, como nos mostram Cavalcante e Melo (2006). Segundo esses autores, a oralidade, muitas vezes, é vista na escola como pretexto para melhorar a escrita ou apenas para discussão de variedades linguísticas informais,

quando deveria ser objeto de reflexão e ensino da língua. Ou seja, em muitos casos a oralidade é vista como forma de oralizar textos escritos, principalmente textos literários, funcionando meramente como forma de leitura em voz alta e/ou decodificação de leitura, como observa Esteves (2015).

Os PCNLP (BRASIL, 1997b, 1998b) também reconhecem que há deficiência neste campo e não há preocupação em se ensinar a estrutura textual e a funcionalidade dos gêneros orais na escola. O que reforça a ideia de que muitos professores pensam que apenas a prática escolar de ler em voz alta seja usar a oralidade.

A falta de preocupação com as práticas orais faz com que os alunos se apropriem somente da estrutura dos gêneros orais, o que tem como consequência a ineficiência do estudo dessas entidades, uma vez que são inúmeras as situações fora do ambiente escolar em que os alunos podem necessitar dominar as especificidades dos gêneros orais utilizados em situações mais formais e isso só se dará de forma satisfatória se a escola tomar para si a responsabilidade de promover essa abordagem. Os PCNPL também consideram que a competência discursiva que o aluno traz, quando ingressa na escola, possibilita as interações sociais do cotidiano (BRASIL, 1997b, 1998b).

Outro aspecto importante nas escolas brasileiras, segundo Goulart (2005), é que os professores preferem trabalhar com os gêneros escritos, ficando os gêneros orais à margem do processo de ensino-aprendizagem. Considerando que o falante deve adequar a língua falada e a escrita conforme a necessidade, variando do registro mais formal ao menos formal, por exemplo, a fim de atender as suas necessidades discursivas, é na escola que o aluno poderá ter acesso à língua em suas distintas manifestações.

Gomes (2009), por sua vez, entende que, antes de abordar a oralidade na sala de aula, deve-se respeitar a variedade linguística de todos a nossa volta. Se, ao falar, o aluno for criticado, esse aluno tenderá a não querer se expressar outras vezes. Essa mesma situação é ressaltada também pelos PCNLP (BRASIL, 1997b, 1998b), que veem a linguagem oral como conteúdo e afirmam que a escola deve respeitar os usos linguísticos dos alunos de diferentes comunidades, ensinando-lhes “outras” maneiras de se falar.

Para isso, os PCNLP (BRASIL, 1997b, 1998b) preconizam o ensino das práticas orais formais como forma de possibilitar o acesso ao registro mais monitorado da língua:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o

domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania (BRASIL, 1998b p. 67).

O principal direcionamento, de acordo com os PCNLP (BRASIL, 1997b, 1998b), é que a escola, de forma organizada, ajude o estudante a planejar previamente a fala em função da intencionalidade do locutor, das características do interlocutor, das exigências da situação e dos objetivos selecionados; a seleção, adequada ao gênero, de recursos discursivos, semânticos e gramaticais, prosódicos e gestuais; o emprego dos recursos escritos (gráficos, esquemas, tabelas) como apoio para a manutenção da continuidade da exposição; o ajuste da fala em função da reação dos interlocutores, como levar em conta o ponto de vista do outro para acatá-lo, refutá-lo ou negociá-lo. Entendemos que esses objetivos podem ser atingidos por meio do trabalho com o seminário na sala de aula.

Outra forma de trabalho seria mostrar ao aluno o falar formal por meio da aceitação das variedades linguísticas existentes dentro e fora da escola, assim ele visualizaria a escola como um espaço de convivência social da diversidade linguística.

Os PCNLP (BRASIL, 1997b, p. 38) também chamam a atenção para o fato de que deverá haver bastante planejamento e atividades direcionadas para ensinar gêneros orais formais e informais: “eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua”. É fundamental que essas atividades se organizem de modo que os alunos conheçam situações formais que ainda não dominam, para que possam entender seu funcionamento e aprender a utilizá-las, conforme preconizam Dolz, Schneuwly e Haller (2004).

Segundo Esteves (2015), os PNCLP (1997b) sugerem uma lista de atividades com oralidade e variação linguística atrativas, que podem ser realizadas na sala de aula. Para melhorar a competência discursiva dos alunos, os documentos sugerem, por exemplo, a transcrição de textos orais gravados, para a reflexão sobre recursos linguísticos inerentes à fala, conforme orienta Marcushi (2001) a respeito da retextualização.

As sugestões de atividades indicam procedimentos mais elaborados e complexos, como a edição de textos orais para apresentação, e outros bastante acessíveis, como as análises de fenômenos de variação presentes nos textos dos alunos, análise de textos de publicidade, ou midiáticos em geral, em que apareça preconceito linguístico, assim como a reflexão sobre a expressão da linguagem cotidiana na mídia, nas artes e em outros contextos.

As atividades com variação linguística podem oferecer, por meio da interação verbal, uma noção mais ampla de nossa língua, que vai além das normas e descrições gramaticais, mostrando as situações discursivas adequadas para cada variação. Isso se dá a partir da consideração do conhecimento linguístico que o aluno já possui e que o leva a respeitar a variação linguística dos outros colegas, como mostra Castilho (1998):

[...] A escola deve iniciar o aluno valorizando seus hábitos culturais, levando-o a adquirir novas habilidades desconhecidas de seus pais. O ponto de partida para a reflexão gramatical será o conhecimento linguístico de que os alunos dispõem ao chegar à escola: a conversação. O ponto de chegada será a observação do conhecimento linguístico do “outro”, expresso nos textos escritos de interesse prático (jornais, revistas de atualidades) e nos textos literários, cujo projeto estético será examinado. A proposta se fixa na língua que adquirimos em família, como um ponto de partida mais autêntico. Com ela nos confundimos, e nela encontramos nossa identidade. Ver considerado na escola seu modo próprio de falar, ser sensibilizado para a aceitação da variedade linguística que flui da boca do outro, saber escolher a variedade adequada a cada situação – estes são os ideais da formação linguística do cidadão numa sociedade democrática. (CASTILHO, 1998, p. 21).

Antunes (2003) também observa que o trabalho dos professores com a oralidade na sala de aula nem sempre é eficaz para que os alunos desenvolvam uma competência discursiva, pois alguns professores acreditam que o uso da língua falada, tão presente no cotidiano, não precisa ser trabalhado nas aulas.

Além disso, a oralidade é reduzida à produção de gêneros orais informais, como a conversa, por exemplo, nos quais predominam os registros coloquiais da língua. Esse contexto não proporciona ao aluno uma análise eficiente do funcionamento da fala, resultando em uma falta de oportunidade de compreender a realização, o uso dos gêneros orais que exigem registros mais formais, um vocabulário mais especializado, e de convenções sociais exigidas a quem se propõe a falar em público.

Antunes (2003) afirma que,

Ao assumir uma perspectiva interativa da oralidade na escola, devemos prestar atenção em algumas características como: reconhecimento da importância da interação, unidade e coerência temática, diferenças entre a fala e a escrita, trabalho com os diferentes gêneros e tipos textuais, aspectos suprasegmentais e o desenvolvimento da habilidade de escuta. (ANTUNES, 2003, p. 51).

Não podemos deixar de discutir também a influência ou a relação da fala com a escrita. A partir da década de 1980, segundo Marcuschi (2003), verificou-se uma mudança na forma como se tratavam as semelhanças e diferenças entre fala e escrita: a visão de um novo objeto de análise – a oralidade, a partir das práticas sociais. Com isso, a fala conquistou, junto com a escrita, uma posição de material que pode ser ensinado.

Marcuschi (2003) afirma também que a escrita chegou a simbolizar educação, desenvolvimento e poder; a oralidade, porém, ficou desvalorizada no ensino, vista apenas como condição de caminho para a escrita. É importante ressaltar que a oralidade é prática igualmente eficaz para o ensino da língua. Assim como a escrita, ela possibilita a construção de textos coerentes e coesos, que atendem às necessidades do falante da língua.

De certa forma, a escrita não reproduz muitos dos fenômenos da fala, tais como: prosódia, gestualidade, movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Porém, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e o tipo das letras, cores e formatos [...]. Entretanto, como salienta Marcuschi (2001, p. 17), não se pode perder de vista que “oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”.

Para além do que foi dito sobre a inadequação do ensino da oralidade, tanto nas abordagens da oralidade em sala de aula quanto no seu uso em materiais didáticos, percebemos o quanto é necessário refletir sobre o ensino da oralidade, pois sua prática pode auxiliar no desenvolvimento das competências discursivas do aluno e auxiliar o seu uso dentro e fora da sala de aula. Segundo Castilho (1998), esse ensino pode colaborar para a incorporação que aproximaria dois mundos: a escola e a vida. Diz o autor:

Via de regra o aluno não procede de um meio letrado. Sua família enfrenta as tensões da vida urbana, uma novidade para muitas delas. A escola deve iniciar o aluno valorizando seus hábitos culturais, levando-o a adquirir novas habilidades desconhecidas de seus pais. O ponto de partida para a reflexão gramatical será o conhecimento linguístico de que os alunos dispõem ao chegar à escola: a conversação. (CASTILHO, 1998, p. 21).

Na visão de Marcuschi (2001),

O trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva [...] Dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para

esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação (MARCUSCHI, 2001, p. 83).

O objetivo das atividades com a oralidade na sala de aula, diz Marcuschi (2005), deve ser ensinar os alunos a perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da língua falada, mostrando o desafio de lidar com as variações/variedades linguísticas, considerando o contexto social em que os discursos são produzidos. Nesse sentido, o ensino da oralidade deve ajudar na apropriação dessas práticas.

O professor deverá propor atividades diversificadas, que tratem dos diferentes usos da língua falada na sociedade, especialmente em situações formais, que geralmente não são dominadas pelos alunos e que pertencem a esferas mais públicas, proporcionando momentos de análise e reflexão sobre o uso da língua falada, consideradas situações reais de uso. É o que sugere Porto (2009):

[...] o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo nos discursos, diferentes intenções. Deve promover atividades que possibilitem o aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente, capaz de compreender os discursos dos outros e de organizar os seus de forma clara, coesa e coerente (PORTO, 2009, p. 22).

Além de desenvolver o uso da oralidade, o professor deve ensinar o aluno a ouvir os diferentes tipos de interlocutores, porque sem ouvinte não há interação. “O professor deve avaliar a participação individual do aluno, se sua fala foi clara, se participação foi organizada e sua argumentação foi eficiente” (PORTO, 2009, p. 23). Desta forma, é importante ensinar o aluno a se expressar oralmente em diferentes contextos e a ouvir seus interlocutores.

2.1 Gêneros orais e o ensino de Língua Portuguesa

O gênero oral é a materialização de uma comunicação oral, que pode ser formal ou informal. O professor deverá mostrar qual é a variedade linguística adequada para a produção de um gênero oral. Travaglia (2013) afirma que um gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita. É claro que os gêneros orais são constituídos pela língua falada e terão características que podem ser específicas de um gênero oral. Também podem ser considerados gêneros orais aqueles que têm uma versão escrita, mas uma realização essencialmente falada, usando a voz como suporte, tais como: conferências; representação de peças teatrais, telenovelas e filmes, que

têm um roteiro ou script; as notícias faladas em telejornais e no rádio, que geralmente estão previamente redigidas; recontos etc.

Segundo Travaglia (2013), os gêneros são textos sociointerativos, que se constroem na interação comunicativa, são imbuídos de valores apreendidos em sociedade. Os gêneros orais, por sua vez, pressupõem conhecimentos globais e marcas linguísticas que os identificam, além de processadores que ativam sua produção, inserindo-se nas diversas atividades humanas. Essas características apontam para a necessidade de o ensino explorar mais os gêneros orais, sejam eles formais ou não.

Os gêneros orais formais apresentam características estruturais, linguísticas e discursivas específicas que se confrontam com os gêneros orais cotidianos, fator que possibilita ao estudante dominar formas mais institucionalizadas da língua. Travaglia (2013) faz uma diferenciação entre as modalidades falada e escrita, que não se equivalem. Não é porque um texto produz som, por exemplo, a leitura em voz alta, que é um gênero oral; depende de onde o gênero foi criado, de seu enquadre global.

Considerando a relevância do trabalho com os gêneros orais na escola, entendemos tal qual Goulart (2005), que eles não só podem como devem ser objetos de ensino na sala de aula para o desenvolvimento das capacidades linguístico-comunicativas dos alunos, ou seja, uma “dimensão que visa levar o aluno a tomar consciência da finalidade, do destinatário, das interações entre os interlocutores e da importância do contexto social onde se dão as interações” (GOULART, 2005, p. 75).

Oficialmente, como apontam os PCNLP, os gêneros orais que devem ser trabalhados na escola são aqueles que, embora apresentados oralmente, dependem da escrita para existir, como peças de teatro, palestras e seminários. O professor deve ensinar a planejar e realizar apresentações públicas.

Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal de fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e escrita, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, 1998b, p. 25).

De acordo com essa premissa, os PCNLP (BRASIL, 1998b) recomendam que os seguintes gêneros orais sejam trabalhados na sala de aula: (i) na esfera literária: cordel, causos e similares, texto dramático, canção; (ii) na esfera da imprensa: comentário radiofônico,

entrevista, debate, depoimento; (iii) no campo da divulgação científica: exposição, seminário, debate, palestra; (iv) na publicidade: propaganda.

Tendo em conta os gêneros mostrados e observando a produção das pessoas, de modo geral, notamos que em nosso dia a dia falamos e escutamos muito mais do que escrevemos ou lemos. Porém, no ensino, a escrita é mais valorizada do que a fala, tal situação pode ser facilmente constatada ao observarmos nos livros didáticos a pouca atenção que dedicam ao ensino de gêneros orais (MARCUSCHI, 2001; BUENO; ABREU, 2010). O professor, muitas vezes, ignora o trabalho com os gêneros orais, pois, ao associar a fala ao uso exclusivamente informal da língua, tem uma visão errada dessa modalidade de língua. É como afirma Antunes (2003):

a. uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar. [...]; b. uma equivocada visão da fala, como o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática. [...]; c. uma concentração das atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, peculiar às situações da comunicação privada. [...]; d. uma generalizada falta de oportunidade de se explicitar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do “falar público”. (ANTUNES, 2003, p. 24-25).

Na escola, para que se possa fazer um bom trabalho com os gêneros, mais especificamente com os gêneros orais, será necessário, conforme Schneuwly e Dolz (2004): primeiro, construir um modelo didático de gênero, ou seja, um levantamento de suas características no nível do contexto de produção, da organização textual, da linguagem e dos meios não linguísticos. Depois, observar vários textos do gênero escolhido, consultar textos específicos que falem sobre o gênero, além de vários autores desses gêneros. Além disso, é necessário um roteiro escrito do que se vai dizer oralmente e talvez o uso de outros recursos escritos ou visuais para reforçar o que está sendo dito. Nesse sentido, Brait e Rojo (2002) orientam:

Tratando-se de um texto oral que não será lido, mas exposto, os expositores precisarão de apoios de memória, o que significa recorrer a outros suportes de fala, caso das ilustrações, slides, imagens, mapas, gráficos, tabelas etc. O esquema de apoio à apresentação deverá iniciar com o anúncio dos tópicos que serão expostos e finalizar com uma síntese e uma avaliação. (BRAIT; ROJO, 2002, p. 1).

Outro aspecto interessante, destacado por Goulart (2005), é que os gêneros orais proporcionam o exercício da cidadania, “contemplando a diversidade de situações comunicativas e, assim, os gêneros orais seriam tomados como instrumentos semióticos para o ensino” (GOULART, 2005, p. 58). A autora ainda aponta três princípios fundamentais para o ensino do gênero oral nas escolas:

Primeiro: possibilitar aos alunos atividades de situações comunicativas diversificadas como meio de conhecimento e domínio cada vez maior da língua; segundo: confrontar os alunos com situações de uso público da língua, para o desenvolvimento de uma relação mais consciente e voluntária do próprio comportamento linguístico-comunicativo, incentivando as capacidades de escrever e de falar; terceiro: conscientizar os alunos de que o trabalho de produção de linguagem deverá acontecer por meio de sua inserção em situações cada vez mais complexas e, por isso, é um trabalho lento e em constante elaboração (GOULART, 2005).

Tendo em vista que os gêneros orais são instrumentos ou megainstrumentos de ensino (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), o papel do professor é selecionar os gêneros e instruir os alunos sobre os gêneros da comunicação pública formal e os gêneros do cotidiano das pessoas:

Por um lado, [...] exposição, relatório de experiência, entrevista, discussão em grupo etc. [...] e, por outro lado, aqueles da vida pública no sentido lato do termo (debate, negociação, testemunho diante de uma instância oficial, teatro etc.). (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 174).

Uma das propostas que nossa pesquisa apresenta ao professor é de usar gêneros que pertencem à mesma esfera comunicativa e que possam colaborar para a produção de outros gêneros orais. O gênero seminário, por exemplo, dialoga com outros gêneros orais para sua preparação e apresentação, como o debate e a entrevista.

No nosso caso, escolhemos a entrevista, que pertence à ordem do relatar ou expor, e o debate, que pertence à ordem do argumentar. Ambos podem ser extremamente importantes para a elaboração de um seminário e para auxiliar o trabalho do professor com outros gêneros orais.

Optamos por esses dois gêneros orais, porque acreditamos que o debate é base para o trabalho em grupo, para a tomada de decisões, e a entrevista oportuniza o esclarecimento de dúvidas e a aprendizagem de algum tema específico. Eles foram escolhidos para serem

ensinados antes do gênero seminário, com o propósito de trabalhar a oralidade e apoiar a preparação desse gênero.

Schneuwly e Dolz (2004) afirmam que o **debate** é um gênero (voltado para a comunicação oral e não é pautado na escrita) muito importante para nossa sociedade, e por isso, faz-se necessário ser abordado na escola. Esse gênero trabalha com capacidades funcionais – linguística, cognitiva, social e individual – de quem argumenta, refuta ou toma posição. É um lugar de construção interativa de conhecimentos, opiniões, ações que se desenvolvem coletivamente e democraticamente. Há vários tipos de debates (deliberativo, de opinião de fundo controverso e de resolução de problemas), mas nos interessa o debate para resolução de problemas, pois ele orientará a produção de conhecimento, as escolhas e as ações dos alunos no seminário.

O debate para resolução de problemas. A posição inicial é aqui da ordem dos saberes, uma solução existe, mas ela não é conhecida e é preciso elaborá-la coletivamente, explorando as contribuições de cada participante. A aposta escolar é de aumentar as capacidades dos alunos para gerir a busca de soluções, formulando as suas e escutando as dos outros, a fim de tirar partido do conjunto dos saberes distribuídos no grupo de debatedores. Eis algumas questões discutidas em sala de aula: “Como funciona a digestão?” “Por que acontece o eclipse da lua?”, “Uma maçã é jogada do alto de um mastro. Ela cai perto ou longe do mastro?”. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 216).

Este tipo de debate permite, portanto, que os alunos escolham o que vão falar no seminário, quem falará em cada momento, quais serão as ações de todos, dentre outras tomadas de decisão que permitem aos alunos argumentar sobre suas escolhas.

Já a **entrevista**, segundo Gomes (2009), é um intercâmbio de dois interlocutores, mas a um deles caberá o papel de perguntar e ao outro o de responder. Para o sucesso de uma entrevista, é sempre conveniente a preparação de um questionário, que deve ser ordenado de uma forma lógica, adaptada à personalidade, ao nível sociocultural do interlocutor e à situação. Segundo a autora, o entrevistado deve, também, preparar-se para imprevistos. E, finalmente, a redação das respostas deve ser feita cuidadosamente, para não distorcer o conteúdo da fala do entrevistado.

Existem vários tipos de entrevistas. O professor poderá produzir uma diversidade de propostas didáticas a partir desse gênero, basta que haja uma adequação à situação comunicativa da turma.

As entrevistas acontecem nas modalidades falada e escrita, e esse fato pode ajudar o aluno na comparação entre as características da entrevista falada e da escrita. No caso da

entrevista oral, que é a nossa escolha para obter maior conhecimento sobre um tema de seminário, primeiro o aluno escreve a entrevista com as perguntas elaboradas juntamente com os colegas, depois ele transforma o que foi escrito na modalidade falada, com as devidas adaptações, em um processo de retextualização, segundo a concepção de Marcuschi (2001).

A retextualização também acontecerá quando o seminário estiver sendo planejado, pois, a partir de textos escritos sobre o tema que será apresentado, os alunos transformarão o que leem em um texto oral, o que também poderá ocorrer no trabalho com outros gêneros orais. Para que os gêneros orais tenham uma boa organização e conteúdo, eles precisam ser apoiados em pesquisa bibliográfica, ou seja, em gêneros escritos.

Além disso, é necessária a organização prévia, por escrito, do que se vai dizer oralmente. Assim como também deve ocorrer a reformulação do texto oral dos alunos após um seminário diagnóstico, por exemplo, a partir da mediação do professor.

A partir dessas considerações, evidenciamos como podemos nos valer de dois gêneros orais importantíssimos (debate e entrevista) para a produção do seminário e para o desenvolvimento de nossa pesquisa. O debate poderá contribuir para a produção do seminário, uma vez os alunos terão que: i) argumentar oralmente sobre o tema; ii) decidir sobre o tipo de pesquisa que farão; iii) definir quem irá dizer o quê e em que momento vai dizer; iv) pensar nos recursos tecnológicos que poderão usar, dentre outras coisas que possam facilitar o trabalho com o gênero seminário. E a entrevista pode auxiliar na coleta de informações referentes ao tema proposto.

Ressaltamos o quanto é importante trabalhar com gêneros orais na escola. Essas entidades apresentam estruturas adequadas a diversas situações comunicativas formais e informais do uso da fala. Cabe à escola realizar um trabalho mais efetivo com esses gêneros, utilizando estratégias como agrupamentos de gêneros orais ou de gêneros da mesma esfera comunicativa, em que um gênero possibilitaria a produção de outros.

Como acontece com a escrita, a oralidade necessita ser trabalhada constantemente, pois a prática da oralidade e a atenção do professor aos aspectos linguísticos formais e comportamentais do aluno auxiliam no desenvolvimento das competências orais e na produção de diversos gêneros orais. Para isso, é preciso que o professor desenvolva um trabalho eficiente com os gêneros orais, buscando para isso os subsídios teóricos necessários.

2.1 O gênero seminário: ensino e aprendizagem

O ensino de gêneros tanto escritos quanto orais está previsto nos PCNLP (BRASIL, 1997b; 1998b); porém, como já mencionado no tópico anterior, o que observamos é que o ensino de gêneros escritos prevalece sobre os orais.

E quando há um gênero oral, por exemplo, o seminário, este é tratado como um gênero inferior e, muitas vezes, nem é visto como um gênero propriamente dito, apenas como uma metodologia ou uma mera forma apresentação trabalhos para as diversas disciplinas, em que o professor quer apenas avaliar se um aluno ou um grupo de alunos apropriaram-se de determinados conteúdos que não lhes foram ainda ensinados. Essa realidade nos leva a ressaltar que o seminário é um gênero tão complexo como qualquer outro e, portanto, necessita receber, na sala de aula, a atenção que merece.

O seminário é um gênero muito solicitado por professores de Ensino Fundamental, Médio e Superior. Ele permite a construção conjunta do conhecimento, promovendo uma aula menos centralizada no professor e com menor tendência de que os alunos assumam o papel de ouvintes passivos, como normalmente acontece numa aula expositiva tradicional. Além disso, o seminário pode contribuir para despertar mais interesse do aluno em ouvir o que os colegas têm a dizer. Como afirmam Brait e Rojo,

Ao sugerir um tema para ser discutido e apresentado sob a forma de seminário, o professor está propondo uma interação ativa entre ele e os alunos e as fontes de conhecimento e entre os alunos realizadores e os receptores. O que está em jogo não é apenas um tema, mas uma forma de composição e um estilo específico de tratamento desse tema, de maneira que os diferentes resultados sejam produtivos. (BRAIT; ROJO, 2002, p. 1).

Esse gênero abarca inúmeros elementos significativos, o que pode promover um ensino múltiplo e funcional para o aluno, funcionando como um instrumento pedagógico privilegiado na construção de conhecimento de diversos conteúdos. Essa característica do seminário faz com que ele não seja destinado, exclusivamente, à área de Língua Portuguesa, mas a todas as disciplinas que compõem a grade curricular da escola. Isso significa que o seminário tem objetivos e/ou finalidades bem definidos, o que extrapola uma mera explicação informal qualquer.

A esta altura, poderemos nos perguntar: o que é, mesmo, um seminário? Para Goulart, o seminário constitui-se, privilegiadamente, como “uma proposta de interação ativa entre professor, alunos expositores e audiência” (GOULART, 2005, p. 80), já que haverá uma

sugestão, por parte do professor, de conteúdos a serem apresentados por seus alunos, e estes, por sua vez, ao realizarem a atividade, provavelmente, manterão um diálogo com a plateia (os demais colegas de classe). Ressaltamos que, neste caso, o professor é orientador, mediador, avaliador e, ao mesmo tempo, audiência do gênero seminário.

O seminário é também considerado uma “técnica de ensino socializado, no qual os alunos se reúnem em grupo com o objetivo de estudar, investigar um ou mais temas, sob a direção do professor” (VEIGA, 1991, p. 110).

Da escassa bibliografia sobre o gênero seminário, destacamos o trabalho de Dolz, Pietro e Schneuwly (2004), que trazem a definição de exposição oral de modo mais sistematizado, fornecendo-nos embasamento teórico e analítico sobre esse gênero que nos permite pensar também no gênero seminário. Acreditamos que os gêneros seminário e exposição oral têm características semelhantes e que o gênero exposição oral apresenta uma excelente organização interna que servirá de estrutura composicional na produção do gênero seminário. Para os autores, a exposição oral seria um discurso que se realiza numa situação de comunicação específica, que poderíamos chamar de bipolar, reunindo o orador ou expositor e seu auditório. Podemos, pois, definir a exposição oral como um “gênero público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa” (DOLZ; DE PIETRO; SCHNEUWLY, 2004, p. 218).

Além disso, a exposição oral também representa uma forma de produção de conhecimento de diversos conteúdos. Não apenas para a audiência, mas também, e sobretudo, para aquele que a prepara e apresenta. A exposição representa, assim, um instrumento para aprender conteúdos diversificados, mas estruturados pelo enquadramento viabilizado pelo gênero. A exploração de fontes diversificadas de informação, a seleção das informações em função do tema e da finalidade visada e a elaboração de um esquema destinado a sustentar a apresentação oral constituem um primeiro nível de intervenção didática, ligado ao conteúdo (DOLZ; DE PIETRO; SCHNEUWLY, 2004).

Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 221),

A exposição oral apresenta dimensões ensináveis como: a situação de comunicação (reúne alunos que fazem uma exposição a um público) sobre um tema, as quais utilizamos e acreditamos estar presentes também no gênero seminário, sendo que o aluno estará na posição de especialista. Organização interna: 1) Uma fase de abertura; 2) Introdução ao tema; 3) Apresentação do plano da exposição; 4) O desenvolvimento e encadeamento

dos diferentes subtemas; 5) Uma fase de recapitulação e síntese; 6) A conclusão; 7) O encerramento.

O gênero seminário, além de uma organização interna semelhante ao gênero exposição oral descrito por Schneuwly e Dolz (2004), também apresenta características linguísticas (coesão temática, sinalizações do desenvolvimento do texto), introdução de exemplos, reformulações, preparação e oralização de notas. E possui os mesmos objetivos da exposição oral: consciência da situação de comunicação, exploração de fontes de informação, estruturação de uma exposição.

Antes da apresentação do seminário existe a fase de preparação, que, segundo Vieira (2005), é uma fase extremamente importante, pois ela assegurará que a apresentação e a discussão não sejam superficiais e mal compreendidas. O aluno, neste momento, poderá ter a compreensão dos objetivos e do tema proposto.

Ainda nesta etapa, cabe ao professor orientar e ajudar os alunos com a bibliografia, com a localização e seleção das fontes de pesquisa e com sugestões sobre as questões centrais e métodos de análise mais adequados, a delimitação de tópicos para análise e discussão, o cumprimento do cronograma estabelecido para o trabalho. Cabe, ainda, ao professor sugerir a organização física da sala de aula, de modo que favoreça a socialização, a comunicação e a construção do conhecimento.

O professor também deverá esclarecer como será a avaliação do seminário, os critérios que serão utilizados. Conforme sugere Monteiro (2013), podemos observar a competência discursiva do aluno, avaliando sua comunicação verbal pelo conhecimento do tema, vocabulário e coerência discursiva; a comunicação paraverbal pode ser avaliada por meio da expressividade, entonação, tom de voz; e a comunicação não verbal, pelo seu olhar, gestos e postura corporal. Essas são sugestões importantes, que podem nortear a observação do seminário, que pode ser feita em formato de quadro, evitando uma avaliação extremamente subjetiva.

Bueno e Abreu (2010) constataram que também seria necessário ensinar aos alunos, além da parte relacionada à apresentação do seminário, como ler os textos e pesquisar para fundamentar a apresentação de cada um; como fazer as transparências/slides que seriam usados na exposição; como fazer um *handout* para distribuir ao público; como organizar o tempo antes do seminário, para que o grupo pudesse se reunir para fazer as leituras e pesquisas, distribuir as tarefas, verificar os recursos técnicos, treinar a apresentação para garantir a adequação do tempo, entre outras orientações possíveis.

Ao aluno ou grupo, por sua vez, cabe, a partir da escolha do tema, buscar as informações em fontes diversas, selecioná-las, fazer uma síntese do material e estudá-lo com profundidade, organizar a apresentação em termos de utilização de recursos materiais e didáticos, além de negociar os papéis de relatores e comentaristas entre os representantes do grupo. Pode, também, ser tarefa do aluno preparar um material audiovisual (*slides*, imagens, cartazes, vídeos) para subsidiar sua fala.

O seminário é, portanto, um gênero que envolve práticas sociais de letramento e oralidade, pois promove a interação e o desenvolvimento de atividades de leitura, exposição, escrita e possíveis debates. É um gênero oral extremamente relevante para a comunicação e a interação entre alunos e professor, bem como para a produção de conhecimento de quem fala e de quem ouve. Dentro dele circulam diferentes linguagens que manifestam muitas culturas.

De acordo com Vieira (2005), nos seminários podemos observar a construção de significados pautados na escrita, na fala, nos gestos, no tom da voz, na música, nas imagens, nos movimentos corporais e em tantos outros elementos que terminam por configurá-lo como uma produção multimodal. Daí a necessidade de estudá-lo em termos dos múltiplos letramentos necessários à construção de sentido em meio a textos diversos e de naturezas diversas. Há no seminário vários letramentos envolvidos: o letramento escolar, o letramento tecnológico e o letramento visual.

Vieira (2005) afirma que a prática do seminário contribui para o estabelecimento, na sala de aula, de um ambiente propício ao ensino e aprendizagem de multiletramentos. Estes contribuem para uma participação mais completa do aluno tanto na escola quanto fora dela, ampliando suas possibilidades de interação com outros protagonistas sociais e o desenvolvimento de novos letramentos. E não podemos deixar de lembrar que o seminário é também uma prática de oralidade, necessária no contexto escolar.

Devido ao fato de o seminário promover a interação professor/aluno, há que se considerar o papel tanto de um quanto de outro nesse processo de ensino. O diálogo aberto entre professores e alunos nos seminários possibilita “a cooperação, o auxílio mútuo e a socialização de experiências que levam à (re) construção de um novo conhecimento, enriquecido pelo caráter de coletividade e de participação” (GRILLO, 2000, p.146).

Quanto ao papel do professor no seminário, Balcells e Martin (1985, p. 90) afirmam que

Consiste em coordenar as diversas atividades; orientar e guiar os alunos em todas as fases; fazer a síntese. No entanto, no seminário, o professor é um

diretor do trabalho, não é o seu executante. Quando se estabelece o diálogo, o seu papel é o de vigiar e orientar a sua evolução, intervindo apenas para formular com maior exatidão os problemas descobertos pelos alunos ou para encaminhar a discussão para outros campos. É uma tarefa essencialmente orientadora. (BALCELLS; MARTIN, p. 199).

E o papel do aluno, segundo Veiga (1991), é

Escolher o tema ou subtema; obter as informações, dados, [...] por intermédio de pesquisas, experimentações, levantamentos, leituras, entrevistas [...] ler a bibliografia sugerida e estudar previamente [...] escolher os relatores e comentaristas [...] providenciar os materiais. (VEIGA, 1991, p. 111).

Considerando o exposto, podemos afirmar que o seminário é um gênero com misturas, pois sua composição (discussão oral apoiada em textos escritos) é estruturada em apresentação do tema, por meio de sequências textuais expositivas, descritivas, argumentativas e/ou narrativas, e é definida de acordo com as necessidades comunicativas dos membros do grupo social (no caso, alunos e professores).

Observamos que, por meio do seminário, é possível: i) trabalhar textos escritos como suportes e como fontes de pesquisa; ii) permitir que o aluno faça uma retextualização da modalidade escrita, transformando os textos relacionados ao tema com suas próprias ideias ou em discussão com seu grupo na modalidade falada; iii) explorar recursos tecnológicos e midiáticos (projektor, figuras, gráficos.); iv) utilizar outros gêneros orais em sua elaboração (debate e entrevista, por exemplo) e, v) trabalhar, sobretudo, a prática da oralidade na sala de aula.

Além disso, o seminário é um gênero que possibilita uma grande interação entre professor e aluno e entre os próprios alunos, que, hoje, com o uso das tecnologias, poderão desenvolver muitos letramentos (escolar, tecnológico, visual) além da oralidade, para se tornarem mais eficientes em suas apresentações.

Concluimos que o seminário se mostra, portanto, como um gênero muito importante para aquisição e construção de conhecimentos pelos alunos. E também que a opção didática pelo gênero seminário “fortalece e amplia as formas de interação do aluno com o saber, com seus colegas e com o professor” (FARIAS, 2009, p.140), além de promover uma prática efetiva da oralidade na sala de aula.

A partir de nossos estudos sobre o gênero seminário, levando em conta os elementos constitutivos do gênero (BAKHTIN, 1997) e a estrutura composicional de uma exposição oral (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), elaboramos uma definição para o gênero seminário, visando

ao trabalho com alunos de Ensino Fundamental, para que possamos ter clareza do gênero que vamos ensinar. Acreditamos que, quando o professor tem um embasamento teórico maior acerca de determinado gênero, tanto a compreensão quanto a produção do gênero podem ser facilitadas.

QUADRO 2 – O gênero seminário no Ensino Fundamental

GÊNERO SEMINÁRIO	
Seminário é um gênero oral, formal, expositivo, que pode ser realizado individualmente ou em grupo, com o objetivo de expor conhecimentos sobre determinado assunto.	
A pessoa ou o grupo que se propõe a desenvolver um seminário precisa estar ciente da necessidade de cumprir alguns passos:	
1°	Conteúdo temático: determinar um tema a ser trabalhado;
2°	Dialogar com os demais componentes sobre a melhor maneira de se apresentar o tema;
3°	Dedicar-se à elaboração de um plano de investigação (pesquisa);
4°	Definir fontes bibliográficas, observando alguns critérios;
5°	Elaborar um texto (roteiro bibliográfico ou interpretativo);
6°	Estrutura composicional: organizar o seminário em etapas: 1) fase de abertura; 2) introdução ao tema; 3) apresentação do plano da exposição; 4) desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; 5) recapitulação e síntese; 6) conclusão; 7) encerramento (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004);
Estilo verbal: Língua oral formal, usando elementos coesivos entre cada uma das partes que compõem o gênero, com gestos e postura corporal adequados à situação de uso da língua.	
7°	Agradecimentos e abertura para discussão com os colegas.

Fonte: Elaborado pela autora

Acreditamos que, subsidiado pelos pressupostos teóricos bakhtinianos e guiado tanto pelo quadro acima quanto pela proposta didática que apresentaremos posteriormente, o professor poderá ensinar os alunos do Ensino Fundamental, principalmente, a compreenderem e produzirem, de modo adequado e eficiente, o seminário na sala de aula.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia que utilizamos neste estudo é a pesquisa qualitativa. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser compreendido melhor no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode ser conduzido através de diferentes caminhos. Assim, em primeiro lugar, fizemos um levantamento bibliográfico sobre a prática da oralidade no ensino de Língua Portuguesa, especificamente quanto ao uso do gênero seminário. Posteriormente, no momento da aplicação da proposta didática, realizamos uma pesquisa-ação com base em Thiollent (1996), que assim define esse tipo de pesquisa:

[...] pesquisa social participante, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo [...]. (THIOLLENT, 1996, p. 14).

O método da pesquisa-ação ampara-se na perspectiva teórica que fundamenta o estudo, sendo essa fundamentação a base para a promoção de conhecimento e a tomada de consciência. Outro aspecto importante da pesquisa-ação é a interação do pesquisador com os participantes da pesquisa, gerando uma relação de proximidade entre ele e os envolvidos na situação examinada, que favorece o desenvolvimento e a posterior avaliação da ação proposta. Dessa forma, é possível contemplar os três aspectos do método pesquisa-ação: “resolução de problemas”, “tomada de consciência” e “produção de conhecimento” (THIOLLENT, 2011, p. 25).

Acreditamos que, por meio da proposta didática executada na pesquisa-ação, obtivemos ações para a resolução dos problemas levantados, a partir da tomada de consciência do professor-pesquisador e, posteriormente, a produção de conhecimento sobre o gênero seminário por parte dos alunos.

3.1 Passos trilhados, instrumentos de coleta de dados e participantes

Tendo em vista o propósito e o objeto de investigação, nesta pesquisa foi desenvolvida uma pesquisa-ação, como já mencionado, com análise descritiva, qualitativa e interpretativa dos dados.

O trabalho iniciou-se a partir de uma extensa pesquisa e revisão bibliográfica que aconteceu ao longo de todo o estudo. Posteriormente, desenvolvemos e aplicamos uma proposta didática na sala de aula. Os participantes deste estudo foram alunos de uma turma de 9º ano da segunda fase do Ensino Fundamental de um colégio público da cidade de Aparecida de Goiânia-GO⁴. A escolha do local e da turma deveu-se a uma exigência do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, que estabelece, como um dos requisitos para participar do programa, que o trabalho seja desenvolvido em uma turma do Ensino Fundamental da qual o(a) pesquisador(a) seja o(a) professor(a) de Língua Portuguesa regente da classe. Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFU (outubro de 2016), para apreciação e aprovação.

Após ser aprovado o projeto, o termo de consentimento foi preenchido por todos os envolvidos na pesquisa. Antes de iniciarmos a pesquisa propriamente dita, fizemos a explanação da ideia à direção da escola, aos alunos participantes e aos responsáveis pelos alunos menores de idade que participariam da pesquisa, por meio de uma reunião com eles. Após o aceite dos responsáveis pelos alunos participantes, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para assinarem, assim como aos participantes menores de idade, para que também assinassem.

As estratégias utilizadas a partir da pesquisa-ação, bem como a opinião dos sujeitos participantes, permitiram uma maior interação entre participantes e pesquisadora, o que foi muito importante para o desenvolvimento da pesquisa.

O primeiro passo foi apresentação do projeto à direção da escola onde ministramos aulas de Língua Portuguesa em quatro turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, no período matutino, na cidade de Aparecida de Goiânia-GO. A turma de 9º ano escolhida tem entre 20 e 30 alunos, do sexo masculino e feminino, com faixa etária entre 13 e 17 anos. Em seguida, fizemos uma reunião com os pais dos alunos/alunas da turma envolvida na pesquisa, para

⁴ Obedecendo às exigências do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), o nome da escola foi omitido.

saber qual aluno(a) gostaria de/poderia participar da pesquisa. A coordenadora pedagógica e a diretora participaram desta reunião.

Durante a reunião foram explicitados os objetivos do estudo e os procedimentos a serem utilizados e no final foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que estes (caso concordassem) assinassem. Posteriormente os alunos menores de idade, cujos pais autorizaram a participação, assinaram o Termo de Assentimento para o Menor. Não havia nenhum aluno maior de idade na turma.

Neste momento os presentes foram informados de que a identidade dos participantes seria mantida em sigilo e os dados que comporiam o *corpus* de análise ficariam sem identificação. A participação dos alunos aconteceu somente após a assinatura dos dois termos acima referidos.

Cabe esclarecer que, como a pesquisa foi desenvolvida nos horários regulares de aula, foram vinte e três os(as) alunos(as) que aceitaram participar da pesquisa e realizaram normalmente as atividades que foram desenvolvidas; não houve nenhum aluno que não participou.

No primeiro semestre de 2017, foi aplicada uma intervenção por meio de uma proposta didática, que foi desenvolvida na sala de aula com alunos da turma de 9º ano participante da pesquisa. A opção pelo trabalho com a proposta didática deveu-se ao fato de considerarmos que essa é uma boa estratégia de ensino-aprendizagem, pois pode promover uma relação de interação em que a produção de escuta textual deve ser harmonizada de modo que a comunicação se estabeleça.

As atividades previstas nesta proposta foram realizadas na sala de aula, no pátio da escola e nos ambientes externos que se mostraram adequados para a sua realização. Para trabalharmos o gênero oral seminário, contamos com trinta aulas de cinquenta minutos, que ocorreram no primeiro semestre de 2017.

Para além da proposta didática, buscamos apoio nas ideias de Bakhtin (1997), principalmente no que diz respeito aos elementos que, segundo esse autor, são constitutivos dos gêneros, quais sejam: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. As atividades referentes a esses conteúdos foram distribuídas em diferentes etapas da proposta didática.

As aulas foram divididas em etapas, sendo que a primeira foi usada para contextualização do gênero, e a segunda para preparação e apresentação de um seminário diagnóstico, sem nenhuma orientação de nossa parte. Na terceira etapa, a partir desse seminário diagnóstico, houve módulos para a socialização e aprendizagem do gênero seminário, discussão e pesquisa do tema, gravação em vídeo das aulas e da prática da

oralidade, pelo professor, e trabalho com outros gêneros orais. As últimas aulas (quarta etapa) destinaram-se à apresentação do seminário final para as outras turmas de 9º ano do colégio.

Os alunos da turma-base da pesquisa foram os protagonistas (multiplicadores) de um processo de ensino-aprendizagem de como preparar e realizar um seminário para os demais alunos do 9º ano. A turma escolhida apresentou um seminário às demais classes de 9º ano do turno matutino. Ao final da apresentação, os alunos-ouvintes puderam aprender a produzir um seminário. Para a realização do seminário, os alunos escolheram, juntamente com a professora pesquisadora, um tema considerado de relevância para todos os envolvidos na pesquisa: “O uso de drogas ilícitas”. A partir desse contexto, percebemos que os alunos se sentiram mais preparados e seguros em apresentar um seminário para os colegas e professores, ou para outras pessoas, numa situação social qualquer.

Para a coleta de dados e para desempenharmos a função de professora e pesquisadora, as aulas práticas foram gravadas em vídeo (os vídeos foram numerados, arquivados e depois transcritos) e posteriormente desgravadas. Essa etapa foi complementada pela escrita de diários de campo, onde foram anotadas todas as observações pertinentes ao seminário diagnóstico (primeiro diário) e o seminário realizado após o estudo do gênero (segundo diário), a fim de comparar as diferenças na aprendizagem dos participantes antes e depois das aulas ministradas.

De posse dos dados obtidos, fizemos a análise qualitativa, que consistiu na descrição e análise da estratégia teórico-metodológica escolhida; bem como a interpretação das observações, que será apresentada mais adiante, no capítulo destinado à análise e reflexões sobre a prática vivenciada.

A escolha do Diário de Campo deve-se ao fato de que é um registro escrito da pesquisa, pois, segundo Falkembach (1987), o diário é instrumento facilitador para observações, descrições e reflexões de práticas, fatos, atividades e comportamentos, constituindo uma ampla fonte de informação. Dessa forma, as observações e registros serão feitos ao longo da aplicação da proposta de intervenção, para que se possam preservar todas as informações obtidas, com fidelidade. E, neste caso, complementaremos com as observações das gravações das aulas filmadas. A seguir, apresentamos o modelo de Diário de Campo que foi utilizado para o registro de nossas observações.

QUADRO 3 – Instrumento de registro e análise

MODELO DE DIÁRIO DE CAMPO	
Data:	
Horário:	
Local:	
Participantes envolvidos:	Não nomearemos, a fim de se garantir a preservação da identidade dos participantes. Usaremos os códigos A1, A2 para cada aluno envolvido.
Planejamento:	Como o SEMINÁRIO foi planejado em sala pelos participantes.
Ação:	Como agimos como mediadora.
Objetivos das ações:	O que pretendemos com a ação.
Desenvolvimento do seminário:	Como foi desenvolvida pelos participantes.
Reflexões:	Relações entre teoria e prática.
Avaliação:	Diante dos objetivos, instrumentos usados e resultados esperados e alcançados.
Bibliografia:	Bibliografia utilizada para o desenvolvimento das atividades.

Fonte: Elaborado pela autora

A partir do diário de campo tivemos uma visão geral dos seminários apresentados e pudemos comparar as diferenças entre o seminário diagnóstico e o final.

4 UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O GÊNERO SEMINÁRIO

De acordo com os objetivos propostos para esta pesquisa, produzimos e aplicamos a proposta didática descrita a seguir, cuja base teórica está ancorada nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1997) e de Schneuwly e Dolz (2004), principalmente. Por meio dessa proposta, num primeiro momento verificamos as possíveis dificuldades dos alunos em produzir o gênero seminário e, num segundo momento, realizamos uma intervenção em sala de aula a respeito de como os alunos devem produzir o gênero seminário.

Consideramos e obedecemos aos agrupamentos e à progressão dos gêneros, propostos por Schneuwly e Dolz (2004), que exploram os múltiplos aspectos textuais-discursivos do gênero seminário e auxiliam em sua composição. Dessa maneira, acreditamos que auxiliamos o professor a ensinar o gênero e que os alunos da turma-base serão os multiplicadores do conhecimento adquirido durante as aulas.

Vale ressaltar que o perfil da turma e as dificuldades reais dos alunos foram diagnosticados a partir da primeira tentativa de produção do gênero, que nos orientou no sentido de executar ou refutar as atividades previstas nas etapas da proposta. Como mencionamos anteriormente, aplicamos uma proposta didática em quatro etapas, a fim de observarmos o que os alunos sabiam sobre o seminário.

Para isso, recorreremos a um seminário diagnóstico e, depois, produzimos juntos outro seminário, a partir dos erros e acertos do primeiro. Finalmente, socializamos tanto o percurso quanto os resultados com os demais colegas de outras turmas de 9º ano da escola.

Componente curricular: Língua Portuguesa

Público-alvo: 9º ano do Ensino Fundamental

Tempo estimado para a aplicação da proposta: primeiro semestre de 2017

Gênero de estudo: Seminário

Aulas propostas: 30 aulas de 45 ou 50 minutos

O que o aluno pode aprender com esta proposta:

1. Utilizar a oralidade na sala de aula, especialmente na apresentação de seminários;
2. Pesquisar e expor seus conhecimentos sobre um tema de seu universo escolar;
3. (Re)conhecer o gênero seminário como gênero expositivo oral;
4. Identificar o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional do gênero seminário;
5. Desenvolver competências necessárias à apropriação do gênero seminário;

6. Aprender sobre os gêneros orais entrevista e debate para a preparação e apresentação do seminário;
7. Utilizar gêneros orais (entrevista e debate) para preparar o gênero seminário;
8. Socializar seus conhecimentos aprendidos sobre o gênero seminário com os demais alunos do 9º ano.

4. 1 Primeira etapa: apresentação da situação (tempo estimado: duas aulas)

Esta etapa foi necessária para a apresentação da proposta didática aos alunos e para dar início ao processo de ensino-aprendizagem do gênero seminário.

Objetivos:

- Apresentar o gênero a ser estudado na proposta didática, verificar os conhecimentos prévios dos alunos e o grau de importância que eles atribuem ao gênero;
- Identificar o gênero seminário como forma de expor oralmente conteúdos e assuntos diversos para fins educativos;
- Discutir a importância do uso da oralidade e dos gêneros orais na sala de aula;
- Apresentar a proposta didática e convidar a turma a participar. Posteriormente, compartilhar o conhecimento adquirido a respeito do gênero seminário com as demais turmas de 9º ano da escola.

Tivemos, na sala de aula, uma conversa com os alunos, objetivando apresentar nossa proposta de intervenção com o gênero oral seminário, que foi desenvolvida ao longo de uma proposta didática. Para isso, fizemos uma aula dialogada com os alunos, com perguntas sobre o gênero seminário, seu ambiente de produção e suas funções comunicativas. Levantamos conhecimentos prévios dos alunos a respeito do que vem a ser um seminário. Discutimos com os alunos sobre as seguintes questões:

- a) o que é um seminário;
- b) qual a sua finalidade;
- c) como se organiza;
- d) quem dele participa;
- e) quais os papéis/funções dos participantes;
- f) em que lugares/espços sociais costumam acontecer seminários.

E, posteriormente, houve a exibição de um vídeo⁵ curto de alunos, apresentando um seminário na escola, encontrado no site <https://www.youtube.com/watch?v=kJtK-mG3vR0>. Esse vídeo exemplifica, de maneira simples, como um seminário pode ser produzido. Por meio dele os alunos, inicialmente, tiveram um exemplo do gênero a ser estudado, de acordo com a realidade de sala de aula.

Os alunos foram conduzidos a observar o quanto é necessária uma orientação do professor sobre a produção de um seminário. E por último fizemos a apresentação aos alunos das etapas da proposta didática. Estabelecemos um acordo no que diz respeito à organização de todas as atividades, para que os envolvidos possam ter vez e voz.

4.2 Segunda etapa: seminário diagnóstico (tempo estimado: quatro aulas)

Este foi um momento importante para: i) sondar os conhecimentos dos alunos sobre o gênero seminário; ii) fazer o levantamento das dificuldades dos alunos ao pesquisar o tema a ser apresentado; iii) observar o modo como os alunos usam a fala em situações linguísticas formais; iv) observar a postura diante dos colegas, a fala do conteúdo, a forma de exposição do conteúdo, a relação entre o texto escrito e o texto falado.

Com esta etapa objetivamos estabelecer um primeiro contato com os alunos, enquanto locutores do gênero, com o seminário, e diagnosticamos as suas dificuldades em relação à produção desse gênero.

Foi nesse momento que apresentamos aos alunos a proposta de produção/apresentação de um seminário em grupo sobre um tema previamente escolhido⁶. Fizemos poucas orientações, como os professores de qualquer disciplina, de maneira geral, costumam fazer quando propõem um seminário aos alunos, uma vez que objetivamos saber o grau de conhecimento que eles têm desse gênero. Foram elas:

1. Escolha dos subtemas para cada grupo: “Os efeitos das drogas ilícitas no corpo”; “O uso de drogas na adolescência”; “O impacto das drogas na família”; “O uso de drogas ilícitas e a geração de violência”;
2. Quantidade de alunos que irão compor os grupos (até cinco pessoas);

⁵ Consideramos relevante apresentar aos alunos vídeos de gêneros orais, para que eles vissem e ouvissem um texto oral e tivessem noção do gênero como um modelo didático, como nos sugere Travaglia (2011) para tornar o modelo do gênero como objeto de ensino.

⁶ O tema foi relativo a alguma questão trabalhada na sala de aula durante o período coincidente com a aplicação da proposta, sendo que cada grupo teve um subtema sobre o tema escolhido, evitando que houvesse falas semelhantes e permitindo que cada grupo trouxesse uma contribuição diferente sobre o tema geral. Muitas vezes é necessário orientar as escolhas dos temas para obter melhor direcionamento para os grupos.

3. Tempo estimado para as apresentações (20 minutos);
4. Auxílio de recursos tecnológicos durante a apresentação;
5. Superficial orientação sobre as características do gênero seminário (etapas do seminário);
6. Incentivo à pesquisa para conhecimento do tema (em casa);
7. Recomendação de não usar papel escrito e sua leitura durante a apresentação.

Falamos aos alunos que eles seriam avaliados de maneira quantitativa sobre sua comunicação verbal (conhecimento do tema, vocabulário, coerência discursiva); comunicação paraverbal (expressividade, entonação, tom de voz) e comunicação não verbal (olhar, gestos, postura corporal), e sobre seu conhecimento do gênero seminário desde a preparação, até a produção de todos os gêneros. Essa avaliação visou à percepção de suas dificuldades, para que, posteriormente, elas pudessem ser sanadas.

Em primeiro lugar, falamos aos alunos que eles deveriam apresentar um seminário, em grupo de cinco alunos, sobre o tema do bimestre, sendo que todos os alunos deveriam falar, e que poderiam solicitar o uso do projetor da escola se quisessem. Para isso, eles teriam uma aula para se organizarem em grupo e outra aula para pesquisar e ensaiar a apresentação, se julgassem necessário.

Em segundo lugar, feitas a organização e a preparação do seminário, aconteceram apresentações dos grupos de seminários da turma sobre o tema e os subtemas escolhidos pelos próprios alunos, com o uso de projetor e outros materiais escolhidos por eles. Neste momento fizemos a gravação em vídeo das apresentações e anotações do seminário diagnóstico, para avaliação da comunicação verbal do aluno (conhecimento do tema, vocabulário, coerência discursiva), da comunicação paraverbal (expressividade, entonação, tom de voz), da comunicação não verbal (olhar, gestos, postura corporal) e da produção do gênero seminário.

Aproveitamos este momento, por meio de uma discussão, para que os próprios alunos, individualmente, se avaliassem quanto a sua comunicação verbal, comunicação paraverbal e comunicação não verbal. Essa foi uma oportunidade para que os alunos refletissem também sobre o domínio demonstrado em relação ao gênero seminário.

4.3 Terceira etapa: módulos

Informamos aos alunos que o desenvolvimento das atividades dessa etapa tinha o objetivo de diminuir os problemas encontrados na apresentação do seminário diagnóstico e, portanto, de diminuir as dificuldades dos alunos quanto à oralidade e também com a coleta de dados e o entendimento do gênero seminário. E, mais especificamente, quanto ao trabalho com dois outros gêneros orais, a entrevista e o debate, e com relação ao conteúdo temático, estilo e estrutura composicional do gênero seminário. Além disso, essa etapa visou auxiliar o trabalho do professor com o gênero por meio de outros gêneros orais e quanto à compreensão do gênero seminário.

4.3.1 Módulo I: trabalho com os gêneros orais debate e entrevista

Neste módulo, objetivamos mostrar como os gêneros orais debate e entrevista contribuiriam para a preparação do seminário e principalmente para a produção do roteiro de apresentação e a aquisição de conhecimento que os alunos deveriam produzir para organizarem da melhor forma o espaço, o tempo e o tema propostos ao grupo. Desta forma, pretendíamos facilitar o trabalho do professor e fazer com que o aluno tenha familiaridade com outros gêneros orais. Para isso, usamos o projetor para mostrar exemplares de entrevista e debate por meio de vídeos. Assistimos a um vídeo, como exemplo de debate para reflexão de como argumentar, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ASNtlFJAjw4>, e outro vídeo com um exemplo de entrevista feita por alunos, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wLz1dsj7Tn0>.

❖ Atividade de reflexão sobre os gêneros debate e entrevista (tempo estimado: duas aulas)

Depois de assistirem aos vídeos, nas duas aulas seguintes solicitamos que os alunos fizessem algumas reflexões a respeito dos vídeos sobre a entrevista e o debate, e depois pedimos que descrevessem as representações da situação de produção dos textos. Para isso, escrevemos as seguintes perguntas no quadro, para que os alunos as respondessem oralmente:

- Quem é o produtor do texto?
- Quem é o receptor do texto?
- Qual a finalidade do texto?

- Quais são as características orais dos textos?
- Qual é a estrutura de cada texto?
- O que ambos os textos têm em comum?
- Como esses textos podem auxiliar na produção de um seminário?

Posteriormente, mostramos as características orais e estruturais dos dois gêneros estudados, informações sobre o público-alvo, objetivos dos dois gêneros, dentre outros aspectos relacionados à composição, estilo e conteúdo temático desses gêneros orais. Mostramos aos alunos que esses gêneros poderiam auxiliar na preparação e na apresentação de seminários.

Após a interação com os alunos, fizemos comentários sobre a relação entre os gêneros orais entrevista, debate e o seminário. Neste momento, os alunos retomaram os subtemas apresentados no seminário diagnóstico, para que entrevistassem pessoas dentro e fora da escola sobre o que pensam do assunto. Optamos por começar com a entrevista, porque ela poderia servir como coleta de informações para ampliar o conhecimento dos alunos sobre o subtema proposto e para que eles tivessem mais a ser dito durante o debate que fariam para preparar o seminário.

❖ **Atividade de entrevista para produção do seminário (tempo estimado: quatro aulas)**

Entrevista com pessoas pertencentes (ou não) ao quadro de funcionários ou alunos da escola, escolhidas pelos alunos, para conhecimento do tema e preparação de seminário.

Objetivo(s):

- Usar a fala para participar de uma situação de comunicação oral formal;
- Reconhecer algumas das características e funções do gênero oral entrevista;
- Esclarecer dúvidas ou curiosidades que porventura apareçam durante a pesquisa do tema escolhido;
- Realizar uma entrevista oral sobre o tema escolhido para preparação de seminário.

Antes de realizar atividades sobre entrevista, pedimos aos grupos de alunos que usassem pesquisas referentes ao seminário diagnóstico e questões polêmicas/dúvidas para discussão do subtema e preparação do seminário diagnóstico, a fim de elaborar perguntas que não foram esclarecidas naquele momento. É fundamental que o subtema escolhido seja conhecido pelos alunos, para que eles saibam o que perguntar. O objetivo é aumentar as

informações pesquisadas sobre o subtema escolhido, de acordo com as dúvidas ou curiosidades levantadas durante a etapa do seminário.

Antes de definirem as perguntas que foram feitas, foi preciso ampliar o conhecimento dos alunos sobre o gênero entrevista; procuramos levantar os conhecimentos deles a respeito de entrevistas orais encontradas em telejornais, sites, programas de TV e rádio. E posteriormente exibimos um vídeo sobre o que é o gênero entrevista, retirado do site <https://www.youtube.com/watch?v=IopYU9RQID4>.

Primeiramente, perguntamos aos alunos se já tinham assistido a uma entrevista oral fora da escola, questionando-os em que situações comunicativas costumam ter acesso a esse gênero. Depois, apresentamos um vídeo de uma entrevista oral sobre o tema gravidez na adolescência, disponibilizado no site <https://www.youtube.com/watch?v=N-ibkeUFehA>.

Neste momento, os alunos observaram semelhanças entre os tipos de perguntas e respostas, construindo um repertório para elaborar seu próprio roteiro de entrevista. Orientamos a observação dos alunos por meio de anotações em relação à entrevista assistida, destacando aspectos importantes para quem está aprendendo a ser um entrevistador: o objetivo da entrevista, as informações obtidas, a adequação das perguntas feitas pelo entrevistador, o ajuste das perguntas às respostas do entrevistado, em outras palavras, abordando a estrutura composicional, a temática e o estilo desse gênero. Depois tivemos um espaço de discussão sobre as observações anotadas.

❖ **Atividade de elaboração do roteiro da entrevista (tempo estimado: uma aula)**

Depois que as perguntas foram definidas e o gênero entrevista foi discutido, os alunos elaboraram um roteiro para a entrevista sobre o subtema de cada seminário. Os alunos, neste momento, se reuniram em grupos e anotaram todas as dúvidas ou curiosidades que tiveram quando estavam pesquisando sobre o tema que iriam apresentar o seminário. Essa atividade funcionou como preparação para as perguntas que compunham a entrevista.

Orientamos que as perguntas formuladas nesta atividade se transformassem em um roteiro escrito, pois posteriormente seriam retextualizadas para se transformarem em perguntas orais na entrevista. Em seguida, apresentamos a produção do roteiro de cada grupo para a turma, para que todos fizessem suas observações e sugestões. Construímos um roteiro final coletivamente.

Após a elaboração do roteiro, orientamos os alunos a agendar o dia da entrevista, escolher as pessoas que seriam entrevistadas dentro da escola e avisá-las sobre a data e o

motivo da entrevista. Caso o aluno preferisse entrevistar alguém fora da escola, deveria agendar fora do horário de aula e nos avisar. Ressaltamos a importância de serem preferencialmente pessoas da escola, para que o aluno utilizasse o momento da aula para realizar a entrevista. Em seguida, os alunos definiram como se realizaria a entrevista: quem faria as perguntas, como seria a gravação e quem ficaria responsável por essa tarefa, como acompanhariam a atividade e quem assinalaria no roteiro as perguntas já feitas.

Cada grupo que elaborou as questões definiu quantos entrevistadores (poderia haver mais de um, desde que as perguntas fossem feitas de forma organizada e o ritmo da entrevista fosse mantido) participariam da entrevista. Além disso, os alunos escolheram como e quem iria filmar a entrevista.

Neste momento, ressaltamos o uso do registro mais formal da língua durante a entrevista oral, pois se trata de um gênero que requer mais formalidade e, conseqüentemente, mais monitoramento na fala; e alertamos também sobre o uso de roupas adequadas a esse ambiente de comunicação. Lembramos, ainda, da necessidade de levar o roteiro de perguntas e a filmadora ou o celular.

❖ **Atividade de produção da entrevista (tempo estimado: duas aulas)**

Chegado o dia da realização da entrevista, verificamos com os alunos se todos os instrumentos necessários para a realização da entrevista estavam disponíveis: filmadora/celular, roteiro, dentre outros. No momento da entrevista, o aluno poderia fazer perguntas não previstas no roteiro, e sinalizar para o grupo caso ocorresse repetição de perguntas, por exemplo. A entrevista ocorreu em locais e horários adequados (dentro da escola) e escolhidos pelos alunos. E posteriormente fizemos uma socialização, com a turma, de todas as entrevistas gravadas.

❖ **Debate sobre o subtema e preparação do seminário (tempo estimado: três aulas)**

Após a coleta de informações sobre o subtema, por meio da entrevista, os grupos de alunos se reuniram para debater sobre o subtema escolhido e como apresentariam o seminário. Para isso assistiram ao vídeo disponível no site <https://www.youtube.com/watch?v=ZWSE-4-o-C0>, que mostra como um debate pode ser produzido em sala de aula e quais são as características de estilo, composição e temática deste gênero. Discutimos com os alunos essas

características. Depois, em casa, os alunos pesquisaram individualmente mais informações sobre o tema de seu seminário.

Objetivos:

- Propiciar a socialização entre os alunos;
- Usar a prática de oralidade para a tomada de decisão em grupo;
- Oportunizar a divisão de tarefas entre os componentes do grupo;
- Organizar as etapas do trabalho e as funções dos componentes durante o seminário;
- Compartilhar as pesquisas sobre o subtema e selecionar o material de estudo;
- Escolher o que cada componente irá dizer durante a apresentação;
- Debater sobre seu subtema e tomar decisões sobre sua apresentação de seminário;
- Planejar as etapas da apresentação do seminário;
- Criar um roteiro de apresentação.

❖ Atividade de produção do debate e do roteiro de apresentação (tempo estimado: duas aulas)

Para que os objetivos da atividade fossem alcançados, os alunos trouxeram pesquisas individuais e perguntas polêmicas sobre o tema específico de seu grupo.

Na aula seguinte foi o debate, momento em que dividimos os grupos e colocamos quatro pessoas de cada grupo para debater (responder e argumentar) e uma pessoa para ser o moderador. Esse último selecionou e fez perguntas escritas sobre seu subtema, que depois foram retextualizadas para perguntas orais no momento do debate. Aconteceram debates simultâneos nos grupos e nós observamos cada um deles.

Depois de debaterem sobre o tema, os alunos, em grupo ainda, debateram sobre a distribuição das tarefas e das etapas do seminário de que cada pessoa participou, sobre o material de apoio que iriam utilizar, assim como abordaram o seu subtema em grupo.

Finalmente, os alunos, juntos, escreveram um roteiro de apresentação. Essa atividade foi desenvolvida por meio de outro debate, momento em que os alunos anotaram as decisões tomadas. O moderador decidiu quais foram os melhores apontamentos colocados pelos alunos de seu grupo e tomaram nota escrevendo o roteiro de apresentação. Oferecemos suporte a cada grupo na realização dessa atividade.

4.3.2 Módulo II: características do gênero seminário (tempo estimado: uma aula)

Nesta etapa da pesquisa, foram desenvolvidas estratégias de ensino relacionadas às características do gênero seminário a partir da apresentação do seminário diagnóstico, explorando principalmente o que foi percebido que os alunos não sabiam, bem como as etapas para produção do seminário, tais como: preparação; organização e leitura de material sobre o tema que propusemos; o que fazer durante o seminário, e os recursos linguísticos apropriados: fala formal, expressão corporal e o apoio da memória com recursos tecnológicos. Para tanto, explicamos oralmente o gênero seminário com *slides* e a leitura do texto escrito abaixo, mostrando sinteticamente informações sobre o seminário.

QUADRO 4 – Gênero oral seminário

Seminário
Seminário é um gênero oral, formal, expositivo, que pode ser realizado individualmente ou em grupo, com o objetivo de expor o conhecimento sobre determinado assunto.
A pessoa ou o grupo que se propõe desenvolver um seminário precisa estar ciente da necessidade de cumprir alguns passos:
1º Determinar um tema a ser trabalhado;
2º Dialogar com os demais componentes como irão apresentar em grupo o tema;
3º Dedicar-se à elaboração de um plano de investigação (pesquisa);
4º Definir fontes bibliográficas, observando alguns critérios;
5º Elaborar um texto, roteiro, bibliográfico ou interpretativo;
6º Organizar o seminário em etapas: 1) Uma fase de abertura; 2) Introdução ao tema; 3) Apresentação do plano da exposição; 4) O desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; 5) Uma fase de recapitulação e síntese; 6) A conclusão; 7) O encerramento (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004);
7º Agradecimentos e espaço para discussão com os colegas.

Fonte: Elaborado pela autora

Objetivo:

Identificar os elementos que compõem o gênero seminário: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo.

Para ensinarmos as características do gênero seminário, falamos de acordo com os três componentes do gênero, segundo Bakhtin (1997). Explicamos oralmente as seguintes características pertinentes ao seminário:

- O conteúdo temático: o gênero seminário surgiu para atender a necessidades comunicativas de uma esfera social específica (instrucional ou educacional). Em geral, caracteriza-se por temas com viés educativos e são tratados de forma expositiva.
- A forma composicional: o gênero seminário costuma se organizar com a seguinte estrutura: abertura; introdução ao tema; apresentação do plano da exposição; desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; fase de recapitulação e síntese; conclusão; encerramento.
- O estilo: caracteriza-se pelo emprego característico do registro formal da língua, além de elementos linguísticos que serão empregados para manter a coesão temática, sinalizações do desenvolvimento do texto com a introdução de exemplos, reformulações, preparação e oralização de notas típicas da oralidade, em muitos casos com o apoio de imagens, *slides*, dentre outros recursos.

Além disso, mostramos aos alunos o contexto social em que o gênero circula, qual é a sua função nesse contexto, quem são os interlocutores; consideramos a estruturação do gênero (sua forma composicional), o estilo característico do gênero seminário, atentando ao vocabulário, às construções sintáticas, aos organizadores textuais; refletimos sobre o uso da oralidade e a apresentação da temática proposta. Observamos se todos os participantes estavam envolvidos no processo de produção do gênero oral seminário.

❖ **Atividade de identificação de características do seminário (tempo estimado: uma aula)**

Nesta atividade, orientamos os alunos a fazerem pesquisas na internet sobre o gênero seminário, a fim de que pudessem ter um conhecimento maior sobre como esse gênero surgiu, porque surgiu, para que serve e em qual esfera comunicativa ele pertence. Em casa, os alunos organizaram suas pesquisas impressas para nos entregar na aula seguinte. A partir da pesquisa, fizemos um debate sobre o que eles pesquisaram. Depois os alunos assistiram ao vídeo retirado do *site* <https://www.youtube.com/watch?v=HgV-uj091VU>, que mostra uma apresentação simples de alunos do 3º ano do Ensino Médio. Neste momento os alunos observaram alguns aspectos:

1. Os alunos apresentaram o tema ou só leram em voz alta sobre o assunto?
2. O tema foi bem abordado e compreendido?
3. A postura dos alunos foi coerente com o momento da comunicação?
4. Os alunos atingiram seus objetivos ao expor o tema?

Com esta reflexão, os alunos assistiram a um vídeo sobre a constituição do gênero seminário, disponível no *site* <https://www.youtube.com/watch?v=UOEvxhbJIHc>. Após essa atividade, e com suas pesquisas sobre o gênero seminário, eles refletiram e, em seguida, debateram sobre as seguintes questões:

1. O que é um seminário?
2. Para que ele serve?
3. Qual sua função comunicativa?

❖ Atividade de identificação da estrutura composicional do seminário (tempo estimado: uma aula)

Nesta atividade, a turma identificou a estrutura composicional do gênero seminário (abertura; introdução ao tema; apresentação do plano da exposição; desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; fase de recapitulação e síntese; conclusão; encerramento). Para isso, retomamos esses aspectos na lousa com o intuito de contribuir para o êxito da atividade. Posteriormente os alunos assistiram ao vídeo sobre como apresentar uma palestra/seminário, disponível no *site* https://www.youtube.com/watch?v=vjcT_jQQzXk. Os alunos anotaram as partes constitutivas de um seminário e responderam às seguintes perguntas:

QUADRO 5 – Perguntas sobre a constituição do seminário

Como as apresentadoras abriram o seminário? De que maneira elas entraram em contato com o público? Qual foi a saudação inicial?
Elas fizeram a introdução do tema? Foram claro em sua maneira de falar? As informações estavam bem organizadas?
Como finalizaram a apresentação? Houve a retomada, de forma sintética, dos principais pontos da exposição? Usaram expressões como: “o que foi dito aqui...”; “Para concluir”; “Recapitulando”; “Podemos dizer que”...?
Lançaram, ao final, uma questão aos ouvintes, com o objetivo de desencadear uma discussão ou reflexão entre os participantes?

Fonte: Elaborado pela autora

Depois que os alunos assistiram ao vídeo e responderam às perguntas, eles fizeram um debate com os colegas sobre as respostas dadas. E por fim, enfatizamos, com o auxílio de anotações no quadro branco, quais são as partes que compõem um seminário.

❖ **Atividade de identificação do estilo do seminário (tempo estimado: três aulas)**

Neste momento, tratamos do estilo do gênero seminário. Foi destacada a prática da oralidade pelo emprego característico do registro mais formal da língua, mostrando a importância dos níveis de formalidade e de monitoramento da fala em relação à oralidade em público. Explicamos que o seminário é um gênero que tem a necessidade de usar o registro formal da língua, que pode ser usado de acordo com palavras que pesquisaram sobre o tema, não lendo ou decorando, mas apropriando-se daquele vocabulário ou usando palavras mais simples, porém que sejam palavras de uso mais formal e conhecidas por eles. Explicamos também os elementos linguísticos (coesão temática: elementos de ligação entre as partes do texto falado, que cada aluno usa para ligar o que irá dizer com o que o colega anterior disse; sinalizações do desenvolvimento do texto: o aluno deve demonstrar se está começando o seminário, dando continuidade, concluindo e agradecendo a plateia); introdução de exemplos (com palavras que mostrem que é um exemplo e com que ocorreu a situação); reformulações (com palavras que indiquem correções ou recapitulações de falas anteriores); preparação e oralização de notas típicas da oralidade (apropriar-se do que irá dizer e em que momento poderá dizer), em muitos casos com o apoio de imagens, *slides*, dentre outros recursos.

Salientamos que, sendo o seminário um gênero oral, foram necessários marcadores temporais, palavras e expressões que dão sequência à exposição das informações: “em primeiro lugar”, “em seguida”, “depois”, “então”, “portanto” etc. Chamamos a atenção dos alunos para o uso dos tempos verbais, no futuro ou no passado, apresentação do plano de exposição: “falaremos primeiro sobre”, “faremos agora”, “a pesquisa que fizemos” etc. Depois apresentamos aos alunos as expressões usadas para introduzir assuntos, dar sequência a eles e finalizá-los.

Algumas sugestões de apresentação: “vou tentar explicar”, “o assunto da minha exposição será”. Para o desenvolvimento das ideias durante a apresentação: “agora vou passar a falar sobre”, “abordarei agora outro aspecto”. E na conclusão: “gostaria de resumir alguns pontos”, “para concluir”, “finalizando” etc. Em seguida, organizamos com os alunos um quadro-síntese, na lousa, com as ideias principais de como se deve estruturar um seminário.

Após a nossa fala, mostramos alguns vídeos com dicas de como falar em público e como preparar *slides* como apoio para a apresentação de um seminário. Os alunos anotaram o que julgaram importante. Após a exibição de cada vídeo, fizemos o levantamento dos principais pontos mostrados de acordo com nossa pesquisa. E os alunos tomaram nota, em seu caderno, dos principais pontos discutidos.

- 1º vídeo: Comunicação oral e variações linguísticas (disponível no *site* <https://www.youtube.com/watch?v=em2EXTcSyAY>;
- 2º vídeo: Postura e fala durante o seminário (disponível no *site* <https://www.youtube.com/watch?v=x9MOUMvIxN0>;
- 3º vídeo: Produção de *slides* para o seminário (disponível no *site* <https://www.youtube.com/watch?v=g0qBWZpk60g>.

A partir dos vídeos assistidos, os alunos debateram as seguintes perguntas:

QUADRO 6 – Perguntas para o debate sobre a oralidade nos vídeos

O que falaram sobre a abertura do seminário? De que maneira eles começaram a fala? Qual foi a saudação inicial?
Quais os recursos linguísticos usados são aconselhados para organizar as informações? As informações estavam bem organizadas?
Como posicionar-se diante do público? (direção do olhar, tom de voz em cada situação)
Quais marcas linguísticas (expressões) foram usadas?
Como produzir um bom <i>slide</i> para ajudar na fala?
Qual postura deve ser usada durante o seminário?
Qual variedade linguística usar no seminário?

Fonte: Elaborado pela autora

❖ Atividade sobre oralidade no seminário: estilo (tempo estimado: três aulas)

Esta atividade consistiu na avaliação da fala de cada aluno, o que permitiu que o aluno se sentisse mais seguro para usar a oralidade em sala de aula.

Explicamos as diferenças existentes entre fala formal e a escrita, e principalmente as particularidades da língua falada. Apresentamos as dimensões da fala e ressaltamos a importância de reconhecer as suas peculiaridades e seu uso em determinado ambiente de comunicação; ensinamos os procedimentos de planejamento, produção e revisão da oralidade;

mostramos as características fundamentais da organização interna da fala; falamos sobre o registro mais formal da língua no seminário e como utilizar recursos auxiliares mais adequados à compreensão do tema apresentado.

Objetivos:

- Apropriar-se de procedimentos para participação em um seminário;
- Organizar a apresentação para possibilitar a compreensão da audiência;
- Compreender as características fundamentais da organização interna de um seminário;
- Utilizar o registro mais adequado de fala ao apresentar o seminário;
- Reconhecer e utilizar as marcas linguísticas características e necessárias à apresentação do texto falado em um seminário.

Após explicarmos a diferença entre oralidade e a oralização de textos escritos e sobre as marcas linguísticas do seminário (registro mais formal e monitorado da fala), cada aluno expôs oralmente sua pesquisa individual sobre seu subtema. Para isso tivemos também um momento para os alunos estudarem para sua participação oral com o auxílio de suas pesquisas, já realizando o processo de retextualização do texto escrito para o texto falado. Os alunos, em grupos formados para os seminários, gravaram suas exposições individuais. Depois, junto com a turma, assistimos a cada comunicação oral dos alunos. A cada fala, tivemos um momento de comentários para que cada aluno melhorasse sua oralidade; os alunos puderam comentar, individualmente, sua fala e a fala do colega. Este foi um momento de simulação para a posterior apresentação de um seminário final.

4.3.3 Módulo III: planejamento do seminário (tempo estimulado: duas aulas)

Após as aulas sobre as características e os elementos constituintes do seminário, os alunos produziram, novamente em grupo, outro seminário, de acordo com o mesmo subtema do seminário diagnóstico, para apresentarem aos colegas das outras turmas de 9º ano. Assim como fizeram no seminário diagnóstico, tiveram um momento em sala para planejar e discutir as ideias pesquisadas anteriormente em outras atividades sobre o subtema proposto (utilizando informações e o conhecimento/prática de gêneros orais e escritos, como a entrevista e debate). Os alunos tiveram a oportunidade de rever seu roteiro de apresentação também, feito

anteriormente na atividade de produção do debate, e de usar as informações coletadas nas entrevistas realizadas.

4.4 Quarta etapa: produção final (tempo estimado: seis aulas consecutivas)

Esta etapa consistiu na verificação da aprendizagem no que diz respeito à apropriação e ao domínio do gênero seminário. Neste momento, os alunos apresentaram um seminário aos colegas das outras turmas de 9º ano. Para isso foi escolhido um local fora da escola para que os alunos apresentassem o seminário, porque na escola não há espaço que comporte quatro turmas, com cadeiras e materiais tecnológicos. Foi definido um horário e enviado um convite escrito aos alunos do 9º ano e professores para assistirem ao seminário.

Os alunos-ouvintes, por sua vez, tiveram a oportunidade, sob nossa mediação, de aprender o gênero seminário por meio de entrevistas após o seminário, com perguntas espontâneas sobre como fazer um seminário, e receberam as respostas por meio de comentários dos alunos que os apresentaram.

Objetivamos, nesta etapa da proposta didática, promover uma interação e um processo de ensino-aprendizagem entre os alunos que aprenderam o gênero seminário e os demais alunos de outras turmas que ainda não tiveram oportunidade de ter acesso a esse gênero, como planejado nesta pesquisa, nas aulas de Língua Portuguesa. Além disso, intencionamos incentivar o uso de outros gêneros orais (debate e entrevista) durante as aulas.

❖ Atividade de entrevista da plateia aos colegas que apresentaram o seminário

Ao final da apresentação de cada grupo, orientamos a plateia (alunos-ouvintes dos outros 9º anos) que oralmente entrevistassem em público alguém do grupo; o foco das perguntas foi saber como os alunos aprenderam a apresentar um seminário.

❖ Atividade de audiência do seminário final pelos demais grupos

Neste momento também fizemos a gravação das apresentações e anotações do grupo que apresentava, enquanto os demais grupos observavam e respondiam às seguintes questões:

Em relação ao trabalho em grupo:

- a) O grupo demonstrou domínio sobre o assunto abordado?
- b) O tema foi apresentado de forma organizada?

- c) O grupo utilizou bem o tempo disponível para a apresentação?
- d) Houve utilização de recursos tecnológicos para auxiliar na oralidade? Qual(is)?
- e) Houve uma organização de etapas do seminário?
- f) Os alunos demonstraram compreender o gênero seminário?

Em relação aos componentes do grupo:

- a) Cada aluno demonstrou autocontrole no momento da apresentação do seminário?
- b) Os expositores adotaram uma postura gestual e corporal adequada?
- c) Utilizaram adequadamente o registro mais formal da língua?
- d) Como os alunos utilizaram o tom de voz durante a apresentação?

Além das observações feitas, os alunos também perceberam na apresentação dos colegas os seguintes aspectos:

QUADRO 7 – Perguntas de reflexão sobre as apresentações do seminário dos colegas

Perguntas de reflexão sobre as apresentações dos seminários dos colegas
Antes de você assistir ao seminário de seus colegas, leia atentamente os pontos que deverão ser analisados nas apresentações.
A finalidade do seminário ficou clara?
Como foi organizada a apresentação: ordem de participação; função dos participantes, como aconteceu a retomada do conteúdo?
Como se deu a oralidade de cada participante: como iniciou a apresentação, como terminou?
Que recursos utilizaram? se foi possível compreender o que foi exposto e por que; (entre outros aspectos observados por eles)?
Houve uma organização das etapas do seminário?
A oralidade foi bem empregada na apresentação?

Fonte: Elaborado pela autora

Após as apresentações, houve um momento de socialização e comentários com os alunos da turma-base, a fim de compararmos as diferenças entre o seminário diagnóstico (primeiro gênero oral produzido) e o seminário final (segundo gênero oral produzido pelos alunos). Mostramos, neste momento, os vídeos de ambos os seminários aos alunos de cada

grupo, para comparação e comentários. Acreditamos que por meio da comparação será possível perceber o que foi aprendido e o que não foi aprendido pelos alunos.

5 A APLICAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA

Faremos, neste capítulo, a descrição e a análise das atividades desenvolvidas durante a aplicação da proposta didática. Para a realização dessas atividades, apoiamo-nos, como mencionado na fundamentação teórica deste estudo, em Bakhtin (1997, 2011), principalmente, que concebe o gênero como constituído de temática, estilo e estrutura composicional. Para além disso, procuramos não perder de vista o contexto de produção (sala de aula) de realização do gênero e as etapas a partir das quais esse gênero se realiza (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), quais sejam: (1) Fase de abertura; 2) Introdução ao tema; 3) Apresentação do plano da exposição; 4) Desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; 5) Recapitulação e síntese; 6) Conclusão; 7) Encerramento.

No total, lidamos com quatro seminários diagnósticos (quatro produções iniciais) e três seminários finais (três produções finais), que foram gravados em vídeo, transcritos e, em seguida, analisados. Embora tenhamos orientado a produção de ambos seminários, aos primeiros dispensamos, propositadamente, menos atenção, uma vez que o objetivo era perceber o grau de conhecimento que os alunos tinham do gênero. Aos seminários finais, diferentemente, dedicamos toda a atenção necessária, visando a fazer com que os alunos não só sanassem as falhas verificadas durante a realização dos seminários diagnósticos, mas também compreendessem o seminário em toda a sua complexidade.

5.1 Descrição e análise da aplicação da proposta didática

Considerando que um de nossos objetivos foi contribuir para o trabalho do professor que desejasse aplicar esta proposta e, pensando em alguns dos objetivos do PROFLETRAS, produzir alguns impactos no ensino de Língua Portuguesa em escolas públicas, brasileiras de Educação Básica. Acreditamos que o desenvolvimento desta proposta apresentou alguns pontos positivos, dentre os quais destacamos: i) proporcionar melhor relacionamento entre os alunos e o professor; ii) oportunizar a outros alunos do mesmo ano a aprendizagem do seminário; iii) oferecer possibilidades a outros professores de Língua Portuguesa e a outros alunos de ensinar e aprender o gênero seminário por meio de outros gêneros orais, como o debate e a entrevista, que são gêneros orais também utilizados na escola e que favorecem a produção de um seminário.

Conscientes, então, tanto dos pontos positivos quanto dos negativos do trabalho desenvolvido, nesta seção, apresentamos a análise da proposta didática, de acordo com os objetivos estabelecidos em consonância com a teoria adotada.

Para a elaboração e a aplicação da proposta didática utilizamos trinta aulas⁷, a partir das quais realizamos várias atividades, distribuídas em etapas. Com o objetivo de facilitar a compreensão do percurso da aplicação, dividimos esta parte do trabalho em outras seções. A seguir apresentamos um quadro para a visualização geral das etapas realizadas na proposta didática:

QUADRO 8 – Etapas da proposta didática

1ª etapa	2ª etapa	3ª etapa	4ª etapa
Apresentação da situação sobre o gênero seminário	Produção inicial: Seminário diagnóstico	Módulos	Produção final: seminário final
Levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero		Módulo I: Trabalho com os gêneros orais debate e entrevista	
		Módulo II: Características do gênero seminário	
		Módulo III: Planejamento do seminário	

Fonte: Elaborado pela autora

5.2 Primeira etapa: apresentação da situação

Na primeira etapa, usamos duas aulas para a apresentação da situação, com a introdução ao estudo do gênero seminário, por meio de um vídeo. Antes de começar a aula, organizamos o ambiente e fizemos o levantamento prévio dos conhecimentos dos alunos a respeito do gênero em questão. Notamos que, apesar de os alunos compreenderem a importância de aprender o seminário, o confundiam com outros gêneros orais ditos em

⁷ As aulas usadas para a aplicação da proposta, que ocuparam um trimestre de 2017, não foram todas consecutivas, devido à necessidade de abordar outros conteúdos e atividades previstos no calendário letivo da escola. Iniciamos a aplicação da proposta no dia 22 de março de 2017 e a finalizamos no dia 20 de junho de 2017.

público, pois qualquer fala em público para eles era um seminário. Além disso, percebemos que eles não conseguiam entender o alcance de um trabalho feito com base na noção de gênero.

Fizemos uma discussão com base nas perguntas previstas em nosso planejamento de aula e outras que julgamos necessárias, e obtivemos as seguintes respostas com relação à noção dos alunos sobre o gênero seminário:

QUADRO 9 – Respostas dos alunos sobre o gênero seminário (conhecimentos prévios)

1- O que é um seminário? A1 ⁸ : - Apresentação de trabalho com tema, forma/jeito de falar em público.
2- Qual a sua finalidade? A2: - Apresentar um tema. Falar melhor sobre o assunto; testar o conhecimento e perceber a forma de expor do aluno.
3- Quem dele participa? A3: - Os alunos.
5- Quais os papéis/funções dos participantes? A4: - Cada pessoa fala sua parte.
6- Em que lugares/espços sociais costumam acontecer seminários? A5: Na escola
7- Como o seminário se organiza? A6: - Tem uma sequência.
8- Como é a introdução, desenvolvimento e a conclusão do seminário? A7: - Primeiro fazer uma pesquisa do que apresentar; entender os detalhes do tema. Tem um momento de fala do grupo e outro para o público. Tem que estar preparado.
9- Quem começa falando e depois continua? A8: - Depende se o seminário for individual ou em grupo. Primeiro se faz a introdução (apresenta o assunto), depois o desenvolvimento e a conclusão.
10- Quem costuma participar do seminário? O seminário é feito onde, além da escola? A9: - É produzido na faculdade, palestras, teatro. As pessoas escolhidas dependem do lugar.
11- O seminário é um método de avaliação?

⁸ Adotamos os códigos A1, A2, e assim por diante, para cada aluno envolvido com a pesquisa. A definição desses códigos visa a não identificar os alunos envolvidos e os códigos A1, A2 e assim sucessivamente, para indicar a mudança dos interlocutores e suas respectivas falas.

A10: - Sim. Forma de trazer conhecimento.
12- Vocês concordam que o seminário seja um gênero? É um gênero oral que deve ter interação com os outros? A11: - Os alunos não entenderam o que é o gênero e que deve haver interação entre as pessoas.
13- O seminário deve ser aprendido na escola? O professor deve ensinar como produzi-lo? A12: - É um gênero importante para se expressar, falar em público dentro e fora da escola. Ressaltaram que poderia ajudar fora da escola, para entrevistas de emprego. Importante para aprender a apresentar em todas as disciplinas, trazer segurança no falar.
14- Os professores solicitam o seminário? Eles ensinam? A13: - Tem o hábito, eles apenas passam o tema que devemos apresentar. Eles não ensinam bem, apenas incentivam a leitura para pesquisa. Geralmente não ensinam a falar no seminário.
14- Qual é o objetivo do seminário? A14: - Educar
15- O seminário tem uma importância social? A15: - Ele é importante dentro e fora da escola.

Fonte: Elaborado pela autora

Neste momento, ainda inicial, em que os alunos estavam inibidos, tivemos que contribuir para que as respostas fossem dadas. Isso aconteceu por duas razões: primeiro porque eles não queriam falar e segundo porque eles não sabiam as respostas, o que nos mostrou que eles tinham pouquíssimo conhecimento sobre o gênero seminário. Percebemos que essas mesmas perguntas poderiam ser feitas novamente, após o seminário final, pois poderíamos constatar o aprendizado deles em reação ao seminário.

Diante dessa primeira dificuldade, levamos os alunos a perceberem que seminários são produzidos na escola, na faculdade, na igreja; que as pessoas envolvidas no seminário devem ser especialistas no tema tratado e que o seminário é preparado e apresentado de acordo com objetivos bem definidos, os quais devem atender às expectativas tanto dos apresentadores quanto, se possível, do auditório.

Após essa interação inicial com os alunos, exibimos o vídeo encontrado no *site* <https://www.youtube.com/watch?v=kJtK-mG3vR0>, para que eles tivessem acesso a um exemplar do gênero a ser estudado e também pudessem avaliar o desempenho oral de alunos participantes do vídeo. Os alunos demonstraram interesse em aprender mais sobre o gênero proposto.

5.3 Segunda etapa: seminário diagnóstico

Na segunda etapa, desenvolvida em quatro aulas de cinquenta minutos, estabelecemos um primeiro contato com os alunos enquanto locutores do gênero seminário e diagnosticamos as suas dificuldades em relação à produção desse gênero.

Iniciamos a primeira aula retomando ideias da aula anterior sobre seminário e propusemos a apresentação de um seminário diagnóstico sobre o tema “Drogas ilícitas”⁹. Com o intuito de dar oportunidade de escolha aos alunos, para que eles se sentissem mais à vontade para tratar do tema, colocamos opções de subtemas na lousa, tais como: “Uso de drogas lícitas e efeitos no corpo”; “Uso de drogas ilícitas na adolescência”; “O impacto do uso das drogas ilícitas na família e na sociedade a que os usuários pertencem”; “O uso de drogas ilícitas e violência”. Essa possibilidade de tratar do tema sob diferentes vieses nos obrigou a realizar um sorteio dos subtemas, pois alguns alunos se interessam pelo mesmo subtema. Após alguns esclarecimentos e conciliações sobre a pesquisa, os alunos se mostraram menos resistentes ao sorteio.

Definidos os subtemas, tratamos da composição dos grupos (até cinco pessoas) e do tempo estimado para as apresentações (20 minutos). Nesse momento, procuramos deixar claro para os alunos que poderiam usar recursos tecnológicos durante a apresentação. Em seguida, demos uma superficial orientação aos alunos: i) sobre as características do gênero seminário (etapas do seminário); ii) incentivamos a pesquisa para conhecimento do tema (em casa); iii) ressaltamos a importância de não se ficar “preso” à leitura (texto manuscrito ou impresso, slides) durante o seminário.

Finalmente, informamos aos alunos que eles seriam avaliados de maneira quantitativa sobre sua comunicação verbal (conhecimento do tema, vocabulário, coerência discursiva); comunicação paraverbal (expressividade, entonação, tom de voz) e comunicação não verbal (olhar, gestos, postura corporal) e sobre o domínio do tema abordado, ao final do seminário. Eles receberam notas de 0 a 10, por tudo o que foi realizado antes, durante e depois da produção dos seminários diagnósticos e finais.

Após essas orientações, os alunos se reuniram para planejar a apresentação do seminário diagnóstico. Sugerimos que poderiam usar recursos tecnológicos e que poderiam

⁹ A escolha do tema se justifica pela importância da reflexão, do debate e da conscientização sobre um problema que ocorre na região da escola. Além disso, a escola tem uma parceria com a Polícia Militar da região. Por meio de um projeto educacional, a Polícia Militar visita as escolas, faz palestras de combate às drogas para diminuir o índice de usuários na região em que a escola se encontra.

“ensaiar”. Notamos que os alunos apresentaram dificuldades para decidir como pesquisariam sobre o seminário.

As próximas duas aulas foram realizadas após uma semana da aula anterior, para que os alunos tivessem tempo de se preparar (em casa) para a apresentação do seminário. Embora tenham sido reservadas duas aulas para essa finalidade, usamos apenas uma, pois cada apresentação durou poucos minutos, o que significa que os alunos foram muito rápidos em suas apresentações.

Essa situação comprovou uma de nossas hipóteses, a de que os alunos tinham pouco conhecimento do gênero seminário, do tema proposto e pouca prática com o gênero oral público. Observemos, no quadro a seguir, algumas dificuldades que foram verificadas e registradas nos diários de campo dos seminários diagnósticos.

QUADRO 10 – Diário de campo do Seminário Diagnóstico “O uso de drogas ilícitas e seus efeitos no corpo”

DIÁRIO DE CAMPO DO SEMINÁRIO DIAGNÓSTICO: O USO DE DROGAS ILÍCITAS E SEUS EFEITOS NO CORPO	
Data: 05/04/2017	
Horário: 9h45min	Duração: Aproximadamente 5 minutos
Local: Colégio	
Participantes envolvidos: Seis alunos	
Planejamento: Os participantes tiveram um momento em sala para planejarem a apresentação do seminário diagnóstico.	
Ação: Orientamos como deveriam produzir o seminário diagnóstico.	
Objetivos das ações: Diagnosticar as dificuldades na produção de um seminário.	
Desenvolvimento do seminário: <ul style="list-style-type: none"> • A apresentação do tema foi feita de modo superficial. • Não se apresentaram para os colegas. • Usaram o papel como apoio. • Uma aluna ficou muito nervosa, sorrindo todo o tempo, sem saber o que dizer. • A maioria dos alunos demonstrou conhecer um pouco sobre o tema. • Os alunos trouxeram algumas curiosidades sobre o tema. • No final, agradeceram a participação da turma. • Um aluno ajudou os demais colegas do grupo a expor o tema. 	

<ul style="list-style-type: none"> • Usaram a oralidade de maneira razoável (pois não tiveram segurança em dizer o tema sem ler o papel) e tiveram dificuldades de usar o registro formal da língua. • Tiveram boa postura corporal, porém apoiaram o corpo no quadro branco. • Disseram que haviam esquecido um cartaz. • Usaram exemplos de pessoas conhecidas e um aluno foi o mediador das apresentações dos colegas. • Foram muito rápidos e não mostraram conexão entre as partes do texto.
Reflexões: Notamos que os alunos não sabem como apresentar um seminário, tampouco sabem quais são suas características. Além disso, não sabiam como usar a oralidade em situações públicas/formais.
Avaliação: Fizemos o levantamento de muitas dificuldades que objetivamos diminuir com as aulas sobre o gênero seminário.
Bibliografia: Pesquisas realizadas em <i>sites</i> pelos alunos para a abordagem do tema.

Fonte: Elaborado pela autora

QUADRO 11 – Diário de campo do Seminário Diagnóstico “O uso de drogas ilícitas na adolescência”

DIÁRIO DE CAMPO DO SEMINÁRIO DIAGNÓSTICO: O USO DE DROGAS ILÍCITAS NA ADOLESCÊNCIA	
Data: 05/04/2017	
Horário: 10h	Duração: Aproximadamente 5 minutos
Local: Colégio	
Participantes envolvidos: Cinco alunos	
Planejamento: Os participantes tiveram um momento em sala para planejarem a apresentação do seminário diagnóstico.	
Ação: Orientamos como deveriam produzir o seminário diagnóstico.	
Objetivos das ações: Diagnosticar as dificuldades na produção de um seminário.	
Desenvolvimento do seminário: <ul style="list-style-type: none"> • Não se apresentaram: foram direto ao tema. • Todos falaram de forma audível, porém demonstraram que decoraram o que iriam dizer e uma aluna esqueceu o que ia dizer. 	

<ul style="list-style-type: none"> • Citaram exemplos de drogas lícitas e ilícitas. • Não fizeram a conclusão do trabalho e mal disseram que terminaram. • Tiveram dificuldades de usar o registro formal da língua. • Não mostraram conexão entre as falas e faltou coerência no que estavam dizendo. • Foram rápidos, demonstrando pouco domínio do tema. • Tiveram postura adequada, embora as alunas estivessem nervosas.
Reflexões: Notamos que os alunos não sabem como apresentar um seminário, tampouco sabem quais são suas características. Além disso, não sabiam como usar a oralidade em situações públicas/formais.
Avaliação: Fizemos o levantamento de muitas dificuldades que objetivamos diminuir com as aulas sobre o gênero seminário.
Bibliografia: Pesquisas realizadas em <i>sites</i> pelos alunos para a abordagem do tema.

Fonte: Elaborado pela autora

QUADRO 12 – Diário de campo do Seminário Diagnóstico “O impacto das drogas ilícitas na família”

DIÁRIO DE CAMPO DO SEMINÁRIO DIAGNÓSTICO: O IMPACTO DAS DROGAS ILÍCITAS NA FAMÍLIA	
Data: 05/04/ 2017	
Horário: 10h15min	Duração: Aproximadamente 5 minutos
Local: Colégio	
Participantes envolvidos: Cinco alunos	
Planejamento: Os participantes tiveram um momento em sala para planejarem a apresentação do seminário diagnóstico.	
Ação: Orientamos como deveriam produzir o seminário diagnóstico.	
Objetivos das ações: Diagnosticar as dificuldades na produção de um seminário.	
Desenvolvimento do seminário: <ul style="list-style-type: none"> • Não se apresentaram e não apresentaram o tema. • Leram o que estava no celular, não demonstrando domínio do tema e usaram o cartaz como material de apoio também. Apenas o último aluno falou de forma espontânea, relatando experiências vividas em família. E um deles 	

<p>demonstrou que tinha decorado o texto.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tiveram dificuldades de usar o registro formal da língua. • Não concluíram a apresentação e não se despediram. • Não mostraram conexão entre as falas e faltou coerência no que estavam dizendo. • Apoiaram-se na lousa para falar e o cartaz foi meramente ilustrativo.
<p>Reflexões: Notamos que os alunos não sabem como apresentar um seminário, tampouco sabem quais são suas características. Além disso, não sabem como usar a oralidade em situações públicas/formais.</p>
<p>Avaliação: Fizemos o levantamento de muitas dificuldades que objetivamos diminuir com as aulas sobre o gênero seminário.</p>
<p>Bibliografia: Pesquisas realizadas em sites pelos alunos para abordagem do tema.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 13 – Diário de campo do Seminário Diagnóstico “O uso de drogas ilícitas e a violência”

DIÁRIO DE CAMPO DO SEMINÁRIO DIAGNÓSTICO: O USO DE DROGAS ILÍCITAS E A VIOLÊNCIA	
Data: 05/04/ 2017	
Horário: 10h30min	Duração: Aproximadamente 5 minutos
Local: Colégio	
Participantes envolvidos: Três alunos	
Planejamento: Os participantes tiveram um momento em sala para planejarem a apresentação do seminário diagnóstico.	
Ação: Orientamos como deveriam produzir o seminário diagnóstico.	
Objetivos das ações: Diagnosticar as dificuldades na produção de um seminário.	
Desenvolvimento do seminário: <ul style="list-style-type: none"> • Um aluno cumprimentou o público. • O grupo não apresentou o tema. • Uma aluna já começou lendo o cartaz, porém outro aluno demonstrou domínio do tema, falando com suas próprias palavras e expressando sua opinião. 	

- Usaram o quadro branco para escrever o tema.
- Alguns usaram o celular como “cola”.
- Tiveram dificuldades de usar o registro formal da língua.
- Não mostraram conexão entre as falas e faltou coerência no que estavam dizendo.

Reflexões: Notamos que os alunos não sabem como apresentar um seminário, tampouco sabem quais são suas características. Além disso, não sabem como usar a oralidade em situações públicas/formais.

Avaliação: Fizemos o levantamento de muitas dificuldades que objetivamos diminuir com as aulas sobre o gênero seminário.

Bibliografia: Pesquisas realizadas em *sites* pelos alunos para abordagem do tema.

Fonte: Elaborado pela autora

Após o registro das dificuldades verificadas por meio da transcrição dos dados para o diário de campo, ao final das apresentações dialogamos com toda a turma sobre o desempenho dos alunos nos grupos e percebemos que eles gostaram das apresentações. Reproduzimos, a seguir, esse diálogo por meio de uma transcrição literal das falas dos alunos e da professora a partir da gravação em vídeo que realizamos durante a aula.

QUADRO 14 – Transcrição do diálogo entre os alunos e a professora sobre a apresentação do Seminário Diagnóstico

Professora: - Pessoal, muito obrigada pelas apresentações! Agora vamos fazer uma análise de todas elas. Vocês acham que todos os grupos se apresentaram bem?

A1: - Não, a gente tem de melhorar.

Professora: - Nenhum grupo foi totalmente eficiente na opinião de vocês? O que faltou? O que faltou, pessoal?

A2: - Mais conteúdo.

Professora: - Mais conteúdo. Todos os grupos falaram muito pouco, falaram muito baixo, e o quê mais?

A3: - A vergonha, professora...

Professora: - Muitos ficaram com vergonha, por quê? Riram muito, né? Fizeram gracinha. Muitos usaram “cola”. O celular também é um tipo de cola, cartaz é um tipo de cola também, o que mais? As apresentações tiveram todas as etapas de uma apresentação?

A4: - Mais ou menos.

Professora: - Nenhum grupo se apresentou. Ninguém falou “meu nome é...”.

A5: - Mas pode falar o nome?

Professora: - Deve! Como foi a apresentação do tema? Todos apresentaram o tema?

A6: - Não foram todos os grupos que apresentaram o tema, teve um grupo que já começou o que tinha que falar.

Professora: - Não apresentaram o tema, o que mais? O desenvolvimento, como é que foi?

A7: - Foi bom! Legal!

Professora: - Vocês acharam interessante o que foi pesquisado? O conteúdo foi bom?

A8: - Foi fraco.

Professora: - Poderia ter sido melhor?

A9: - Com certeza.

Professora: - Todo mundo que apresentou mostrou domínio do tema?

Alunos: - Não.

Professora: - Mostrou que sabia sobre o que estava falando?

A10: - Não.

Professora: - Dois grupos mostraram domínio do conteúdo. Quem lê, demonstra domínio do tema?

A11: - Não.

Professora: - Não. E a postura corporal? Todos tiveram postura?

A12: - Todos tiveram postura, porém todos ficaram encostados na parede ou na lousa.

Professora: Isso é bom?

A12: - Não.

Professora: - Ficar apoiado na lousa é bom?

A13: - Não!

Professora: - O que mais? E a fala? Todos falaram, se expressaram bem?

A14: - Eu gostei das falas.

Professora: - Alguns colegas falaram bem e outros não muito bem! E o tipo de fala, todo mundo falou formalmente?

A15: - Não.

Professora: - Poucos falaram formalmente. O que mais vocês observaram? Há muito o que melhorar?

A16: - Sim.

Professora: - O que vocês apresentaram foi um seminário?

A17: - Não.

Professora: - O que foi então?

A18: - Uma apresentação qualquer.

Professora: - Vocês ainda não sabem o que é um seminário, nem como apresentá-lo. Muito bem! A partir das próximas aulas, nós vamos trabalhar juntos, para que vocês aprendam como produzir um seminário, e vocês, no finalzinho do trabalho, vão apresentar de novo o mesmo tema, mas com tudo o que vocês aprenderam ao longo das nossas aulas e com as atividades que eu passarei para vocês. Combinado?! Muito obrigada!

Fonte: Elaborado pela autora

Este momento em que os alunos apresentaram o primeiro seminário foi importante para: i) sondar os conhecimentos dos alunos sobre o gênero seminário; ii) fazer o levantamento das dificuldades dos alunos ao pesquisar o tema a ser apresentado; iii) observar o modo como os alunos usam a fala em situações linguísticas formais; iv) observar a postura diante dos colegas e a forma de exposição do conteúdo; v) observar a relação entre o texto escrito e o texto falado.

Tendo em conta esses objetivos e o diálogo apresentado no Quadro 14, podemos afirmar que as apresentações, de maneira geral, não contemplaram todas as etapas de um seminário, uma vez que os alunos demonstraram pouco conhecimento do tema, não usaram o oral formal/público de maneira mais monitorada (pois usaram muitas gírias). Além disso, demonstraram ser tímidos e inseguros, por não saberem o que dizer e como dizer. Tiveram boa postura, embora alguns tenham passado a maior parte do tempo encostados na lousa. Os resultados mostraram, portanto, que os alunos não sabiam, ainda, como produzir o gênero seminário.

Acreditamos que as falhas relativas à apresentação do seminário são decorrentes do pouco conhecimento que os alunos possuem desse gênero, o que nos motivou, ainda mais, a orientá-los, para que eles conseguissem ser mais bem-sucedidos, quando novamente tiverem a oportunidade de apresentar um seminário, seja na escola, seja fora dela.

5.4 Terceira etapa: a aplicação dos módulos

Na terceira etapa da aplicação da proposta didática, iniciamos o desenvolvimento de atividades em módulos, com o objetivo de diminuir os problemas verificados durante a apresentação do seminário diagnóstico.

5.4.1 Módulo I: trabalho com os gêneros orais debate e entrevista

No primeiro módulo, apresentamos os gêneros orais debate e entrevista e mostramos como esses dois outros gêneros poderiam contribuir para a preparação do seminário (trabalho em grupo, planejamento e discussão do tema) e principalmente para a produção do roteiro de apresentação e aquisição de conhecimentos relativos ao seminário.

Para isso, usamos o projetor para mostrar exemplos de entrevista e debate por meio de vídeos. Assistimos ao vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ASNtlFJAJw4>, como exemplo de debate. Os objetivos da apresentação desse vídeo foram: i) levar os alunos a refletirem sobre o debate; ii) fazer com que eles reconhecessem a importância desse gênero; e iii) contribuir para que eles tivessem mais facilidade para usar a língua oral em situações formais e públicas. Também assistimos ao vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wLz1dsj7Tn0>, como um exemplo de uma entrevista apresentada em um telejornal. Essa entrevista foi feita por alunos do Ensino Fundamental, para que eles observassem alunos da mesma série produzindo esse gênero e também observassem opiniões de pessoas sobre esse gênero.

Para a primeira atividade deste módulo, usamos quatro aulas, nas quais os alunos foram conduzidos a refletir sobre os gêneros debate e entrevista. Por meio de uma discussão oral, os alunos, reunidos em grupos, responderam a questionamentos que fizemos a respeito do conteúdo dos vídeos exibidos. A princípio, eles responderam às questões no caderno e depois oralmente, em um processo de retextualização. Sempre que eles respondiam, aproveitávamos para fazer com que refletissem sobre o estilo, a composição e a temática de ambos os gêneros.

Também explicamos a eles o que representa o registro mais formal e monitorado da língua nestes gêneros, ressaltando que cada gênero apresenta uma organização interna (estrutura específica com a contextualização do debate e do tema pelo mediador, questionamentos, fechamento e agradecimentos); que o debate deve ocorrer com várias pessoas, ter um mediador, argumentação e contra argumentação; que cada pessoa deve falar e

responder, respeitando o seu turno¹⁰; que a entrevista também tem uma organização (contextualização, perguntas e agradecimentos). Após essa interação com os alunos, fizemos comentários sobre a relação entre os gêneros orais: entrevista, debate e seminário.

Gradativamente, os alunos foram compreendendo o valor e a função de cada um desses gêneros em nossa sociedade. Além disso, eles perceberam que há uma conexão entre o debate, a entrevista e o seminário, uma vez que há características textuais-discursivas que os unem, e por isso foram agrupados nesta proposta didática.

A segunda atividade do módulo, para a qual também usamos oito aulas, foi uma produção de entrevista, que serviu como coleta de informações para ampliar o conhecimento dos alunos sobre o tema proposto para seu seminário e para que tivessem mais informações que pudessem ser utilizadas durante o debate que fariam para preparar o seminário.

Antes de pedirmos aos alunos que produzissem as perguntas que seriam feitas durante a entrevista, ampliamos ainda mais o conhecimento deles sobre o gênero entrevista; procuramos levantar os conhecimentos deles a respeito de entrevistas orais encontradas em telejornais, sites, programas de TV e rádio. E posteriormente exibimos um vídeo sobre o que é o gênero entrevista (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IopYU9RQID4>).

Primeiramente, perguntamos aos alunos se eles já tinham visto uma entrevista oral e os questionamos sobre as situações comunicativas em que costumamos ter acesso a esse gênero. Eles responderam que já viram na televisão e que a entrevista serve para fazer perguntas às pessoas e saber mais sobre algum assunto. Posteriormente, mostramos aos alunos um vídeo de uma entrevista oral, feita por alunos, sobre o tema “gravidez na adolescência” (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=N-ibkeUFehA>).

Por meio desse vídeo, os alunos puderam observar semelhanças entre os tipos de perguntas e respostas, construindo um repertório de conhecimentos para elaborar seu próprio roteiro de entrevista. Orientamos a observação dos alunos por meio de anotações em relação à entrevista assistida, destacando aspectos importantes para quem está aprendendo a ser um entrevistador: o objetivo da entrevista; as informações obtidas; a adequação das perguntas feitas pelo entrevistador; o ajuste das perguntas às respostas do entrevistado, em outras palavras, a estrutura composicional, a temática e o estilo do gênero. Em seguida, tivemos um espaço de discussão com todos os alunos sobre as observações anotadas.

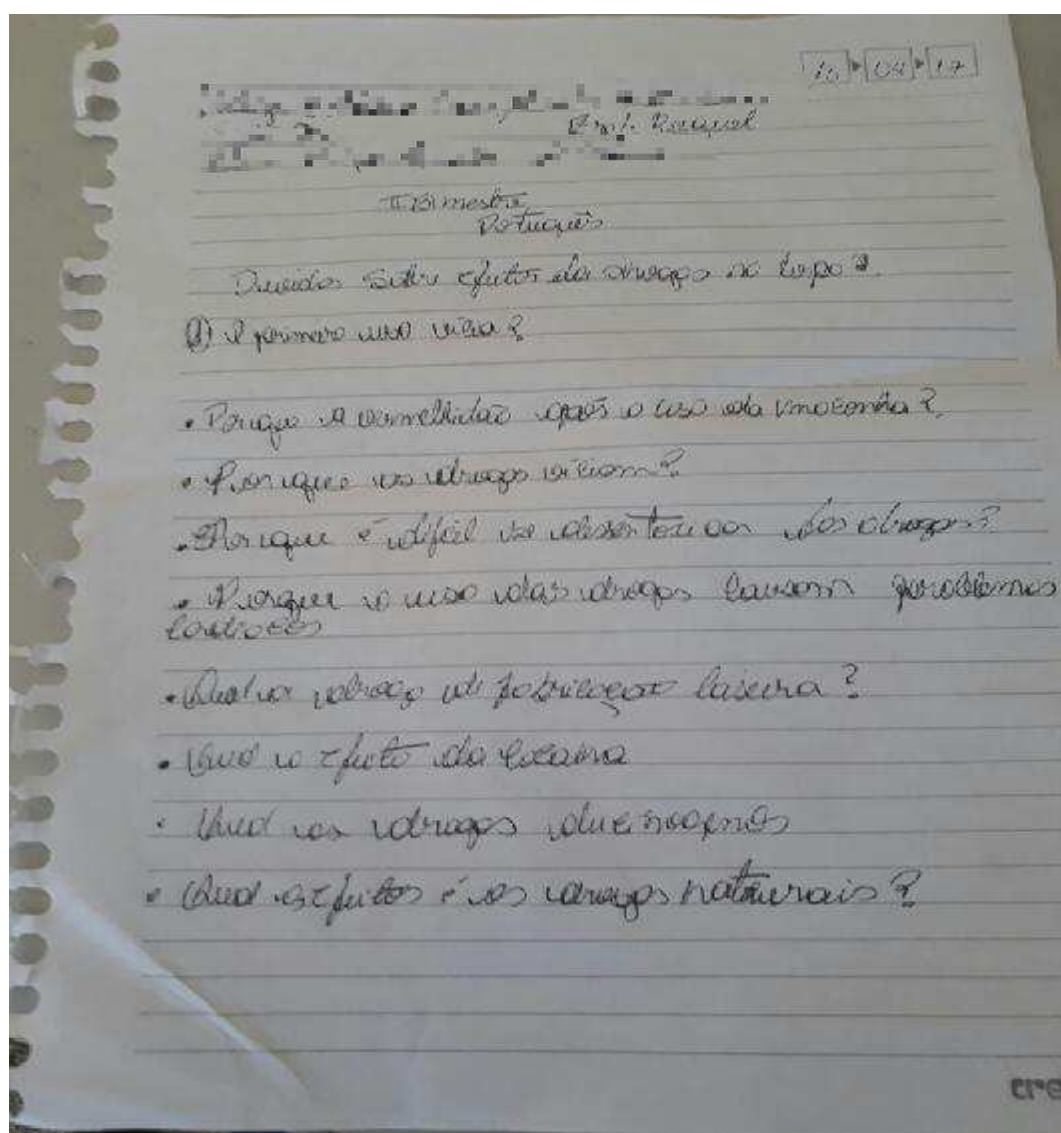
Tanto a entrevista quanto o roteiro da apresentação envolveram o processo de produção escrita (escrita das perguntas da entrevista e do roteiro de apresentação) para o

¹⁰ Organização do momento de fala entre os interlocutores (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2011).

planejamento e elaboração do seminário (percebemos muita dificuldade, tanto no letramento quanto na oralidade, em relação ao uso do registro formal da língua), e posteriormente os alunos fizeram adequações para a oralidade, que caracterizou um trabalho de retextualização da escrita para a oralidade (MARCUSCHI, 2001).

Após esse momento, os alunos, em grupo, elaboraram perguntas para a entrevista que fariam, obedecendo a um roteiro com as dúvidas que tiveram quando estavam pesquisando para fazer o seminário diagnóstico, conforme se pode ver nas imagens abaixo. Finalizado o momento da formulação das perguntas da entrevista, os alunos trocaram ideias sobre as perguntas realizadas com os colegas dos outros grupos.

FIGURA 3 – Roteiro de entrevista do primeiro grupo (Efeito das drogas no corpo)



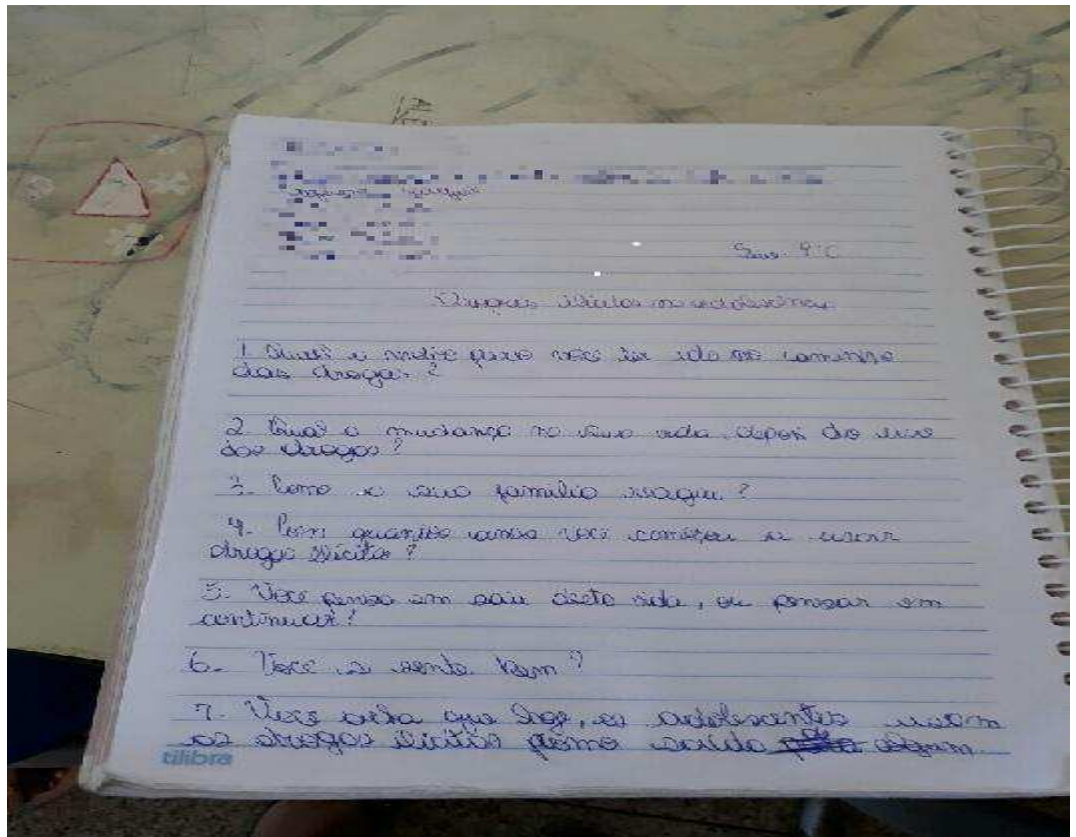
Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 15 – Transcrição do roteiro de entrevista do primeiro grupo (Efeito das drogas no corpo)

Dúvidas sobre efeitos das drogas no corpo
Primeiro uso vicia?
Porque a vermelhidão após o uso da maconha?
Porque as drogas vicia?
Porque é difícil se dessintoxicar das drogas?
Porque o uso das drogas causam problemas cardíacos?
Qual a droga de fabricação caseira?
Qual é o efeito da cocaína?
Quais as drogas alucinógenos?
Quais os efeitos e as drogas naturais?

Fonte: Elaborado pela autora

FIGURA 4 – Roteiro de entrevista do segundo grupo (Uso de drogas na adolescência)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 16 – Transcrição de parte do roteiro de entrevista do segundo grupo (O uso de drogas ilícitas na adolescência)

Drogas ilícitas na adolescência
1. Qual o motivo para você ter ido no caminho das drogas?
2. Qual a mudança na sua vida, depois do uso das drogas?
3. Como a sua família reagiu?
4. Com quantos anos você começou a usar drogas ilícitas?
5. Você pensa em sair desta vida, ou pensa em continuar?
6. Você se sente bem?
7. Você acha que hoje, os adolescentes usam as drogas ilícitas como saída de alguma coisa? [...]

Fonte: Elaborado pela autora

Após a realização do roteiro, orientamos os alunos a agendar o dia da entrevista e escolher as pessoas que seriam entrevistadas dentro da escola. Além disso, eles deveriam combinar a data e explicar o motivo da entrevista. Eles escolheram como entrevistados colegas da própria escola e realizariam as entrevistas durante as aulas.

Chegado o dia de realização da entrevista, verificamos com os alunos se todos os materiais necessários estavam disponíveis: celular, roteiro, dentre outros. As entrevistas ocorreram dentro da escola, no horário das aulas destinadas para a entrevista. Na aula seguinte, fizemos a socialização de todas as entrevistas gravadas para a turma toda.

FIGURA 5 – Alunos realizando entrevista com um colega da escola



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Constatamos que os alunos estavam bastante motivados e realizaram com muito entusiasmo a atividade. Percebemos, também, que eles nunca tinham feito uma atividade oral com preparação e gravação. Essa novidade fez com eles ficassem contentes, principalmente quando assistiram a suas produções gravadas. Todos os entrevistadores de todos os grupos usaram o papel para ler as perguntas, não demonstrando domínio e espontaneidade na oralidade, fazendo apenas a oralização do roteiro de entrevista e não produzindo oralidade neste momento. As perguntas direcionadas ao entrevistado foram poucas e bem interessantes, porém pessoais. Os entrevistados usaram o registro mais informal da língua em suas falas.

A segunda atividade do módulo, para a qual usamos cinco aulas, foi a produção do gênero debate sobre o tema do seminário que coube a cada grupo. Como atividade inicial deste módulo, assistimos ao vídeo (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZWSE-4-o-C0>), que mostra como um debate pode ser produzido na sala de aula por alunos de 9º ano e quais são suas características composicionais, temáticas e estilísticas. Em momentos oportunos, pausávamos o vídeo, para que os alunos observassem a posição dos alunos que participaram do debate e da professora como moderadora. Notamos que ela fez perguntas com direito a réplica ou tréplica.

Quando a exibição do vídeo terminou, perguntei o que os alunos entenderam e aprenderam. Eles disseram que os debatedores deveriam falar mais alto, argumentar melhor. Aproveitamos para reforçar que, para se produzir um debate, é necessário ter um bom questionário de perguntas, ter cuidado com o tempo de fala de cada pessoa, usar o registro formal da língua, valorizar o papel do moderador, que controla o debate, fazendo com que cada um tenha vez e voz.

Antes de os alunos terem a primeira experiência de produção desse gênero, reforçamos algumas noções importantes relativas ao debate, dizendo que esse é um gênero oral argumentativo, em que duas ou mais pessoas defendem um ponto de vista a respeito de um tema polêmico (ou não). É um gênero muito usado na escola e na televisão, composto por um grupo de pessoas, em que o moderador é o líder.

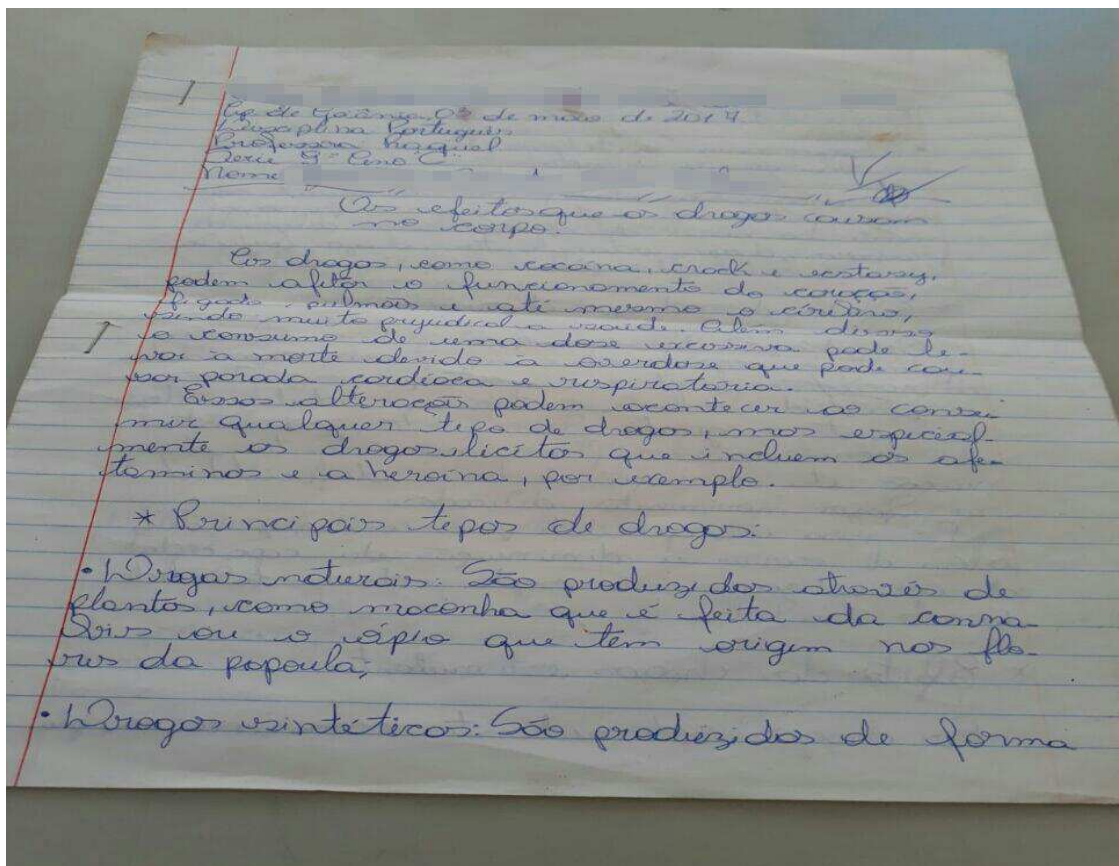
Após esse momento de contextualização do gênero, realizamos a atividade de produção do debate e do roteiro de apresentação do seminário. Para que isso fosse possível, os alunos levaram para a sala de aula suas pesquisas individuais e perguntas sobre o assunto a ser debatido e planejaram o debate.

FIGURA 6 – Alunos lendo e debatendo suas pesquisas sobre o tema do seminário



Fonte: Arquivo pessoal da autora

FIGURA 7 – Parte da pesquisa dos alunos sobre o efeito das drogas no corpo



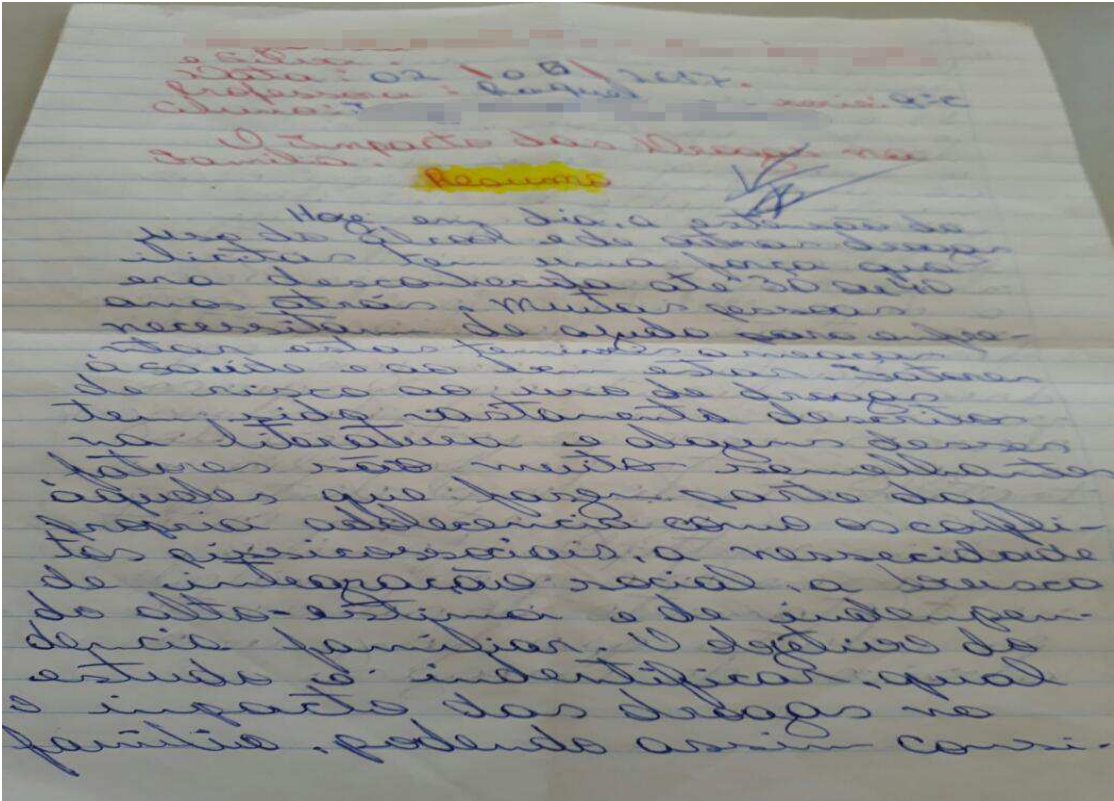
Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 17 – Transcrição de parte da pesquisa dos alunos (Efeito das drogas no corpo)

Os efeitos que as drogas causam no corpo.
As drogas, como cocaína, crack e ecstasy pode afetar o funcionamento do coração fígado e pulmões e até mesmo o cérebro sendo muito prejudicial a saúde. Além disso, o consumo de uma dose excessiva pode levar a morte devido a overdose que pode causar parada cardíaca e respiratória.
Essas alterações podem acontecer ao consumir qualquer tipo de drogas, mas especificamente as drogas lícitas que incluir afetaminas e a heroína, por exemplo.
Principais tipos de drogas:
<ul style="list-style-type: none">• Drogas naturais. São produzidas através de plantas, como maconha que é feita da cannabis o ópio que tem a origem nas flores da papoula.
<ul style="list-style-type: none">• Drogas sintéticas. São produzidas de forma [...]

Fonte: Elaborado pela autora

FIGURA 8 – Parte da pesquisa dos alunos sobre o impacto das drogas na família



Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 18 – Transcrição de parte da pesquisa dos alunos (O impacto das drogas na família)

O impacto das drogas na família
Resumo
<p>Hoje em dia, a extensão do uso de álcool e de outras drogas ilícitas tem uma força que era desconhecida até 30 ou 40 anos atrás. Muitas pessoas necessita de ajuda para enfrentar essas terríveis ameaças a saúde e ao bem estar. Fatores de riscos ao uso de drogas tem sido vastamente descrito na literatura e alguns desse fatores são muitos semelhantes aqueles que fazem parte da própria adolescência como os conflitos psicossociais, a necessidade de integração social, a busca do alto-estima e de independência familiares. O objetivo do estudo e identificar, qual o impacto das drogas na família, podendo assim considerar [...]</p>

Fonte: Elaborado pela autora

O debate foi o momento em que os grupos, compostos por quatro ou cinco alunos, debateram (responderam e argumentaram). O moderador selecionou e reproduziu as perguntas que todos os participantes elaboraram sobre seu subtema, infelizmente utilizaram o papel, desta forma produzindo a oralização de textos escritos. Aconteceram debates simultâneos e observamos cada um deles. Um dos grupos não realizou o debate porque os alunos não fizeram pesquisa e não elaboraram as perguntas, demonstrando falta de compromisso.¹¹ As perguntas feitas pelos outros grupos foram interessantes, apesar das dificuldades que a maioria teve com relação ao moderador, que não soube se posicionar. Observamos, também, que muitos alunos apresentaram dificuldades para argumentar e se posicionar diante da opinião/comentário do(s) outro(s). Infelizmente o debate também não foi bem-sucedido, pois os alunos leram as perguntas realizadas, praticando desta forma a oralização e não a oralidade no gênero e não realizando a argumentação oral do gênero debate.

Os alunos elaboraram o roteiro de apresentação do seminário por meio de uma proposta de debate, como vemos a seguir.

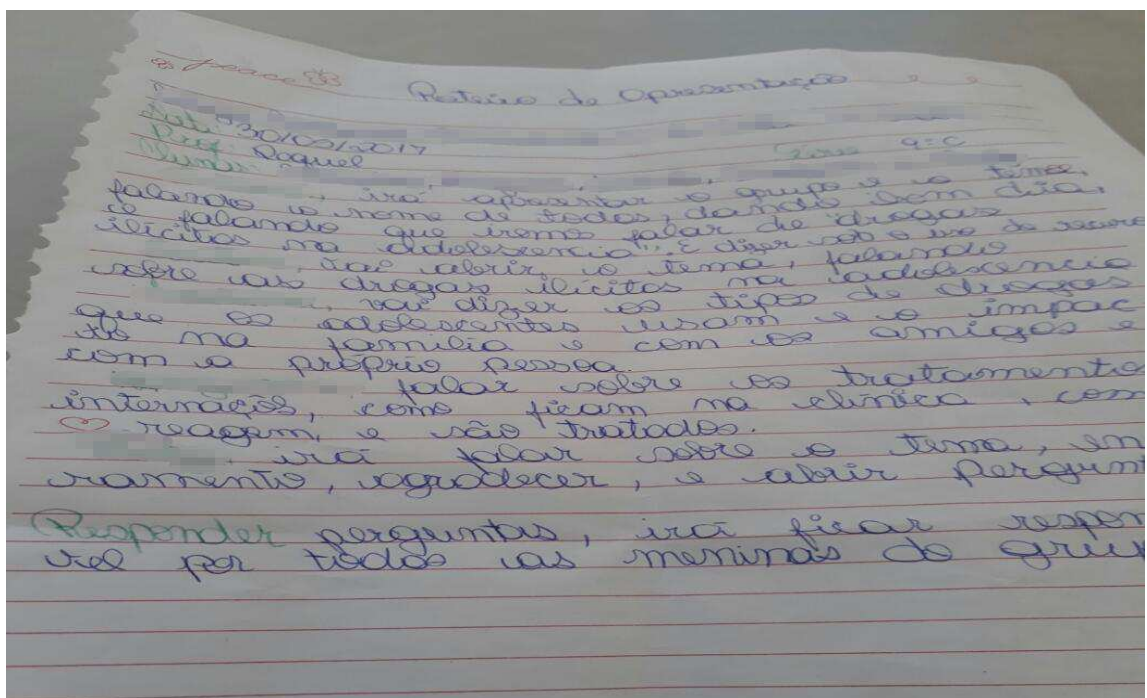
¹¹ Por falta de organização e interação entre os componentes do grupo.

FIGURA 9 – Alunos realizando o debate sobre o tema do seminário



Fonte: Arquivo pessoal da autora

FIGURA 10 – Roteiro de apresentação do seminário sobre “O uso de drogas ilícitas na adolescência”



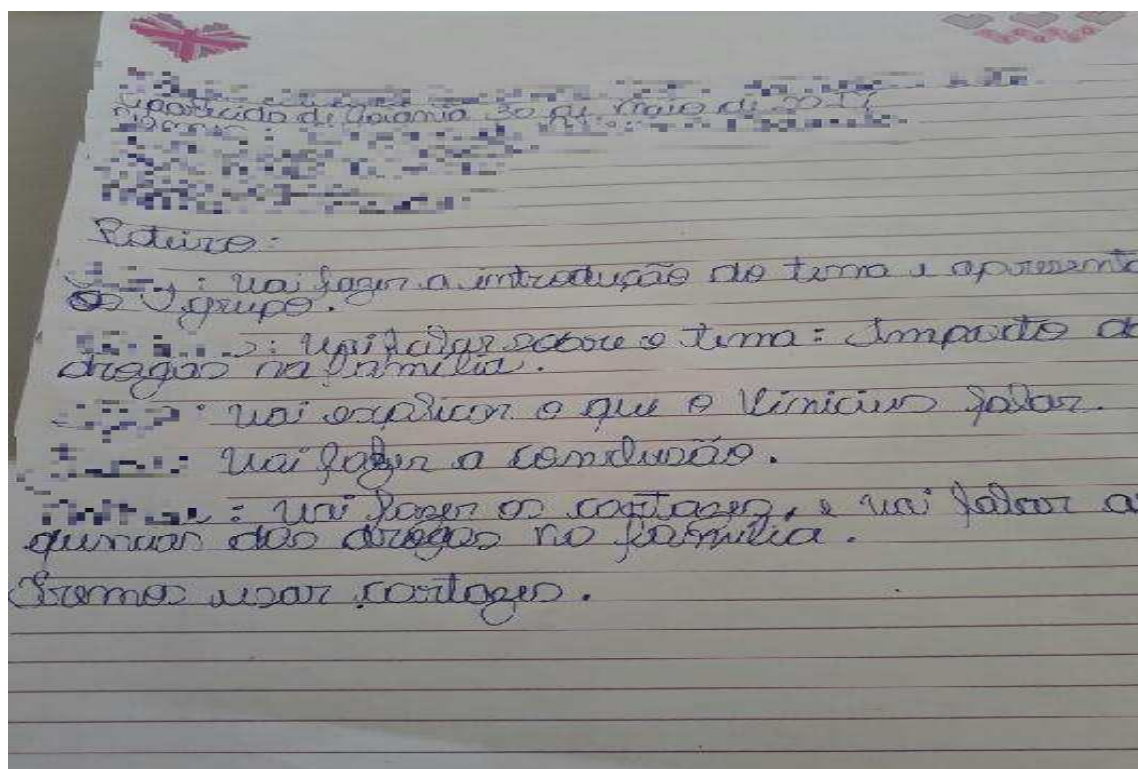
Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 19 – Transcrição de parte do roteiro de apresentação do seminário (O uso de drogas ilícitas na adolescência)

Roteiro de apresentação
Irá apresentar o grupo e o tema falando o nome de todas, dando bom dia, e falando que iremos falar de drogas ilícitas na adolescência. E dizer sob o uso de recurso.
Vai abrir o tema, falando sobre as drogas ilícitas na adolescência.
Vai dizer os tipos de drogas que os adolescentes usam e o impacto na família e com os amigos e com a própria pessoa.
Falar sobre os tratamentos, internações, como ficam na clínica, com como o coração reagem e são tratados.
Irá falar sobre o tema, em tratamento, agradecer e abrir perguntas.
Responder as perguntas, irar ficar responsável por todas as meninas do grupo [...]

Fonte: Elaborado pela autora

FIGURA 11 – Roteiro de apresentação do seminário sobre o tema “Impacto das drogas na família”



Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 20 – Transcrição de parte do roteiro de apresentação do seminário (O uso impacto das drogas na família)

Roteiro de apresentação
Vai fazer a introdução do tema e apresentação do grupo.
Vai falar sobre o tema: Impacto das drogas na família.
Vai explicar o que o falar.
Vai fazer a conclusão.
Vai fazer cartazes, e vai falar algumas drogas na família.
Iremos usar cartazes.

Fonte: Elaborado pela autora

Percebemos que as atividades de produção dos gêneros debate e entrevista foram importantes para trabalhar a oralidade, sendo uma tentativa de produzir gêneros orais antes do seminário. Porém, constatamos que deveríamos ter aprofundado mais na abordagem de ambos os gêneros e orientado sobre não usar a oralização de textos escritos e também sobre o uso da língua mais formal e monitorada nesses gêneros. Isso poderia ter contribuído para que algumas falhas fossem evitadas. Entretanto, entendemos que o objetivo foi cumprido, uma vez que a participação desses dois gêneros na pesquisa era, mesmo, de coadjuvante.

5.4.2 Módulo II: características do gênero seminário

No segundo módulo desta etapa, desenvolvemos atividades para que os alunos percebessem as características gerais do gênero e diminuíssem as dificuldades percebidas na apresentação do seminário diagnóstico, tais como: i) preparação, organização e leitura de material sobre o tema proposto; ii) estratégias para a apresentação do seminário; iii) atenção ao uso da fala, à expressão corporal de modo apropriado; iv) escolha de recursos tecnológicos adequados.

Para tanto, explicamos o gênero seminário, apresentando e ilustrando, por meio de textos, as características do gênero (conteúdo temático, estilo e estrutura composicional), de acordo com os três componentes de um gênero, segundo Bakhtin (1997). Enfatizamos a função social do gênero, o(s) contexto(s) social(is) em que ele circula. Falamos, também, sobre sua estruturação, sobre seu estilo característico (registro formal da língua), atentando ao vocabulário formal, às construções sintáticas (fases de organização), aos organizadores

textuais (elementos de coesão entre as falas das pessoas no grupo) e sobre o uso da oralidade (que não é usar o papel, celular ou cartaz como forma de leitura).

Ainda nessa fase de aquisição de conhecimentos sobre o seminário, levamos os alunos a perceberem que, como o seminário normalmente é um trabalho em grupo, é importante todos os componentes se atentem para a apresentação do colega.

A primeira atividade deste módulo, para a qual usamos uma aula, foi de identificação de características do seminário. Nessa atividade, orientamos os alunos a fazerem pesquisas na internet sobre o gênero seminário, a fim de que pudessem ter um conhecimento maior sobre como esse gênero surgiu, porque surgiu, para que serve e a qual esfera comunicativa ele pertence. Os alunos pesquisaram, porém trouxeram poucas contribuições além do que nós já havíamos discutido em aulas anteriores, o que os levou a concluir que não há uma vasta bibliografia disponível a respeito do seminário.

Nesta aula, os alunos assistiram ao vídeo (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HgV-uj091VU>), que mostra uma rápida apresentação de alunos do 3º ano do Ensino Médio. Os alunos gostaram de assistir ao vídeo e conseguiram apontar as falhas relativas à apresentação do seminário assistido.

Na segunda atividade desse módulo, para a qual usamos uma aula, os alunos assistiram a um vídeo sobre a constituição (estrutura) do gênero seminário (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UOEvxhbJIHc>). O vídeo mostra como se apresentar em público. Os alunos perceberam que as apresentadoras fizeram a introdução do tema, que foram claras, que o tema foi bem abordado e que predominou o uso do registro formal da língua.

Na terceira atividade desse módulo, a turma foi conduzida a identificar a estrutura composicional do seminário (abertura; introdução ao tema; apresentação do plano da exposição; desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; fase de recapitulação e síntese; conclusão; encerramento). Em seguida, os alunos assistiram ao vídeo sobre como apresentar uma palestra/seminário (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vjcT_jQQzXk). Após anotarem as partes constitutivas de um seminário, os alunos foram conduzidos a responder às seguintes perguntas:

QUADRO 21 – Discussão entre a professora e os alunos sobre a estrutura composicional do gênero (com base no vídeo assistido)

<p>Professora: - Como as apresentadoras abriram a apresentação? De que maneira elas entraram em contato com o público? Qual foi a saudação inicial?</p> <p>A1: - Abriram com uma saudação.</p>
<p>Professora: - Elas fizeram a introdução do tema? Foram claras em sua maneira de falar? As informações estavam bem organizadas?</p> <p>A2: - Ficou claro o tema e as informações foram bem organizadas.</p>
<p>Professora: - Como finalizaram a apresentação? Houve a retomada de forma sintética dos principais pontos da oralidade? Usaram expressões como: “o que foi dito aqui...”; “Para concluir”; “Recapitulando”; “Podemos dizer que”...?</p> <p>A3: - Fizeram agradecimentos e usaram conectivos.</p>
<p>Professora: - Lançaram, ao final, uma questão aos ouvintes, com o objetivo de desencadear uma discussão ou reflexão entre os participantes?</p> <p>A4: - Não deixaram espaço para o público falar.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

A quarta atividade desse módulo, para a qual usamos três aulas, foi de identificação do estilo do seminário. Nesse momento, destacamos a prática da oralidade e da fala em seu emprego mais formal e monitorado (por se tratar de um gênero oral formal e público), com o uso de elementos linguísticos (coesão temática, sinalizações do desenvolvimento do texto), introdução de exemplos, reformulações, preparação e oralização de notas típicas da oralidade, em muitos casos com uso de recursos como imagens, *slides*, dentre outros. Salientamos que, sendo o seminário um gênero oral, são necessários marcadores temporais, palavras e expressões que dão sequência à exposição das informações: “em primeiro lugar”, “em seguida”, “depois”, “então”, “portanto” etc.

Chamamos a atenção dos alunos para o uso dos tempos verbais no futuro ou no presente, para apresentação do plano de exposição: “falaremos primeiro sobre”, “faremos agora”, “a pesquisa que fizemos” etc. Além disso, apresentamos aos alunos as expressões usadas para introduzir assuntos, dar sequência a eles e finalizá-los. Algumas sugestões de apresentação: “vou tentar explicar”, “o assunto da minha exposição será”. Para o desenvolvimento das ideias durante a apresentação: “agora vou passar a falar sobre”, “abordarei agora outro aspecto”. E na conclusão: “gostaria de resumir alguns pontos”, “para concluir”, “finalizando” etc.

Feito esse trabalho, organizamos, na lousa e com os alunos, um quadro-síntese com as ideias principais de como se deve estruturar um seminário. Exibimos os seguintes vídeos com dicas de como falar em público e como preparar *slides* como apoio para a apresentação de um seminário:

1º vídeo: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=em2EXTcSyAY>. Por meio desse vídeo, discutimos a importância do uso do registro formal durante o seminário;

2º vídeo: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9MOUMvIxN0>. A partir do qual tratamos da postura durante a apresentação de um seminário.

3º vídeo: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=g0qBWZpk60g>. A partir do qual discutimos sobre a produção de *slides* para um seminário.

Os vídeos assistidos contribuíram para que os alunos pudessem discutir as questões abaixo e dar as seguintes respostas:

QUADRO 22 – Análise do estilo dos seminários dos vídeos assistidos, com adaptações da professora.

Professora: - O que falaram sobre a abertura da apresentação? De que maneira eles começaram a fala? Qual foi a saudação inicial?
A1: - Eles fizeram a saudação inicial cumprimentando o público.
Professora: - Quais os recursos linguísticos usados são aconselhados para organizar as informações? As informações estavam bem organizadas?
A2: - As informações foram bem organizadas com uso de conectivos entre cada fala.
Professora: - Como posicionar-se diante do público? (direção do olhar, tom de voz em cada situação)
A3: - Olhar para o público, tom de voz alto, mas não gritar, usar gestos como apoio.
Professora: - Quais marcas linguísticas (expressões) foram ser usadas?
A4: - Em primeiro lugar, depois, com conectivos entre as falas.
Professora: - Como produzir um bom <i>slide</i> para ajudar na fala?
A5: - Pensar na animação dos <i>slides</i> , tipo de fonte, no uso de imagens, pouca escrita e com letras grandes. Mas que não devem ser usados como “cola” e sim como auxílio a fala.
Professora: - Qual postura deve ser usada durante o seminário?
A6: - Postura ereta, que demonstre segurança no falar.

Professora: - Qual variedade linguística usar no seminário?

A7: - Registro formal da língua.

Fonte: Elaborado pela autora

A quinta atividade desse módulo, para a qual usamos três aulas, foi também sobre o estilo do seminário. Nesse momento, explicamos as diferenças existentes entre fala formal e a escrita, e principalmente, sobre as particularidades da língua falada. Apresentamos as dimensões da fala e ressaltamos a importância de reconhecer as suas peculiaridades e seu uso em determinado ambiente de comunicação; ensinamos os procedimentos de planejamento, produção e revisão da fala; mostramos as características fundamentais da organização interna da oralidade no seminário; falamos sobre o registro mais formal e monitorado da língua oral no seminário e como utilizar recursos auxiliares mais adequados à compreensão do tema apresentado. Conduzimos os alunos a reconhecerem e utilizarem as marcas linguísticas características e necessárias à apresentação do gênero oral seminário.

Os alunos, em grupos, gravaram suas falas individuais sobre o tema que iriam apresentar. Depois, junto com a turma, assistimos à oralidade dos alunos. A cada fala, tivemos um momento de comentários sobre sua produção, para que cada aluno melhorasse sua oralidade. Este foi um momento de simulação da fala para a posterior apresentação de um seminário final. Notamos que, de maneira geral, os alunos melhoraram sua oralidade em relação ao seminário diagnóstico, pois demonstraram mais segurança na fala, domínio do que estavam dizendo, não realizaram a oralização de um texto escrito (fazendo a retextualização do texto escrito para o texto oral) e tiveram um maior monitoramento da formalidade na fala. Eles se empenharam nesta atividade e gostaram muito de realizá-la.

5.4.3 Módulo III: preparação do seminário final

O terceiro módulo, para o qual usamos duas aulas, foi destinado ao planejamento do seminário final. Nessa fase, os alunos prepararam novamente o seminário, com o mesmo subtema do seminário diagnóstico, para apresentar aos colegas dos outros 9º anos. Os alunos foram conduzidos a percorrerem o mesmo percurso do seminário diagnóstico, considerando, é claro, todo o conhecimento que adquiriam durante as aulas anteriores sobre a produção e a recepção desse gênero.

Para evitar que os alunos cometessem as mesmas falhas, lembramos que no seminário diagnóstico eles não olharam para o público, usaram trajes inadequados à situação, usaram

gestos que não contribuíram com a fala, tiveram postura corporal inapropriada, mostraram que não dominavam o tema, não pensaram na organização e sequência da apresentação. Dissemos, também, que eles poderiam usar recursos audiovisuais como apoio e que deviam usar ou refazer o roteiro produzido anteriormente. Finalmente, tentamos conscientizá-los da importância de se prepararem muito bem, por meio de “ensaios”, por exemplo, para a apresentação, e em seguida agendamos a data de realização do seminário final.

O seminário final, apresentado aos colegas dos 9º anos (três turmas) da escola, aconteceu no dia 20/06/2017. Para isso, usamos seis aulas consecutivas. Antes da apresentação dos alunos, fizemos uma breve contextualização e apresentação da pesquisa para os alunos-ouvintes e os professores que os estavam acompanhando. Após a apresentação dos seminários finais, produzimos os diários de campos a seguir:

QUADRO 23 – Diário de campo Seminário Final sobre o tema “O impacto das drogas ilícitas na família”

DIÁRIO DE CAMPO DO SEMINÁRIO FINAL: O IMPACTO DAS DROGAS ILÍCITAS NA FAMÍLIA	
Data: 20/06/2017	
Horário: 8h	Duração: Aproximadamente 15 minutos
Local: Anfiteatro do Centro Esportivo Integrado da Prefeitura de Aparecida de Goiânia ¹²	
Participantes envolvidos: Dois alunos	
Planejamento: Os participantes tiveram um momento em sala para planejarem a apresentação do seminário final, segundo todas as orientações feitas ao longo de duas aulas anteriores.	
Ação: Orientamos os alunos sobre como deveriam produzir o seminário durante todos os módulos de nossa proposta didática.	
Objetivos das ações: Perceber a aprendizagem do gênero seminário.	
Desenvolvimento do seminário:	
<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos de apresentaram e apresentaram o tema. 	

¹² Como não tínhamos nenhum espaço em que coubessem os alunos das quatro turmas de 9º anos que participaram do momento de produção do Seminário Final (a quadra da escola estava em reforma), conseguimos, gratuitamente, a reserva do Anfiteatro do Centro Esportivo Integrado da Prefeitura de Aparecida de Goiânia, auditório localizado bem próximo à escola. Agendamos a aula para as quatro turmas neste local, com a ciência e a autorização dos pais.

- Falaram de forma espontânea, sem nenhum recurso tecnológico ou papel.
- Demonstraram domínio do tema.
- Tiveram algumas dificuldades em usar o registro formal da língua.
- Concluíram a apresentação e se despediram.
- Demonstraram conexão entre as falas, mas faltou coerência no que estavam dizendo.

Reflexões: Notamos que os alunos tiveram a concepção de seminário como gênero, de suas características e etapas, de como usar a oralidade para apresentar, ou seja, eles se apropriaram do conhecimento do estilo, do conteúdo temático, da estrutura composicional do gênero seminário.

Avaliação: Percebemos uma grande diferença em relação ao uso do estilo (registro formal da língua, coerência e coesão entre as partes do texto), à estrutura composicional e à temática no seminário final em relação ao seminário diagnóstico. Houve grande avanço em relação à aprendizagem do gênero.

Bibliografia: Pesquisas realizadas em *sites* pelos alunos e material fornecido pela professora durante as etapas de aprendizagem do gênero.

Fonte: Elaborado pela autora

QUADRO 24 – Diário de campo do Seminário Final sobre o tema “O uso de drogas ilícitas na adolescência”

DIÁRIO DE CAMPO DO SEMINÁRIO FINAL: O USO DE DROGAS ILÍCITAS NA ADOLESCÊNCIA	
Data: 20/06/2017	
Horário: 8h30min	Duração: Aproximadamente 15 minutos
Local: Anfiteatro do Centro Esportivo Integrado da Prefeitura de Aparecida de Goiânia	
Participantes envolvidos: Cinco alunos	
Planejamento: Os participantes tiveram um momento em sala para planejarem a apresentação do seminário final, segundo todas as orientações feitas ao longo de duas aulas anteriores.	

Ação: Orientamos os alunos sobre como deveriam produzir o seminário durante todos os módulos de nossa proposta didática.
Objetivos das ações: Perceber a aprendizagem do gênero seminário.
Desenvolvimento: <ul style="list-style-type: none"> • Os alunos se apresentaram e apresentaram o tema. • Todos falaram de forma espontânea, sem o uso do papel. • Tiveram uma organização interna no seminário. • Tiveram dificuldade em usar o registro formal da língua. • Demonstraram conexão entre as falas e coerência no que estavam dizendo. • Mostraram maior domínio do tema. • Tiveram postura adequada para falar. Reflexões: Notamos que os alunos tiveram a concepção de seminário como gênero, de suas características e etapas, de como usar a oralidade para apresentar, ou seja, eles se apropriaram do conhecimento do estilo, do conteúdo temático, da estrutura composicional do gênero seminário.
Avaliação: Percebemos uma grande diferença em relação ao estilo, à estrutura composicional e à temática do seminário final em relação ao seminário diagnóstico. Houve grande avanço em relação à aprendizagem do gênero.
Bibliografia: Pesquisas realizadas pelos alunos em <i>sites</i> e material fornecido pela professora durante as etapas de aprendizagem do gênero.

Fonte: Elaborado pela autora

QUADRO 25 – Diário de campo do Seminário Final sobre o tema “O uso de drogas ilícitas e o efeito no corpo”

DIÁRIO DE CAMPO DO SEMINÁRIO FINAL: USO DE DROGAS ILÍCITAS E EFEITOS NO CORPO	
Data: 20/06/2017	
Horário: 9h	Duração: Aproximadamente 15 minutos
Local: Anfiteatro do Centro Esportivo Integrado da Prefeitura de Aparecida de Goiânia	

Participantes envolvidos: Seis alunos
Planejamento: Os participantes tiveram um momento em sala para planejarem a apresentação do seminário final, segundo todas as orientações feitas ao longo de duas aulas anteriores.
Ação: Orientamos os alunos sobre como deveriam produzir o seminário durante todos os módulos de nossa proposta didática.
Objetivos das ações: perceber a aprendizagem do gênero seminário.
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento: • Os alunos se apresentaram e apresentaram o tema. • Demonstraram avanços na oralidade, pois tiveram mais segurança ao falar. • Tiveram dificuldade em usar o registro formal da língua. • Usaram todas as etapas do seminário. • Mostraram conexão entre as falas e coerência no que estavam dizendo. • Utilizaram <i>slides</i> como recurso da fala. <p>Reflexões: Notamos que os alunos tiveram a concepção de seminário como gênero, de suas características e etapas, de como usar a oralidade para apresentar, ou seja, eles se apropriaram do conhecimento do estilo, do conteúdo temático, da estrutura composicional do gênero seminário.</p>
Avaliação: Percebemos uma grande diferença em relação ao estilo, à estrutura composicional e à temática do seminário final em relação ao seminário diagnóstico. Houve grande avanço em relação à aprendizagem do gênero.
Bibliografia: Pesquisas realizadas em <i>sites</i> pelos alunos e material fornecido pela professora durante as etapas de aprendizagem do gênero.

Fonte: Elaborado pela autora

QUADRO 26 – Diário de campo do Seminário Final sobre o tema “O uso de drogas ilícitas e a violência”

DIÁRIO DE CAMPO DO SEMINÁRIO FINAL: O USO DE DROGAS ILÍCITAS E A VIOLÊNCIA	
Data: 20/06/2017	
Horário: Não houve apresentação deste grupo	
Local: Anfiteatro do Centro Esportivo Integrado da Prefeitura de Aparecida de Goiânia.	
Participantes envolvidos:	
Planejamento: Os participantes tiveram um momento em sala para planejarem a apresentação do seminário final.	
Ação: Orientamos os alunos sobre como deveriam produzir o seminário diagnóstico.	
Objetivos das ações: Diagnosticar as dificuldades na produção de um seminário.	
Desenvolvimento do seminário: Não houve apresentação, porque o grupo se desfez no decorrer da aplicação da proposta. Isso aconteceu devido a problemas de relacionamento entre os integrantes, falta de compromisso e assiduidade às aulas.	
Reflexões: Os alunos não se envolveram em todas as atividades. Apenas um aluno do grupo se mostrava interessado nas atividades de aprendizagem do gênero, porém, como o grupo se desfez, ele ficou com vergonha de apresentar sozinho.	
Avaliação: Não foi possível fazer a avaliação.	
Bibliografia: Não houve o uso de nenhuma bibliografia.	

Fonte: Elaborado pela autora

5.5 Algumas considerações sobre a apresentação do seminário final dos alunos aos colegas de outras turmas

Ao final das apresentações, abrimos espaço para que os alunos-ouvintes pudessem fazer perguntas aos alunos-apresentadores sobre o tema e sobre como eles aprenderam a produzir o seminário. Esse momento de interação foi bastante produtivo, pois os alunos-

ouvintes tiveram a oportunidade, sob nossa mediação, de aprender mais sobre o tema de cada seminário e como produzir o gênero. Os alunos-ouvintes tiveram dificuldade de realizar perguntas, sendo necessária a elaboração de perguntas orais pela professora e uma maior mediação neste processo; desta forma produzindo apenas uma discussão e não um debate, como foi proposto, com a participação de apenas quatro alunos-ouvintes.

QUADRO 27 – Transcrição de parte das falas dos alunos (*feedback* entre alunos-ouvintes e alunos-participantes com a intermediação da professora)

Professora: - [...] O tipo de relacionamento com os pais pode levar o filho ao uso de drogas?

A1: - Pode levar, porque um filho, uma pessoa da família não pode estar sentindo bem em casa e quer “aliviar” de algum jeito, quer acabar com seus problemas e algumas coisas mais.

Professora: - E como a família pode ajudar a recuperar o filho que tenha chegado numa condição de uso de drogas?

A1: - Ela pode ajudar tentando internar essa pessoa, levando ela para casa de recuperação, ou fazer alguma coisa do tipo, “tipo” conversando, e dando mais apoio para essa pessoa.

Professora: - E como a família pode ajudar o filho a não entrar “nesse mundo”?

A2: - Apanhando.

A3: - Dando mais auxílio a ela, deixando ela bem.

Professora: - Como que o filho ou uma filha pode pedir ajuda para seus pais? Se a pessoa estiver sendo assediada – não sei quem foi lá na visita da casa de recuperação, mas lembram que eles falaram de assédio? Quando fala a palavra assédio, a gente só pensa em assédio sexual?!

Alunos-ouvintes: - É.

Professora: - Existe assédio moral, o que é assédio moral? E a pessoa for falando “fulano vamos usar drogas”, significa oferecer, ameaçar, convidar pessoas a usar drogas. Não é? Então, como o filho pode evitar, pode pedir ajuda para os seus pais, para você não entrar no mundo das drogas?

A1: - Diálogo, com “base na conversa”, não ir muito “pela cabeça dos outros” e escutar mais seus pais e familiares.

Professora: - Mais alguma pergunta ou comentário? Pode falar.

A 4: - Queria saber como faço para ajudar uma pessoa da minha família que usa drogas, sem expor.

Professora: - Pergunta muito boa! É, por exemplo, você sabe que um primo “seu” usa drogas e você quer ajudar. Mas como você vai ajudar ele sem “contar” para os pais deles ou sem falar para a família toda? Como que vocês fariam?

A 2: - Dando mais auxílio a ele, não tem que falar para “todo mundo” que está internado, falar que viajou.

Professora: - Como seria esse auxílio? Conversando? Conversando com seu primo? Como poderia conversar com o seu primo, por exemplo? Como podemos orientar alguém da nossa família?

A4: - E se “a gente falar” assim “não usa drogas e tal” isso ele disse assim “ah e essa pessoa da nossa família usa. E aí”?

Professora: - Vocês entenderam? Você vai conversar com seu primo, por exemplo, que ele usa drogas, mas ele “pega e fala assim”: mas meu pai usa, por exemplo, “né”? Como que a gente pode orientar essa pessoa? Difícil essas perguntas “né”? Gente, mas são muito boas! Esse é o propósito! Quer que eu responda para vocês se precisar de alguma ajuda? Cada pessoa faz as suas escolhas. Você acha que seu pai e sua mãe estão bem assim? Estão felizes porque usam droga? Ele vai responder assim “não, não, ele me bate, ele não conversa comigo e tal”, e ele vai enumerando. E você vai dizer “você vai seguir esse exemplo? a escolha é sua!” Gente, o caminho das drogas é um buraco sem fundo. Infelizmente muitas pessoas que entram nesse mundo vivem pouco tempo. Por quê? O porquê, a causa disso é do efeito das drogas. Ou por que causa efeito no corpo e ela morre ela vai definhando.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na tentativa de produzir uma situação real de uso formal da fala, apresentamos o seminário final aos colegas de outras turmas da escola, a fim de que eles aprendessem mais sobre o tema exposto e os alunos participantes da pesquisa, que estavam na condição de especialistas e protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, pudessem também socializar a aprendizagem do gênero seminário com um público maior. Este foi um momento muito rico, uma vez que houve a socialização do tema, discussão e interação entre os colegas da mesma turma e com colegas de outras turmas, que não tiveram a mesma oportunidade de aprendizagem do gênero.

Constatamos, também, que esse foi um grande desafio para os alunos participantes da pesquisa, pois eles exigiram mais de si mesmos e tiveram uma plateia diferente da que estavam acostumados. Essa realidade exigiu que eles conhecessem mais sobre o tema, monitorassem mais o estilo e o registro linguístico no momento de apresentação do seminário

e tivessem boa interação com seus colegas de grupo. Percebemos que todos os alunos se sentiram à vontade, tanto durante a apresentação quanto durante o momento em que comparamos as diferenças entre o seminário diagnóstico e o seminário final. Todo esse processo nos mostrou, com clareza, o que foi aprendido.

Concluimos, então, que os alunos, ao longo de todo o percurso de trabalho, venceram diferentes dificuldades, conseguindo, ao final, dominar o gênero seminário; além disso, a ideia da apresentação do seminário para outro público foi muito boa. Se a apresentação tivesse se restringido à sala de aula da turma que se envolveu com as atividades, como comumente acontece, talvez os resultados não tivessem sido tão positivos.

Após este momento, agradecemos a participação dos alunos-ouvintes e dos professores presentes e nos despedimos. No mesmo dia, como foram seis aulas consecutivas, fizemos o *feedback* da apresentação junto com os alunos, de modo a levá-los a perceberem os pontos positivos e negativos de cada apresentação.

5.6 Considerações sobre a interação professor-alunos após as apresentações

Apresentamos, a seguir, alguns comentários sobre cada apresentação, a partir de reflexões feitas pelos próprios alunos participantes da pesquisa. De maneira geral, eles avaliaram positivamente cada uma das apresentações.

QUADRO 28 – Resultados da discussão com os alunos sobre as apresentações dos seminários finais

Grupo 1: Os alunos venceram o desafio de apresentarem em dupla, pois o restante dos colegas os abandonaram. Falaram de maneira bem espontânea, demonstraram domínio do assunto, foram organizados, usaram um tempo bem maior para apresentação do que no seminário diagnóstico, não usaram nenhum recurso tecnológico ou “cola” para falarem. Cumpriram todas as etapas e, ao final, responderam às perguntas dos colegas de outras turmas, demonstrando domínio tanto do conteúdo apresentado quanto do gênero seminário. Em relação ao desempenho individual dos componentes, ambos os alunos demonstraram autocontrole, adotaram uma postura gestual e corporal adequada, usaram parcialmente o registro formal da língua e o tom de voz foi adequado.

Grupo 2: Os alunos se expressaram bem, usaram *slides* como recursos de apoio, o que contribuiu muito para chamar a atenção do público para o tema. Tiveram dificuldade para

terminar o seminário, pois dois colegas se confundiram e falaram pouco. Demonstraram domínio do assunto, foram organizados, usaram um tempo bem maior para apresentação do que no seminário diagnóstico. Cumpriram todas as etapas e, ao final, conseguiram responder às perguntas dos colegas de outras turmas, demonstrando domínio tanto do conteúdo apresentado quanto do gênero seminário. Em relação ao desempenho individual dos componentes, de maneira geral, demonstraram autocontrole, adotaram uma postura gestual e corporal adequada, usaram parcialmente o registro formal da língua e o tom de voz foi adequado. Porém, os dois últimos participantes tiveram dificuldade em saber o que dizer, falaram pouco e não conseguiram terminar bem a apresentação, fazendo com que os outros alunos realizassem este momento do seminário para eles. Os alunos do grupo alegaram que esses colegas não demonstraram interesse pelo trabalho e não se prepararam bem.

Grupo 3: Os alunos se expressaram muito bem, uma aluna se destacou muito na fala e os alunos-ouvintes notaram e comentaram sobre a participação dela. Demonstraram domínio do assunto, foram organizados, usaram um tempo bem maior para apresentação do que no seminário diagnóstico, não usaram nenhum recurso tecnológico. Cumpriram todas as etapas e responderam às perguntas dos colegas de outras turmas, demonstrando domínio tanto do conteúdo apresentado quanto do gênero seminário. Em relação ao desempenho individual dos componentes, demonstraram autocontrole, adotaram uma postura gestual e corporal adequada, usaram parcialmente o registro formal da língua e o tom de voz foi adequado. Algumas alunas demonstraram nervosismo, porém uma delas se destacou e foi elogiada pelo bom uso de sua oralidade, pois demonstrou segurança na fala, demonstrando domínio do tema e utilizando com facilidade o registro mais formal da língua oral.

Fonte: Elaborado pela autora

5.7 Considerações sobre os seminários produzidos

Os seminários realizados pelos alunos foram entendidos como enunciados relativamente estáveis produzidos no contexto escolar, a partir da prática social de oralidade com a discussão de uma temática, apresentando a seguinte estrutura composicional: (1) Fase de abertura; 2) Introdução ao tema; 3) Apresentação do plano da exposição; 4) O desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; 5) Uma fase de recapitulação e síntese; 6) A conclusão; 7) O encerramento).

Tais considerações remetem, então, à visão dos gêneros apresentada por Bakhtin (1997) de que os gêneros possuem um tripé fundamental para sua compreensão. Optamos por esta definição na busca de um conceito que contemplasse o gênero seminário. A partir dessa concepção de gênero, analisamos e comparamos as produções iniciais (seminários diagnósticos) e as produções finais (seminários finais) dos alunos. Para isso utilizaremos as transcrições de parte das falas de ambos os seminários de cada grupo.

QUADRO 29 – Trecho das falas dos participantes do grupo “O uso de drogas ilícitas e o efeito das drogas no corpo”: Seminário Diagnóstico

A1: - (1¹³) O tema do nosso trabalho é efeito das drogas no corpo. (2) Existem dois tipos: existem as naturais e também existem as drogas feitas em laboratórios: Êxtase, LSD. (3) E as naturais são: por exemplo, não sei se vocês sabem, mas um sapo é uma droga. Ele tem um efeito alucinógeno na parte dele de trás. Às vezes a pessoa vai e lambe a “¹⁴traseira” do sapo, ela produz o mesmo efeito da LSD e os efeitos podem ser variados pelo seu corpo. Os efeitos negativos são mau funcionamento do nosso corpo inteiro, a overdose, consecutivamente pode parar o nosso funcionamento do nosso pâncreas, rins e coração.

A2:- As consequências das drogas: elas causam o desenvolvimento de doenças como depressão, lesões no fígado como câncer hepático, complicações na gravidez, mau funcionamentos dos rins, mau funcionamentos dos nervos, morte precoce.

A3: - Normalmente, as drogas causam problemas de neurônios, por exemplo, elas destroem os neurônios e também a maconha outro tipo de droga, que são fumadas. Elas trazem problemas no pulmão e também problemas cardíacos, normalmente a overdose causada pelas drogas ela pode deixar sequelas, por exemplo, se você não morrer ou você fica paralisado ou você fica com dificuldade imensa de andar, por exemplo, o primo dela não ficou paralisado, mas tem dificuldade de andar.

A4: - Uma pesquisa feita mostrou que quando usa depois de tempo as células do seu cérebro ficam danificadas, você pode ficar ou com dificuldade cerebral ou então fica meio “bobo”. E também “é” as drogas elas dificultam a capacidade na escola, por exemplo, você vai ficando alucinado ou até mesmo ansioso, isso acaba atrapalhando seu desenvolvimento escolar.

¹³ Usamos a seguinte legenda para identificar as fases do seminário com relação à estrutura composicional: (1) Fase de abertura; (2) Introdução ao tema; (3) Apresentação do plano da exposição; (4) O desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; (5) Uma fase de recapitulação e síntese; (6) A conclusão; (7) O encerramento.

¹⁴ Usamos as aspas como marcação de palavras do registro informal da língua.

A5: - (6) Os efeitos da droga: o papel fica dando “pico”. A maconha faz você “esquecer das coisas” e o pó faz você ficar acelerado. Os efeitos das drogas, por exemplo, a maconha pode te deixar lento, com dificuldade e os neurônios, se usar muito você fica viciado, fica “magrelo”, aí você fica anorético. (7) Só isso mesmo, professora.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 30 – Trecho das falas dos participantes do grupo “O uso de drogas ilícitas e o efeito das drogas no corpo”: Seminário final

A1: - (1) Bom dia! Eu sou a A1, estamos apresentando o seminário “As drogas no corpo e na vida de usuários”, esse é o A2, aquele é o A3, A4 e o A5. (2) As drogas, como a cocaína, o craque, elas afetam o funcionamento do coração, pulmão, o fígado, sistema nervoso, e até mesmo o cérebro. Além de destruir a vida social dos usuários, elas podem levar até mesmo à falência econômica ou até mesmo à morte. A maioria das mortes de overdose são causadas pela cocaína.

A2: - (3) Eu vim falar sobre o efeito das drogas no corpo e as drogas perturbadoras. (4) Os efeitos delas são variados: a maconha causa efeito de tranquilidade e a cocaína causa o efeito de aceleração; o LSD causa o efeito alucinógeno no nosso corpo; o crack é conhecido por ser uma pasta de cocaína um pouco mais forte, por isso ela causa uma dependência química muito rápida. Drogas depressoras: as drogas “depressoras” causam depressão em si, uma das principais é a heroína, que dura durante oito horas no seu organismo, e a morfina que é usado para tratamento de dores no nosso organismo. Drogas naturais são poucas conhecidas, tem o sapo que, em contato com a saliva, ele é semelhante ao LSD, o cogumelo, ou, quer dizer, a maconha é uma droga “depressora”, é também natural e o cogumelo que causa o efeito de grandeza. E hoje a gente pode ver que as pessoas falam bastante sobre isso no nosso meio, principalmente nos novos desenhos e nos filmes, como, por exemplo, Alice no país das maravilhas e o jogo do Super Mario, “aí” quando ele pega o cogumelo ele fica maior, é uma referência à droga.

A3: - Bom dia! Eu vim apresentar sobre drogas na gravidez. Muitas crianças não sobrevivem pelo fato dela já nasceram fragilizados por causa das drogas. Muitas delas necessitam de drogas para parar de agonizar. Muitas delas ficam muito agoniadas mesmo pelo fato de não conseguirem dormir e acaba prejudicando a saúde delas. Como eu falei antes, muitas crianças não sobrevivem e “pega” o fato disso as mães podem ficar “traumatizado” pelo fato da

criança, da criança morrer e a mãe até sentir o amor pela criança e a mãe pode sentir traumatizada por isso.

A4: - Bom dia! Por que você vai usar droga? Se você vai brigar com alguém, vai “espareicer” a cabeça. Droga acaba com a sua vida, não vai precisar usar drogas para relaxar não, embora você “relaxa”, mas depois acaba com a sua vida, a droga não traz nada de bom, não traz, traz brisa. O que é “brisa”, “cara”? Não é nada. Então não use drogas.

A5: - (6) Esse daqui é um vídeo de um “cara” jovem que começou a usar drogas, que tinha tudo, tinha moradia tinha casa, pais que amavam ele. Entrou no mundo das drogas, ficou viciado e não conseguiu “sair”, o pai dele teve que internar ele e foi muito ruim. A família achou muito ruim, “ficou” internado sete meses, foi muito difícil para ele, para os pais, que “ficou” viciado, no mundo das drogas e por fim não conseguiu, a enfermeira não conseguiu. Causa o vício dele, “aí” foi internado, saiu depois de sete meses, e foi “isso aí”. (7) Obrigado!

Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 31 – Trecho das falas dos participantes do grupo “O uso de drogas ilícitas na adolescência”: Seminário Diagnóstico

A6: - (1) Nosso grupo ficou com o tema drogas ilícitas na adolescência, o que tem sido muito comum. Hoje em dia, os jovens, especificamente por volta de 15 a 16 anos, têm brigas com os pais, com os amigos, influência. Música é uma forma de exercer esse problema, para entrar no meio das drogas, aí fica muito difícil para família e com os amigos também.

A7:- (2) Isso pode prejudicar muito a família, porque pode causar um vício muito grande na pessoa, ela pode se suicidar talvez e isso pode causar muito problema para todos. Isso pode ocorrer muito em todos os lugares, não só aqui, mas vários lugares da cidade.

A8: - A gente trouxe dois tipos de exemplo de drogas ilícitas. Que é a maconha, que é usada por muitos dos adolescentes, pois ela é mais encontrada por aqui, tenho amigos que usa droga maconha, principalmente, e oferece ao outro, que ocorre que ele começa a experimentar a usar e vai usando e depois não quer parar não, só a maconha, ele também pode ir para cocaína e outros drogas.

A9: - A cocaína pode deixar o usuário com dores musculares, náuseas e falta de apetite e outras coisas.

A10: - (6) Todas as drogas, ela têm um efeito no sistema nervoso, acabando com a capacidade do sistema nervoso. E são três tipos de drogas que são consideradas como porta de entrada,

duas delas são lícitas, que são legais, o tabaco e o álcool, mas a ilegal que também que é considerado é a maconha.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 32 – Trecho das falas dos participantes do grupo “O uso de drogas ilícitas na adolescência”: Seminário Final

A6: - (1) Bom dia! (2) E hoje vamos falar sobre drogas ilícitas na adolescência e (3) não vamos usar nenhum recurso para apresentar em slide “nem nada”, nem cartolina.

A7: - (4) As drogas são usadas principalmente na adolescência, isso porque muitos “vai” pela influência de amigos ou até mesmo pela curiosidade, é o que “tá tendo mais hoje em dia”. E um jovem que decide “entrar nesse mundo das drogas” é porque está tendo alguma dificuldade ou conflitos, acaba achando que as drogas é a única solução para tudo isso. As drogas mais usadas “é” a maconha e o Crack, a Cocaína, “não só esses”, mas todos os outros, e prejudica a pessoa, a saúde e a própria família.

A8: - Assim como os jovens, a família também “sofre” bastante, porque às vezes tenta ajudar e não “dá” certo. Às vezes as pessoas não “quer”, não aceitam a ajuda de ninguém e isso vai prejudicar muito a família, pode causar muito depressão também muitas vezes e...

A9: -- Muitas pessoas vão por “esse caminho” e precisam sair, por isso que existem as clínicas contra as drogas, contra não, elas ajudam muito essas pessoas que precisam de ajuda. Procurar ajuda, o melhor jeito de tentar ajudar essa pessoa é levar para um tratamento, porque para saber o que está ocorrendo dentro “da vida no mundo das drogas”. E quando essas pessoas estão dispostas a ter o tratamento na clínica, não “arca” com tudo, o pai e a mãe da pessoa “arca” com tudo.

A10: - (5) Como a A4 falou, muitas famílias sofrem por um filho, um irmão nessa situação. O único jeito realmente é internar, só que quando adolescente e o jovem e a criança não quer, fica bem mais difícil. Muitas famílias têm conscientização de que os filhos usam droga e aceitam dentro de casa, porque têm medo de ele ir para a rua ficar com os amigos e acontecer alguma coisa. E o que mais “a gente” vê hoje em dia são adolescentes, adultos, jovens e crianças morrendo por causa de drogas: tiroteio com polícia, a polícia bateu, espancou e matou um jovem. Tudo por isso porque ele é usuário. Não é justo colocar toda pessoa que usa droga no mesmo “pacote”. Usou porque quis, não teve cabeça para falar não, “a gente” não sabe o real motivo de cada um, por ter para fazer isso. Às vezes foi uma briga com pai, com a

mãe, com o irmão, com amigo, se foi influência, se foi pressão. (6) Não é bom julgar, é bom tentar compreender, acima de tudo ajudar. (7) Obrigado!

Fonte: Arquivo pessoal da autora

QUADRO 33 – Trecho das falas dos participantes sobre o tema “O uso de drogas e a violência: Seminário”: diagnóstico

A11: - (3) As drogas ilícitas são substâncias proibidas de serem produzidas, comercializadas e consumidas. Em alguns países, determinadas drogas são permitidas, sendo que seu uso é considerado normal e integrante da cultura. Tais substâncias podem ser estimulantes, depressivas ou perturbadoras do sistema nervoso central, o que perceptivelmente altera em grande escala o organismo. Drogas ilícitas “é” LSD, Anfetaminas, Nicotina, Cocaína, Cogumelos, Heroína e Extasy. Drogas ilícitas é “tipo” proibida, “aí” tem os traficante que vende escondido, e esse “trem” é errado e tem gente que faz.

A12: - Violência é um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação moral a outra pessoa, ser vivo ou dano a quaisquer objetos. Tal comportamento pode invadir a autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

5.7.1 Conteúdo temático

A escolha do tema “Uso de drogas ilícitas”, e dos subtemas: “Uso de drogas ilícitas na adolescência”, “Uso de drogas ilícitas e o impacto na família”, “Uso de drogas ilícitas e os efeitos das drogas no corpo”, “O uso de drogas ilícitas e a violência” ocorreu pelo fato dos alunos estarem inseridos num contexto social de alto índice de uso de drogas ilícitas. Assim, na tentativa de proporcionar reflexão e conscientização sobre as consequências do uso de drogas ilícitas para o adolescente, para a família e para a sociedade, é que decidimos pelo trabalho sobre essa temática. Entendemos que esse é um tema que faz sentido e desperta interesse nos alunos, o que pode fazer com que eles adquiram mais conhecimento.

Os alunos tiveram que pesquisar sobre o tema proposto e expor ideias por meio de uma situação real de produção de gênero. Eles não fizeram qualquer objeção quanto à escolha

do tema e a escola se prontificou, posteriormente, a ampliar a discussão do tema por meio de um projeto interdisciplinar em parceria com a Polícia Militar.¹⁵

A abordagem dos subtemas de cada grupo no seminário foi superficial, pois foi realizada por meio de leituras de textos escritos, e a produção inicial dos alunos foi rápida, justificada pela falta de pesquisa, vergonha de exporem o conteúdo da temática proposta. Já na produção final isso mudou, pois os alunos falaram mais sobre os temas e com mais segurança, sem uso de nenhum recurso tecnológico ou texto escrito, demonstrando um melhor desempenho individual e em grupo. Desta forma, percebemos maior espontaneidade e apropriação do tema, o que demonstrou maior conhecimento por parte dos alunos no que diz respeito à compreensão do gênero e do tema abordado. E também responderam bem às perguntas dos alunos-ouvintes sobre o tema e como se produz um seminário.

Essa nova realidade contribuiu para que a duração das apresentações de todos os seminários também fosse maior. Visando comprovar o que está sendo dito em relação ao conteúdo temático das produções inicial e final, observemos os quadros (29, 30, 31, 32, 33) mostrados acima. São quadros comparativos relativos a dois seminários apresentados pelo mesmo grupo de alunos (seminário diagnóstico e seminário final), infelizmente não foi possível uma comparação do último grupo, da temática “O uso de drogas ilícitas e violência”.

¹⁶

5.7.2 Estilo

Com relação ao estilo do seminário, os alunos em suas produções iniciais demonstraram dificuldades quanto ao uso dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais do registro mais formal e monitorado da língua, pois não realizaram a articulação entre as partes (falas dos participantes) do seminário. Na maioria dos casos, o uso do registro formal da língua ocorreu porque os alunos leram (oralização de textos escritos) ou decoraram suas pesquisas e não falaram de forma espontânea.

Após a apresentação do seminário diagnóstico, mostramos aos alunos, por meio de vídeos e de nossa fala, que eles deveriam usar o registro mais formal e monitorado da língua e ensinamos a usar os conectivos (mostramos exemplos escrevendo na lousa).

¹⁵ Está em anexo o projeto da escola de combate ao uso de drogas ilícitas. Nesse projeto, as apresentações de seminários estão colocadas como ações educativas para as turmas de 9º anos.

¹⁶ Como o grupo responsável pelo tratamento do tema “Uso de drogas ilícitas e a violência” não apresentou o seminário final, não foi possível fazer a comparação, como fizemos para os demais grupos.

Nas produções finais, notamos que eles se apropriaram mais adequadamente de alguns recursos gramaticais, ainda apresentaram dificuldades no que diz respeito ao uso do registro mais formal da língua, porém houve um maior monitoramento da formalidade em suas falas. Constatamos a necessidade de mais estudos e mais contato com a língua falada mais formal dentro e fora da escola, um trabalho contínuo nas aulas de Língua Portuguesa com as variações linguísticas e seus níveis de formalidade adequados aos ambientes de comunicação e à exigência do estilo do gênero. Destacamos entre aspas, nos quadros apresentados anteriormente, algumas ocorrências de gírias em ambas as produções (inicial e final) e notamos que não há ligação entre cada uma das partes.

5.7.3 Estrutura composicional

A estrutura composicional do seminário foi trabalhada no segundo módulo por meio de atividades e por meio da explicação sobre a estrutura do seminário, segundo Dolz e Schneuwly (2004): 1) Fase de abertura; 2) Introdução ao tema; 3) Apresentação do plano da exposição; 4) O desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; 5) Uma fase de recapitulação e síntese; 6) A conclusão; 7) O encerramento.

Durante a produção inicial, notamos que os alunos não tinham qualquer noção das partes que constituem o seminário, como vemos nas transcrições apresentadas anteriormente (Quadros 29, 30, 31), nas quais aparecem muitas falas isoladas, que não contextualizam nem mostram ao ouvinte que o seminário possui etapas importantes. Já no seminário final, percebemos que os alunos de maneira geral aprenderam a utilizar as etapas constitutivas do gênero, assim deixando mais clara a organização de um seminário, como vemos nas análises das falas transcritas (Quadros 32, 33).

Diante das comparações dos seminários produzidos, pudemos perceber uma aprendizagem significativa do gênero, o que se deu, em parte, devido à consideração dos aspectos constitutivos do gênero, segundo Bakhtin (1997), quais sejam: estilo, estrutura composicional e conteúdo temático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, após a contextualização do problema e da discussão sobre a relevância do tema escolhido para estudo, apresentamos a fundamentação teórica, momento em que tratamos do ensino e aprendizagem dos gêneros em contexto didático. Nessa parte do texto, destacamos o seminário, gênero sobre o qual nos debruçamos. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos e a proposta didática, e, por fim, apresentamos, descrevemos e analisamos a aplicação da proposta didática concebida para este estudo.

As análises apresentadas nessa última seção mostraram que os alunos tiveram interesse em aprender como produzir um seminário em sala de aula. Assim, ao ser realizado o trabalho com o seminário, pudemos confirmar uma das hipóteses que tínhamos: de que muitos alunos apresentam dificuldades tanto para produzirem quanto para compreenderem o gênero seminário.

Considerando esse resultado, entendemos que nossa proposta didática foi uma boa estratégia para trabalharmos as características formais-discursivas do seminário. Os alunos tiveram a aprendizagem facilitada, com a participação dos demais colegas no processo de produção do seminário, e o professor pôde ensinar como preparar e produzir um seminário, recorrendo a outros gêneros orais, o debate e a entrevista.

Desta forma, a partir do que foi exposto e das ideias de Marschuschi (2008), acreditamos que devemos estudar uma língua por meio de gêneros, em um contexto de compreensão, produção e análise textuais, que favorece o trabalho com os diversos e variados textos orais e escritos.

Entendemos que compete ao professor ensinar ao aluno o contexto social de um gênero, seja ele escrito ou falado. E em se tratando de gêneros orais, há uma grande necessidade de que eles sejam trabalhados na sala de aula, para que a fala dos alunos seja aperfeiçoada e atenda às diferentes necessidades sociais relativas ao uso de gêneros orais formais/públicos.

Como podemos exigir de nossos alunos que eles saibam produzir gêneros orais, se não lhes ensinarmos constantemente, se não temos esse hábito como prática de ensino? Para que isso aconteça, os professores, especialmente os de Língua Portuguesa, devem perceber essas necessidades comunicativas dos alunos, preparar, estudar e planejar aulas que proporcionem a prática da oralidade aos alunos.

Nesse sentido, podemos dizer que o trabalho com o gênero seminário é interessante, uma vez que ele representa uma situação real de uso da oralidade e não uma simulação de uma realidade produzida pelo aluno, como acontece na produção de diversos gêneros trabalhados em contexto didático. Essa é uma oportunidade de o aluno aprender a produzir o gênero e por meio dele construir conhecimento, juntamente com seus colegas, sobre determinado tema. Esse aprendizado é enriquecedor desde a fase de preparação (pesquisa sobre o tema) até a apresentação final.

No que diz respeito, especificamente, a esta pesquisa, constatamos por meio do seminário diagnóstico (produção inicial) que os alunos sabiam muito pouco sobre o gênero. Pensavam que simplesmente falar em público era produzi-lo. Esse entendimento é decorrente do fato de eles nunca terem tido aulas direcionadas ao processo de ensino-aprendizagem desse gênero. Eles tinham pouca experiência com a prática monitorada da fala mais formal em sala de aula nas diferentes disciplinas, por isso não sabiam como se expressar oralmente de maneira mais formal. Tinham necessidade de usar um texto escrito ou “cola” para saberem o que dizer, ou melhor, faziam apenas a oralização de textos escritos, ou decoravam a pesquisa sem terem a compreensão do tema. Esse contexto contribuiu para que eles se sentissem inseguros ou tímidos ao falar.

A abordagem da temática de cada grupo no seminário foi bem superficial e rápida, nas produções iniciais dos alunos, o que se justifica pela pouca experiência com as práticas de leitura/fala e pela timidez dos alunos ao exporem o conteúdo. Já nas produções finais isso mudou, pois os alunos falaram mais sobre os temas e com mais segurança, sem uso de qualquer apoio à fala, demonstrando bom desempenho individual e em grupo. A escolha do tema “Uso de drogas ilícitas”, com seus diferentes subtemas, favoreceu o interesse dos alunos, fazendo com que o trabalho, desenvolvido em trinta aulas, fosse mais prazeroso.

Notamos também, durante a fase das produções iniciais, que os alunos não tinham conhecimento sobre as partes constitutivas do seminário ((1) Fase de abertura; (2) Introdução ao tema; (3) Apresentação do plano da exposição; (4) O desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; (5) Uma fase de recapitulação e síntese; (6) A conclusão; (7) O encerramento (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004)). Já nos seminários finais, percebemos que as apresentações contemplaram quase todas essas etapas.

No que diz respeito ao estilo do seminário, os alunos, em suas produções iniciais, demonstraram dificuldade quanto ao uso de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais do registro formal da língua. Não realizaram articulação entre as partes (falas dos participantes) do seminário e utilizaram o registro mais informal da língua. Na maioria dos casos, notamos o

uso do registro mais formal da língua quando os alunos leram ou decoraram suas pesquisas. Já nas produções finais, verificamos um avanço quanto ao uso da língua em situação formal. Embora ainda aparecessem algumas gírias e poucos articuladores textuais, constatamos mais monitoramento da fala em seu nível formal.

Essas dificuldades verificadas quanto ao uso da oralidade, ao domínio do registro formal, uso de variações linguísticas na fala e na escrita comprovam que esses temas devem ser discutidos ao longo das aulas de Língua Portuguesa. Acreditamos que o trabalho com os diferentes gêneros orais e escritos seja uma boa oportunidade para que o professor conduza os alunos à compreensão do uso da língua em consonância com as situações específicas em que estejam inseridos.

O trabalho a partir dos elementos constitutivos do gênero (estilo, estrutura composicional e conteúdo temático) segundo Bakhtin (1997) permitiu que os alunos tivessem um melhor direcionamento para a produção do seminário e compreendessem efetivamente o que é um seminário e como ele deve ser produzido. Esse trabalho foi desenvolvido de forma diferente por Goulart (2005), e contribuiu para melhorar a aprendizagem dos alunos, conforme relata a autora:

Após as intervenções didáticas realizadas, comprovou-se que os alunos conseguiram apropriar-se, ainda de forma muito tímida, daquilo que, com base em Bakhtin, pode-se definir como as três dimensões básicas que constituem a identidade de um gênero que são: (i) a estrutura composicional (na medida em que os alunos conseguiram, minimamente, organizar o discurso e causar uma atitude responsiva ativa na platéia); (ii) o conteúdo temático (porque eles tomaram decisões importantes em relação à reconfiguração tanto da estrutura do seminário quanto dos conteúdos que nele seriam abordados) e (iii) o estilo (que são os meios linguísticos, verbais, não-verbais e supra-segmentais que operaram o modo como os alunos organizaram seus discursos). (GOULART, 2005, p. 190).

Por meio de nossa proposta didática para o seminário, embasada em pressupostos teóricos da teoria bakhtiniana, principalmente, vimos a aproximação e a interação entre os próprios alunos e o professor, o que favoreceu o uso efetivo da prática social de oralidade em sala de aula (condições de produção do gênero seminário).

Esses resultados nos levam a concluir que a concepção e a aplicação de propostas/sequências didáticas sérias e comprometidas com a realidade do aluno podem cooperar significativamente para o desenvolvimento da sua competência discursiva. Assim, sugerimos, para os alunos de Ensino Fundamental, principalmente, o trabalho com o seminário por meio de nossa proposta didática, uma vez que ela nos mostrou que a pesquisa

sobre o tema, as entrevistas com os colegas, o acesso e a gravação de vídeos, a apresentação do seminário para os colegas de outras turmas contribuíram para que os alunos, ao final da aplicação, dominassem o gênero seminário.

Concluimos, portanto, que a aplicação desta proposta foi de grande importância, uma vez que, por meio dela: i) os alunos mostraram que se apropriaram do conhecimento do gênero; ii) houve melhora no relacionamento professor/aluno e aluno/aluno; iii) os alunos souberam como pesquisar e usar textos escritos de apoio para a oralidade; iv) houve diminuição da indisciplina na sala de aula; v) os alunos tiveram mais consciência sobre o uso da língua oral em situações formais/públicas.

Tendo como base os resultados alcançados, esperamos que esta pesquisa e, mais especificamente, a proposta didática desenvolvida e apresentada possa contribuir para que outros professores sejam bem-sucedidos no trabalho com o gênero seminário na sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. Rio de Janeiro: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BALCELLS, J. P; MARTIN, J. L. F. **Os métodos no ensino universitário**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.
- BEZERRA, M. A. Seminário mais que uma técnica de ensino: um gênero discursivo. In: II CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS DEL DISCURSO, 2., 2003, Puebla. **Resumos...** Puebla: ALED, 2003. v. 1. p. 62-63.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola. 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRAIT, B.; ROJO, R. Organização de seminário ou exposição oral. In: _____. **Gêneros**: artimanhas do texto e do discurso. São Paulo: Escolas Associadas, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997b.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- BUENO, L.; ABREU, C. Gêneros orais na universidade: relato de uma experiência com o seminário. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 8, p. 119-125, 2010.
- CASTILHO, A.T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CAVALCANTE, M. C. B; MELO. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. In: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 181-198.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). Tradução de Roxane Rojo. **Enjeux**, Genebra, p. 31-49, 1996.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

DOLZ, J.; DE PIETRO, B.; SCHNEUWLY, J. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 215-246.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 125-155.

ESTEVES, M. V. L. **Desenvolvimento de gêneros orais na escola**: perspectivas e desafios para a docência. Goiânia: UFG, 2015.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. **Contexto & Educação**, Ijuí, n. 7, p. 19-24, jul./set. 1987.

FARIAS, I. M. S. [et al.]. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília: Liber Livro, 2009.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In: ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino de língua portuguesa**: oralidade e escrita. São Paulo: Contexto, 2011.

FREITAS, P. R. **Produção oral no seminário**: possíveis apropriações em uma prática de ensino. Campinas, SP: UNICAMP, 2016.

GERALDI, J. W. et al. (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1984.

GOMES, M. L. C. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

GOULART, C. **As práticas orais na escola**: o seminário como objeto de ensino. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GRILLO, M. C. O lugar da reflexão na construção do conhecimento profissional. In: MOROSINE, M. C. (Org.). **Professor do ensino superior**: identidade, docência e formação. Brasília: INEP, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: _____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEURER, J. L.; BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

MONTEIRO, C.; VIANA, F.; MOREIRA, E.; BASTOS, A. Avaliação da competência comunicativa oral no Ensino Básico: um estudo exploratório. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 26, n. 3, p. 111-138, 2013. Disponível em: < <http://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3248/26>>. Acesso em: 16.out.2016.

PORTO, M. **Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. Gêneros orais – conceituação e caracterização. **Anais do SILEL**, v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1528.pdf>. Acesso em: 16 out.2016

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é um ensino de língua portuguesa centrado nos gêneros? **Anais do SIELP**, v. 1, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 509-519. Disponível em: <www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/?page_id=3971>. Acesso em: 16 out.2016

VEIGA, I. P. A. O seminário como técnica de ensino socializado. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas, SP: Papirus, 1991. p. 103-113.

VIEIRA, A. R. F. **O seminário: um evento de letramento escolar**. 2005. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

VÍDEOS

COMUNICAÇÃO oral: entrevista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IopYU9RQID4>>. Acesso em: 16 out. 2016.

COMUNICAÇÃO oral e as variantes linguísticas. Vídeo (3min 50 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=em2EXTcSyAY>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

COMUNICAÇÃO oral: seminário. Vídeo (9min 46s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UOEvxhbJIHc>>. Acesso em: 16 out. 2016.

DEBATE sobre a redução da maioria (14min07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZWSE-4-o-C0>>. Acesso em: 15 out. 2017.

DICAS para apresentar seminários. Vídeo (2min 9s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x9MOUMvIxn0>>. Acesso em: 16 out. 2016.

ENTREVISTA sobre gravidez na adolescência. Vídeo (14min54s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N-ibkeUFehA>>. Acesso em: 16 out. 2016.

OFICINA Debate na sala de aula: aprendendo a argumentar. VII OCMEA (% min23s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ASNtlFJAjw4>>. Acesso em: 15 out. 2017.

POWER POINT 2013/16 - Apresentação de *slides* profissional em poucos minutos. Vídeo (29min02s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g0qBWZpk60g>>. Acesso em: 16 out. 2016.

I SEMINÁRIO da Escola Gil Ney Lins de Alencar – Trindade-PE. Vídeo (9min18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kJtK-mG3vR0>>. Acesso em: 15 out. 2017.

SEMINÁRIO de Geografia: país da África - Escola Estadual “Dona Veneranda Martins Siqueira”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HgV-uj091VU>>. Vídeo (5min). Acesso em: 16 out. 2016.

SEMINÁRIO: Como fazer uma palestra- Parte 1. Vídeo (9min 57s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vjcT_jQQzXk>. Acesso em: 16 out. 2016.

TRABALHO escolar sobre a entrevista. Vídeo (11min27s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wLz1dsj7Tn0>>. Acesso em: 15 out. 2016.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Projeto COLÉGIO CONTRA AS DROGAS

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos, o consumo de drogas ilícitas tem aumentado assustadoramente, principalmente em regiões periféricas, como é o caso do setor Santa Luzia e bairros adjacentes em Aparecida de Goiânia – Goiás, local onde está localizado o Colégio.

Diante desta realidade e com a necessidade de se discutir, orientar e conscientizar sobre o uso de substâncias entorpecente e a geração de violência, em parceria com a Polícia Militar da região elaboramos uma proposta de trabalho com os alunos do colégio sobre o tema; na tentativa de trazer discussões, conscientização e ações de combate ao uso de drogas e consequentemente a diminuição dos índices de violência dentro e fora da escola na região mencionada.

A principal causa do uso de drogas está associado à falta de informação e a desestruturação familiar. E a Escola tem um papel fundamental em nossa sociedade para uma conscientização e orientação sobre diversos problemas sociais, dentre eles a relação entre o uso de drogas e o aumento da violência.

Pensando nisso trouxemos uma proposta de conscientização, orientação sobre o uso de drogas ilícitas com a colaboração de todos os profissionais da escola. Pois a Escola deve criar estratégias que possam envolver toda comunidade sobre problemas relacionados ao consumo de drogas lícitas e ilícitas que faz parte da “Educação Antidrogas” é um tema transversal e multidisciplinar, o que implica que a abordagem dessa questão deve se dar de forma integrada entre as disciplinas.

Assim, acreditamos que esse projeto irá contribuir para a reflexão de questões relativas ao uso de álcool e outras drogas, somando às ações da Polícia Militar da nossa região.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Promover um amplo trabalho de educação para prevenir e reduzir os problemas decorrentes do uso de drogas na região.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Enriquecer o currículo escolar com atividades práticas e teóricas na exploração do tema transversal “Educação Antidrogas”;
- Estabelecer diversas parcerias com entidades e órgãos públicos para ampliar os trabalhos e projetos desenvolvidos na Escola;
- Promover o interesse e participação da comunidade em ações e projetos da Escola;
- Oferecer atividades voltadas para o desenvolvimento integral do adolescente: cidadania, mercado de trabalho, ética, dentre outros;
- Despertar nos adolescentes o reconhecimento de valores humanos;
- Promover um intercâmbio com todos os demais Projetos e Programas de desenvolvimento social em andamento na região da Polícia Militar.

3 METODOLOGIA

O projeto será desenvolvido por uma equipe de professores do Colégio, em todo ano letivo. Haverá um momento de planejamento de ações coletivas e desenvolvimento de diversas atividades. Posteriormente atividades que trouxeram reflexões sobre o tema, tais como:

- Palestras promovidas pela Polícia Militar;
- Aprendizagem do gênero seminário que faz parte de um projeto de pesquisa de mestrado intitulado: O seminário na sala de aula: teoria, análise e intervenção;
- Produção de debates;
- Produção de documentários;
- Entrevistas;
- Leitura de textos de jornais e revistas para a sensibilização;
- Pesquisas na biblioteca e na internet;
- Jogos;
- Passeios ciclísticos;
- Caminhadas;
- Mostra de vídeos.
- Culminância do projeto com uma semana na escola (SEMANA DE COMBATE ÀS DROGAS) de exposição de trabalhos orais e escritos dos alunos, de momentos de reflexão e principalmente de ações para mostrar ao aluno que existem caminhos

melhores e alternativas boas para os adolescentes e os jovens ocuparem seu tempo e terem uma perspectiva de futuro melhor, tais como: jogos, pregações, palestras sobre profissões, apresentações musicais, dança, seminários, dentre outros, com pessoas de dentro e de fora da escola.

3.1 Conteúdos e atividades

A - LINGUA PORTUGUESA

- Leitura de textos sobre uso de drogas;
- Elaboração de redações com essa temática;
- Debates e produção de outros gêneros orais e escritos;

B - MATEMÁTICA

- Organizar gráficos com números de usuários e mortes de pessoas pelo uso de drogas na região da escola;
- Organizar tabelas com dados de ocorrências policiais de tráfico de drogas na região.

C - INGLÊS

- Traduzir e comparar letras de músicas que falam de problemas sobre drogas;
- Propor aos alunos que pesquisem artistas e músicos de língua inglesa que tiveram problemas com uso de drogas.

E - CIÊNCIAS

- Males do consumo de drogas no corpo;
- Risco do consumo de drogas na gravidez.

F - HISTÓRIA

- Males das drogas na história da humanidade;
- Drogas nas civilizações antigas (gregos, romanos, babilônios, egípcios etc.);
- Drogas em rituais mágicos nas comunidades indígenas;

G - GEOGRAFIA

- Origem das drogas no mundo e no Brasil;
- Tráfico Internacional de drogas;

- Visão das religiões.

H - EDUCAÇÃO FÍSICA

- Doping nos esportes nacionais e internacionais;
- Prejuízos do uso de anabolizantes.

I - ENSINO RELIGIOSO

- a visão da bebida e do fumo nas religiões;
- o papel das igrejas no apoio aos usuários de drogas;

J - ARTES

- Desenhos, imagens e apresentações culturais sobre a temática;

L- MÚSICA

- -Elaboração de letras de música e música sobre a temática.

4 RECURSOS MATERIAIS

- Material didático: papéis variados, lápis de cor, pincel, tinta guache, tinta plástica de cores variadas, isopor, cartolina, TNT, cola branca, fita adesiva, tesoura, cola glitter, etc.;
- Aparelho de Data Show e computador portátil;
- Equipamento de som, com caixas e microfone;
- Aparelho de DVD e televisor tela plana.

5 CRONOGRAMA

Datas	Atividades/Apresentações
Março a agosto	Leituras, atividades em sala, discussão sobre os temas em cada disciplina, palestras sobre o tema;
Maio	Passeio ciclístico contra as drogas (abertura oficial do projeto); Apresentações de seminários 9º anos;
Junho	Apresentações no batalhão da Polícia Militar;
Agosto	Caminhada contra as drogas (finalização do projeto); Culminância do projeto (Semana Artur contra as drogas);

6 AVALIAÇÃO

Os alunos serão observados durante todo o desenvolvimento do projeto, através da observação do interesse, participação, realização das atividades orais, escritas. Os conteúdos explorados também serão analisados pelos trabalhos e provas aplicadas em sala de aula durante cada bimestre.

APÊNDICE B – Declaração da Instituição Coparticipante

DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Declaro estar ciente que o Projeto de Pesquisa “O SEMINÁRIO NA SALA DE AULA: TEORIA, ANÁLISE E INTERVENÇÃO” será avaliado por um Comitê de Ética em Pesquisa e concordar com o parecer ético emitido por este CEP, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta Instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos Participantes da pesquisa, nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Autorizo os(as) pesquisadores(as) Elisete Maria de Carvalho Mesquita e Raquel Longuinho Lopes de Almeida a realizarem a(s) etapa(s) de uma proposta de intervenção por meio de uma proposta didática no primeiro semestre de 2017, que esperamos que possa contribuir para o ensino-aprendizagem do gênero seminário dos alunos e também auxiliar o trabalho do professor para ensinar a prática da oralidade e o gênero seminário. Tais atividades serão realizadas na sala de aula, no pátio da escola e nos ambientes que se mostrarem adequados para realização desta pesquisa-ação. A proposta didática será desenvolvida na sala de aula com alunos de uma turma de 9º ano por meio de planos de aulas que contenham expectativas de aprendizagem, conteúdo programático, objetivos, estratégias de ensino e avaliação utilizando-se da infra-estrutura desta Instituição


Ednamar Gonçalves de Sousa

Diretora
Portaria 0654/2015
Ednamar Gonçalves de Sousa
Diretora

Colégio Estadual Presidente Artur da Costa e Silva
30/09/2016

APÊNDICE C – Termo de Compromisso da Equipe Executora**TERMO DE COMPROMISSO DA EQUIPE EXECUTORA**

Nós, abaixo assinados, nos comprometemos a desenvolver o projeto de pesquisa intitulado “**O SEMINÁRIO NA SALA DE AULA: TEORIA, ANÁLISE E INTERVENÇÃO**” de acordo com a Resolução CNS 466/12.

Declaramos ainda que o Projeto de Pesquisa anexado por nós, pesquisadores, na Plataforma Brasil possui conteúdo idêntico ao que foi preenchido nos campos disponíveis na própria Plataforma Brasil. Portanto, para fins de análise pelo Comitê de Ética, a versão do Projeto que será gerada automaticamente pela Plataforma Brasil no formato “.pdf” terá o conteúdo idêntico à versão do Projeto anexada por nós, pesquisadores.

Data: 30/09/2016

Nomes e Assinaturas:

Elisete M. de C. Mesquita

Elisete Maria de Carvalho Mesquita

Raquel Longuinho L. de Almeida

Raquel Longuinho Lopes de Almeida

**ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o/a responsável pelo/a
menor participante da pesquisa**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O/A RESPONSÁVEL
PELO/A MENOR PARTICIPANTE DA PESQUISA**

Prezado (a) senhor (a), o (a) menor, pelo qual o (a) senhor(a) é responsável, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “**O SEMINÁRIO NA SALA DE AULA: TEORIA, ANÁLISE E INTERVENÇÃO**”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Profa. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita (orientadora) e Profa. Especialista Raquel Longuinho Lopes de Almeida (orientanda).

Nesta pesquisa objetivamos desenvolver uma proposta de intervenção que objetiva oportunizar aos alunos de 9º ano do Ensino Fundamental, o desenvolvimento de habilidades específicas para a apropriação, o domínio e o efetivo uso social do gênero oral seminário. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Profª Especialista Raquel Longuinho Lopes de Almeida, no Colégio Estadual Presidente Artur Costa e Silva, durante reunião a ser realizada com pesquisadora e pais e/ou responsáveis pelos menores participantes do estudo.

Em nenhum momento o/a aluno (a) menor de 18 anos será identificado (a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O (a) menor não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

O único risco da participação do/(a) aluno (a) menor no estudo seria a identificação do sujeito. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto à sua identidade e quanto ao nome da Instituição onde estuda. Quanto aos benefícios, este estudo possibilitará ao (à) aluno (a) menor de 18 anos que estuda no Ensino Fundamental a oportunidade que o estudo trará muitos resultados positivos para os participantes, pois esse projeto de pesquisa contempla uma prática de oralidade do gênero seminário, tão importante para a aprendizagem do aluno dentro e fora da sala de aula, bem como para as séries posteriores e até para o ensino superior. Também poderá auxiliar professores/professoras do ensino fundamental, no sentido de incentivá-los a criar novas alternativas de melhorias para educação básica no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa e principalmente sobre o uso de gêneros orais dentro e fora da sala de aula.

O (a) menor é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o (a) senhor (a), responsável legal pelo (a) menor.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o (a) senhor (a), responsável legal pelo(a) menor, poderá entrar em contato com a professora Elisete Maria de Carvalho Mesquita, na Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco G, sala 232, telefone 32394162, ou com a aluna Raquel Longuinho Lopes de Almeida, Telefone (62) 35679284. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: (34)32394131.

Aparecida de Goiânia, de de 2016.

Assinatura das pesquisadoras

Eu, responsável legal pelo (a) menor _____ consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele (a) deseje, após ter sido devidamente esclarecimento.

Responsável pelo(a) menor participante da pesquisa

ANEXO B – Termo de Assentimento para o Menor

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **“O SEMINÁRIO NA SALA DE AULA: TEORIA, ANÁLISE E INTERVENÇÃO”**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Prof^{as}. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita (orientadora) e Prof^a. Especialista Raquel Longuinho Lopes de Almeida (orientanda).

Nesta pesquisa objetivamos desenvolver uma proposta de intervenção que objetiva oportunizar aos alunos de 9º ano do Ensino Fundamental, o desenvolvimento de habilidades específicas para a apropriação, o domínio e o efetivo uso social do gênero oral seminário.

Na sua participação você fará uma discussão, debate e comentários em grupo sobre um tema proposto para apresentação de seminário para os demais alunos do colégio, bem como uma explicação para eles de como preparar e realizar um seminário.

Em nenhum momento você será identificado/a. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

O único risco de sua participação no estudo seria a sua identificação. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto à sua identidade e quanto ao nome da Instituição onde estuda. Quanto aos benefícios, este estudo possibilitará a você oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura e de escrita, de forma a contribuir para minimizar dificuldades encontradas. Além disso, fornecerá subsídios para outros professores de Língua Portuguesa que atuam nessa modalidade de ensino.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a professora Elisete Maria de Carvalho Mesquita, na Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco G, sala 232, telefone 32394162, ou com Raquel Longuinho Lopes de Almeida, Telefone (62)35679284. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Aparecida de Goiânia,..... dede 20.....

Assinatura das pesquisadoras

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa